Tintteiro

Nº4/2022
ISSN: 2596-2841

35 anos Editora UFPR

Entrevista

O cartunista Adão Iturrusgarai em novo desafio: escrever

Palco vivo

Três profissionais das artes cênicas mostram o que é fazer teatro hoje

Desastre na TV

Como o jornalismo deve cobrir a crise climática no mundo

editorial

Tempo de mudança

Esperamos que, em 2023, possamos reconstruir as instituições públicas de educação, tão vulneráveis e desvalorizadas nos últimos anos. — por ***Alan Santiago Norões Queiroz, Francisco R. S. Innocêncio*** e ***Maria Cristina Perigo,*** *os editores*

Esta quarta edição da *Tinteiro* chega ao leitor em tempo. Apesar das dificuldades que persistiram e se avolumaram neste ano de 2022, por conta dos novos cortes e contingenciamentos impostos aos orçamentos da área de educação em nosso país, a revista *Tinteiro* encerra mais um fim de ano em clima de esperança e comemoração.

O ano de 2022 foi marcado não só pelos novos tempos, de adaptação ao novo normal e de maior contato interpessoal — dada a retomada às atividades presenciais (trabalho e aulas em instituições públicas e privadas) —, após quase dois anos de distanciamento e afastamento total ou parcial de vários ambientes em virtude da pandemia da covid-19, mas, também, pelas eleições gerais no Brasil. Bastante singular, diga-se de passagem, a eleição para presidente da república abriu caminho para a esperança.

Esperança de que haja, em 2023, maior ressonância quanto a pontos cruciais da agenda democrática e, para nós, particularmente, da ênfase na reconstrução das instituições públicas de educação, tão vulneráveis e desvalorizadas nos últimos anos.

Mas a nossa comemoração vai além das boas novas: a presente edição da *Tinteiro* é efetivamente comemorativa. Isso porque a Editora UFPR completou, neste ano de 2022, três décadas e meia de existência. Matéria especial desta edição, os 35 anos da instituição que produz esta revista nos convida a olhar o futuro com a clareza e o entendimento do passado, imprescindíveis para apreender o lugar de destaque da Editora UFPR entre as editoras universitárias brasileiras e nas prateleiras de seu público mais fiel.

> **“ Matéria especial desta edição, os 35 anos da Editora UFPR, que produz esta revista, nos convida a olhar o futuro com a clareza e o entendimento do passado**

Assim, é neste clima de mudança e na perspectiva de um novo futuro que a revista *Tinteiro* também se reposiciona como importante canal de comunicação com a comunidade em geral. Buscando organizar a casa e atualizar o seu fluxo editorial, a *Tinteiro* chega aos leitores um pouco mais gordinha. É que, para regularizar as publicações do Concurso de Contos Luci Collin, esta edição traz não três, mas seis contos, abrangendo os vencedores de 2021 e 2022. Mas não é só isso que engorda a *Tinteiro*. Seguindo sempre fiel ao seu papel de unir amigos, artistas e escritores para levar informação de qualidade aos leitores, cada vez mais exigentes, a presente edição reúne a vontade de criar bons conteúdos, a inspiração num catálogo sólido de livros e a energia de toda a nossa equipe na produção de uma gama ainda maior de textos envolventes e plurais. O resultado você pode conferir nas próximas páginas. Boa leitura!

Tinteiro, Nº 4 / 2022 — Publicação da Editora UFPR — ISSN: 2596-2841

Reitor da UFPR
Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora
Graciela Bolzón de Muniz

Coordenador da Editora UFPR
Rodrigo Tadeu Gonçalves

Assessor da Editora UFPR
Rafael Faraco Benthien

Editores
Alan Santiago Norões Queiroz
Francisco R. S. Innocêncio
Maria Cristina Perigo

Entrevistadora
Maria Cristina Perigo

Colaboradores
Ana Carolina Passos de Oliveira
Arzírio Cardoso
Bruna Marina Portela
Bruno Cobalchini Mattos
Emanuela Siqueira
Isabela Brasil Magno
Juliana Diógenes
Jussara Salazar
Ligia Souza
Léo Moita
Marcella Lopes Guimarães
Marcos Solivan
Val Sales
Vinicius Ferreira dos Santos Andrade

Capa
Marina Lucio Mendonça

Ilustrações
Gabrielle Beatriz de Paula Assunção
Marina Lucio Mendonça

Dicas do editor
Alan Santiago Norões Queiroz

Revisão
Alan Santiago Norões Queiroz
Francisco R. S. Innocêncio
Maria Cristina Perigo

Coordenação Gráfica
Thainá Kramer

Projeto Gráfico
Nicole Jaroszewski

Direção de Arte
Alan Santiago Norões Queiroz
Maria Cristina Perigo
Thainá Kramer

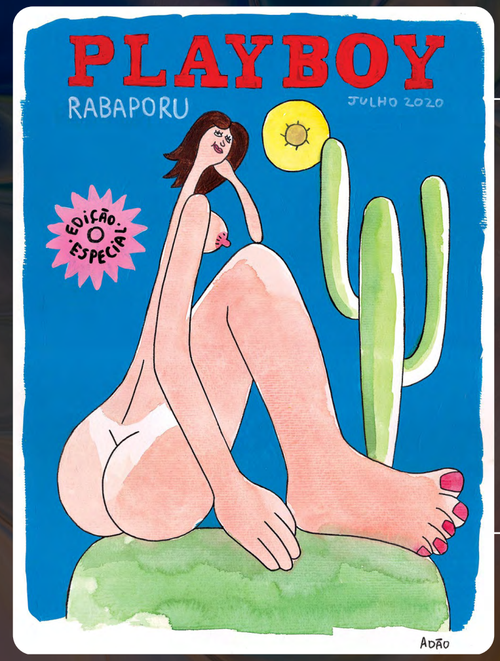
Diagramação
Thainá Kramer
Gabrielle Beatriz de Paula Assunção
Marina Lucio Mendonça
Samarah Wippel Selski

Editora UFPR
Rua Ubaldino do Amaral, 321, 1º andar
Alto da Glória - Curitiba (PR)

Editora UFPR
www.editora.ufpr.br

Mudanças climáticas 12
Os desafios do jornalismo

10 *Resenha*
Virginia Woolf em tradução



16 *Adão Iturrusgarai*
O cartunista conta sobre seu livro de memórias



38 *Entre culturas*
O que tornou o curso de letras da UFPR o maior formador de tradutores literários do Brasil

75 *Concurso Luci Collin*
Os contos vencedores em 2021 e 2022

50 *Aniversário*
Com a experiência do passado, a Editora UFPR olha para o futuro



42 *Coxia aberta*
Especialistas revelam os bastidores do espetáculo teatral



Mulheres no acervo
Que história está sendo contada no Museu Paranense? 26

crônica

O que *comporta* uma palavra?

As palavras são nossa maior conquista como espécie. Mas às vezes parecem insuficientes e ineptas. — por *Arzírio Cardoso**



Leia mais

Crônicas de quarentena e outras virulências

Arzírio Cardoso

Patuá

169 p.

Há muito tempo venho refletindo sobre o que podem as palavras, qual o seu poder de alcance, até onde vai sua capacidade de transferir de uma mente para a outra os pensamentos que por ali transitam, como se fossem um meio de transporte, o quão bem-sucedida pode ser sua pretensão de descrever precisamente experiências e sensações, até que ponto elas são capazes de fazer-nos experimentar o que se passou no corpo de outra pessoa. "Tive fratura exposta na perna quando caí de moto, o osso chegou a rasgar a calça", conta-me o amigo desastrado, e a cena que como uma ordem é projetada em meu cinema mental instantaneamente impõe-me um tenso fechar de olhos, uma careta feia no rosto e um grunhido de repulsa na boca, como se por um momento aquela dor medonha fosse compartilhada.

Mas será que elas podem tanto? É possível mesmo sentir o que o outro sente a partir das palavras que como flechas nos são lançadas? Eu senti a dor do osso rasgando a carne e a pele?

Certa vez, na universidade, eu conversava com um colega a respeito dos níveis gradativos de significado que uma palavra pode comportar. Por exemplo, usamos a palavra "fome" para referir-nos tanto àquela vontade de comer que bate ao meio-dia, quando sentimos o cheiro bom da comida, quanto ao flagelo que se abate sobre pessoas em situação de miséria. Em tom de concordância, postulamos a ideia de que, se chamamos de fome aquela vontadinha de comer, então deveríamos ter outra palavra para descrever o que sente alguém que não tem comida e não come há dias, e que seria uma forma brutal de desrespeito com os famintos chamar os dois fatos pelo mesmo nome.

Como são estimulantes essas reflexões abstratas, essas incursões seguras pelo mundo das ideias, essas meras suspeitas, advindas da inexperiência em certas áreas da vida, atreladas ao fato de a linguagem ser universal, possibilitando que reflitamos sobre ela, ainda que nunca tenhamos passado fome.

Esse bate-papo amigável e abstrato de anos atrás desenrolou-se, claro, com direito a uma boa xícara de café com leite e a coxinhas quentes e crocantes, afinal, depois das aulas, estávamos com fome. Agora imaginem o tamanho da minha surpresa quando, hoje mesmo, dei de cara com esse depoimento inacreditavelmente concreto do livro de memórias *É isto um homem?*, do escritor italiano — e sobrevivente do Holocausto — Primo Levi:

"Assim como nossa fome não é apenas a sensação de quem deixou de almoçar, nossa maneira de termos frio mereceria uma denominação específica. Dizemos 'fome', dizemos 'cansaço', 'medo' e 'dor', dizemos 'inverno', mas trata-se de outras coisas. Aquelas são palavras livres, criadas, usadas por homens livres que viviam, entre alegrias e tristezas, em suas casas. Se os campos de extermínio tivessem durado mais tempo, teria nascido uma nova, áspera linguagem, e ela nos falta agora para explicar o que significa labutar o dia inteiro no vento, abaixo de zero, vestindo apenas camisa, cuecas, casaco e calças de brim e tendo dentro de si fraqueza, fome e a consciência da morte que chega."

Ao ler esse trecho pungente e desalentador, três pensamentos me ocorreram.

O primeiro é o de que a empatia, o nobre sentimento da empatia, é um exercício de imaginação, nunca de transferência: compadeço-me pela aflição do outro, não quero que sua dor exista, mas jamais poderei senti-la, porque não existe a possibilidade de nos ausentarmos do nosso corpo, de nos conectarmos fisicamente a um outro sistema nervoso.

O segundo é o de que as palavras, por mais que se empenhem com afinco, conseguem tocar apenas a superfície das coisas. Quando digo "homem", o que vejo é uma silhueta, um recorte bidimensional decalcado de um fundo tornado opaco pela própria ação de decalcar. Para dizer um homem todo, seria preciso dizer mais, muito mais: seria preciso dizer estômago, tripas, sangue, veias, sensações, ideias, desejos. E no instante em que todas as palavras tivessem sido ditas, concluir: não alcanço, é-me impossível, pela linguagem, rastrear o mundo, vislumbrar seu cerne, porque as palavras são uma cerca de arame farpado tentando interceptar o rio da realidade, porque o todo é mais extenso do que a soma das partes nomeáveis. O todo é uma coisa que não tem nome.

O terceiro pensamento é o de que é muito bom que os campos de extermínio nazistas não duraram um pouco mais e, portanto, uma nova linguagem para então descrever aquilo não precisou nascer. Se tivesse nascido, no entanto, não acredito que ela seria mais eficiente em sua tentativa de nos fazer entender o que aconteceu, em nos fazer sentir o que eles sentiram. É como se a realidade se expandisse, aos moldes do universo, e a linguagem estivesse sempre a um metro de sua borda, avançando em igual velocidade. Seguirá sempre firme em seu encalço, aspirará seu cheiro, a vasta cabeleira do mundo lhe roçará as faces, porém jamais alcançará o limite.

Somos seres de linguagem, as palavras são o nosso melhor, nossa maior conquista enquanto espécie. Mas como às vezes elas parecem insuficientes, como parecem ineptas.

Fotografia abstrata de Robert Gombos



*__Arzírio Cardoso__ é cronista, poeta, professor e mestre em estudos de linguagem e tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal Paraná (UTFPR). Paranaense, tem quatro livros publicados, dois de poesia e dois de crônicas, além de participações em antologias. Em 2021, foi finalista do Prêmio Jabuti, na categoria Crônica, com o livro *Conheço duas formas de acabar com a vida que são tiro e queda* (Patuá). Também em 2021 seu livro *Crônicas de quarentena e outras virulências* venceu o Prêmio Literário Cidade de Manaus. "O que comporta uma palavra?" faz parte dessa obra.

trecho

As *cordas* dedilhadas

O Barroco e o violão é a primeira publicação acadêmica em livro no Brasil sobre transcrição musical para o violão do repertório daquele movimento artístico. — por *Renato Cardoso**

Leia mais



O Barroco e o violão: um guia para transcrição direta

Renato Cardoso

Coleção Luteria, História e Cultura Musical, n. 6

167 p.

A musicologia histórica desenvolvida ao longo do último século trouxe para as práticas interpretativas novas questões a respeito da necessidade de um embasamento histórico-musicológico na performance musical. Dentre as principais questões que adentraram tal debate estão a consulta a documentos de época, a adequação ao estilo e a aprendizagem de técnicas idiomáticas dos instrumentos antigos, que revelaram ao longo das últimas décadas uma sonoridade até então desconhecida da música de repertório. Inevitavelmente, essas questões envolveram aqueles que optaram por executar o repertório antigo em instrumentos de época, assim como os demais músicos que já vinham tocando tal repertório em instrumentos modernos. (p. 11)

[...]

Conforme a reflexão que empreendi, a escolha do instrumento é um fator artístico, pois constitui opção por uma ferramenta expressiva que melhor viabiliza as escolhas artísticas do músico. Em geral, esse nível de escolha se dá quando um músico define profissionalmente os instrumentos que toca, considerando o que irá ser mais efetivo para expressar a maneira conceitual e sonora do repertório que ele aborda. Independentemente de a opção ser por um instrumento de época ou por um instrumento moderno, essa consideração é de ordem pessoal e artística, não científica ou histórica. (p. 27)

[...]

Depender apenas e prioritariamente de um instrumento de época não necessariamente garante uma aproximação estilística e interpretativa com o repertório e nem deve ser entendido como uma prática de história, já que a interpretação historicamente orientada é uma questão de herança cultural. Considero que existem alguns fatores musicais que devem ser priorizados em relação à específica escolha do instrumento: que a interpretação seja idiomática, tenha estilo e que apresente possibilidades cognitivas, sempre buscando um efeito geral das cordas dedilhadas. (p. 28)

[...]

É comum o instrumentista de hoje preservar uma certa fidelidade em relação a instrumentos de época, mas a associação de um repertório com um instrumento específico não é uma questão de fidelidade histórica. Se a característica da época é a flexibilidade quanto à instrumentação, conclui-se que o rigor em relação à escolha dos instrumentos fere uma das mais importantes características da prática musical da época. Nas cordas dedilhadas e na relação que seu repertório estabeleceu com outros instrumentistas durante o Barroco, os aspectos pragmáticos da vida musical se sobressaíam e alimentavam a criatividade de compositores e performers. (p. 34)

Leia mais



Museu dos Instrumentos Musicais (MIMU)
Org.: Juarez Bergmann Filho
98 p.



Do som ao sinal: história da notação musical
Jean-Yves Bosseus
Trad.: Marco Aurélio Koentopp
143 p.



A arte de praticar violino
Robert Gerle
Trad.: João Eduardo Titton
148 p.



Canto gregoriano: uma abordagem introdutória
Jacques Viret
Trad.: Paulo Valente
160 p.



Luteria: coletânea de termos técnicos
Rodrigo Mateus Pereira
Col.: Bogdan Skorupa *et al.*
179 p.

***Renato Cardoso** é doutor em música (educação musical) pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na área de educação musical — práticas musicais coletivas.

primeiras páginas

Saindo da *prensa*

A rica coleção de incunábulos da Biblioteca Nacional e a relação entre as mulheres e os livros na França do século XVII viram temas de trabalhos que põem a leitura em foco. — por *Marcella Lopes Guimarães**

Kátia Brasilino Michelan e Beatriz Polidori Zechlinski ainda não foram apresentadas e não leram o trabalho uma da outra. Sua ponte imediata sou eu. Um dia, Kátia me convidou para debater seu livro *Um patrimônio de origem medieval no Brasil: guia classificatório dos incunábulos da Fundação Biblioteca Nacional*, lançado neste ano de 2022, resultado da sua experiência como pesquisadora residente na Fundação Biblioteca Nacional entre os anos de 2014 e 2016. Para o lançamento, que aconteceu na noite de 28 de março, convidou também sua grande amiga, a pesquisadora Danielle Oliveira Mércuri. Conheço o trabalho de Kátia e de Danielle há vários anos; há vários anos, nós nos lemos, e eu as admiro. Em 2012, integrei a banca de defesa de tese de doutorado de Beatriz Polidori Zechlinski, intitulada *Três autoras francesas e a cultura escrita no século XVII: gênero e sociabilidades*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora doutora Ana Paula Vosne Martins, e, desde então, passei a insistir na publicação do trabalho que segue sendo uma das melhores teses que li na minha carreira. Dez anos depois, Beatriz realizou meu sonho e publicou: *"Quero ver as minhas obras saindo da prensa": mulheres e livros na França do Antigo Regime*.

> **"As pesquisas [...] convidam o público a refletir sobre patrimônio, tradição, transferência de bens culturais, transformação de práticas, formas de viver e reações sociais que emergem quando contemplamos livros.**



Um patrimônio de origem medieval no Brasil: guia classificatório dos incunábulos da Fundação Biblioteca Nacional

Coleção Rodolfo Garcia, volume 45

Kátia Brasilino Michelan

Fundação Biblioteca Nacional, 2022

216 p.

"Quero ver as minhas obras saindo da prensa": mulheres e livros na França do Antigo Regime

Beatriz Polidori Zechlinski

Editora Cancioneiro, 2022

316 p.



***Marcella Lopes Guimarães** é professora do Departamento de História da UFPR, bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 do CNPq e autora de obras literárias, didáticas e historiográficas, além de artigos científicos e capítulos de livros, publicados no Brasil e no exterior. Seu último livro na área de historiografia é *As vidas dos trovadores medievais: quem foram esses homens e mulheres que cantaram o amor* (Máquina de Escrever, 2021). Criou o *blog Literistórias*: www.literistorias.org.

Mais debate

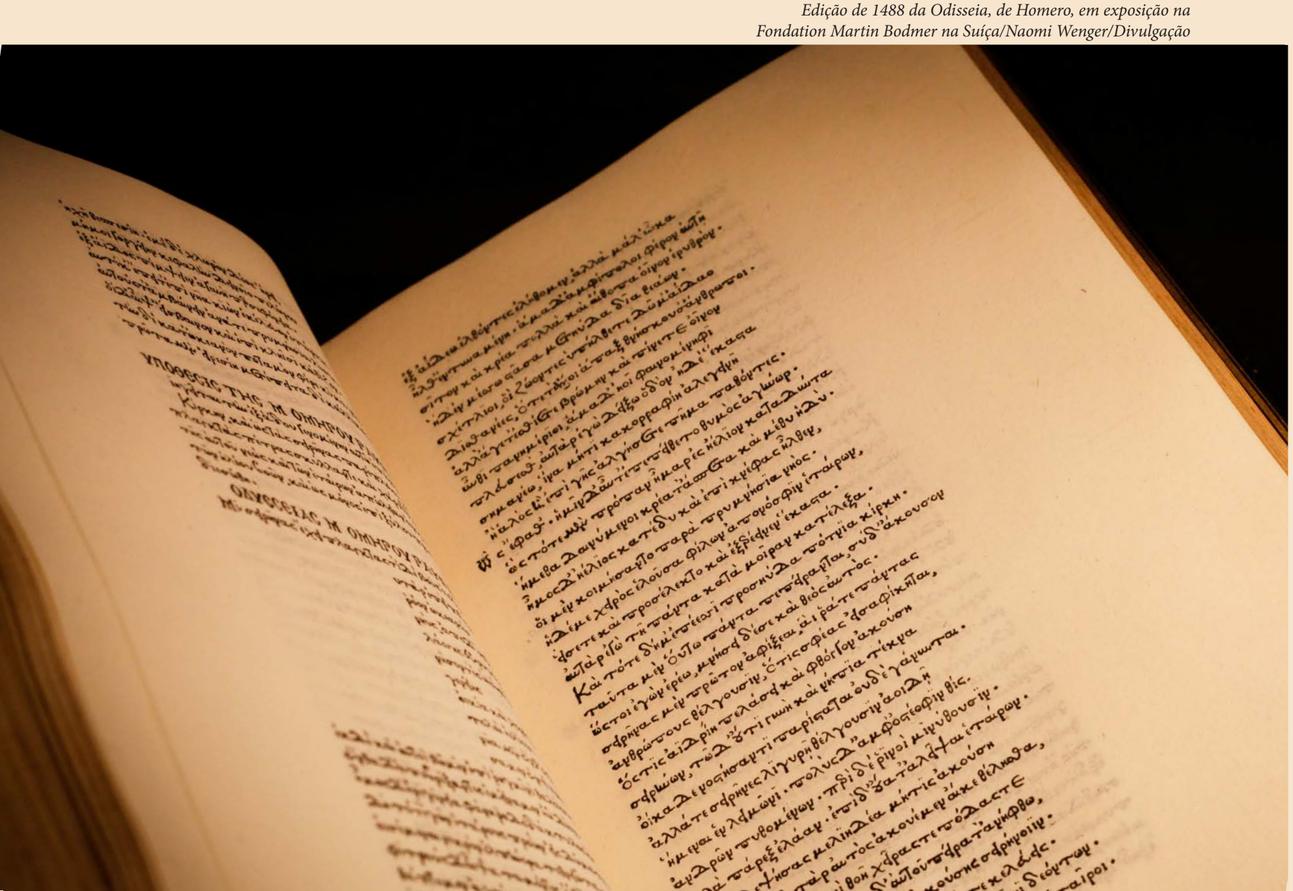
Assista ao lançamento do livro *Um patrimônio de origem medieval no Brasil*

mulheres e livros na França do Antigo Regime (Cancioneiro, 2022). Ambas as pesquisadoras são historiadoras de formação, e suas obras publicadas este ano compreendem capítulos importantes sobre a história do livro, da leitura, da escrita, da formação das bibliotecas, das sociabilidades em torno do livro e da pesquisa acadêmica realizada pelas brasileiras.

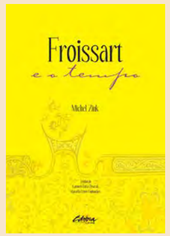
A Biblioteca Nacional (BN), situada na cidade do Rio de Janeiro, possui mais de duzentos incunábulos em seu rico acervo, provenientes de pelo menos três fontes: a Real Biblioteca Portuguesa, doações e compras. Incunábulos são os livros impressos até cerca de 1500, com um formato muito semelhante ao dos manuscritos medievais; mas o que se compreendeu por incunábulo foi posterior ao seu contexto de produção — a definição apareceu "formulada no século XVII, em uma visão retrospectiva da produção livresca", afirma Kátia Brasilino Michelan. Naquele conjunto da BN, ela identificou três eixos temáticos principais: textos greco-romanos, livros religiosos ou de religiosos cristãos, e escritos laicos e/ou vernáculos. Além disso, registrou os autores, o local de impressão e o possuidor imediatamente anterior à chegada da obra na BN. Fez muito e não achou que fosse suficiente: informou sobre a própria origem da Biblioteca Real Portuguesa, de onde os incunábulos vieram, delimitou a trajetória dos textos em cada eixo temático e teceu considerações importantes (e graves) a respeito da proteção do acervo da BN como um todo. O pesquisador interessado nesses incunábulos terá acesso a uma descrição completa de cada unidade. Isso significa que Kátia repete informações com o claro objetivo de facilitar a consulta ao acervo, para que não se perca tempo percorrendo o livro todo atrás de informações espalhadas.

O século em que a noção de incunábulo é forjada compreende o tempo de vida em que se agitam as principais "personagens" da investigação de Beatriz Polidori Zechlinski, a saber: Madame de La Fayette, Madeleine de Scudéry e Jaqueline Pascal. Beatriz realizou parte da pesquisa na França e traz no livro traduções de textos até então inéditos em língua portuguesa, um trabalho relevante já de partida. Ela está interessada na formação e nas possibilidades entrevistas pelas mulheres escritoras do século XVII. A pesquisa rompe com a ilusão teleológica de que estamos sempre "evoluindo", pois demonstra que a liberdade que as mulheres letradas desfrutaram no século XVII conheceu uma retração significativa no século XVIII. Beatriz sentiu a necessidade de realizar uma "volta" para compreender a importância da imprensa

Edição de 1488 da Odisseia, de Homero, em exposição na Fondation Martin Bodmer na Suíça/Naomi Wenger/Divulgação



Outros livros da autora



Froissart e o tempo

Michel Zink

Trad.: Carmem Lúcia Druciak e Marcella Lopes Guimarães

256 p.

Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais

Marcella Lopes Guimarães (Org.)

195 p.



como transformadora de práticas no ensino, na leitura e no mundo do trabalho. Essa volta faz as obras das duas pesquisadoras que trago aqui se encontrarem na minha leitura. Beatriz incluiu as mulheres na trama como partícipes de uma transformação e como protagonistas: escritoras que "disputam" o gosto do público e que, nos Seiscentos, discutem com seus pares nos salões que elas mesmas dirigiram. O movimento das Preciosas, como elas foram chamadas no século XVII, haveria de conhecer reação por parte de seus "concorrentes", ou seja, entre escritores — vide o caso de Molière, que se consagrará a detratá-las em suas peças.

Eu aprendi muito lendo os livros de Beatriz e Kátia. No caso de Beatriz, a importância dos salões, da amizade — como uma rede de colaboração, troca de afetos e possibilidades! —, da família, das trajetórias das mulheres, seu amor pelos livros e sua insistência por procurar a palavra escrita. No caso de Kátia, o desvendamento de um tesouro e ao mesmo tempo a aventura dos livros! Roger Chartier orientou Beatriz na França e escreveu um lindo livro sobre *A aventura do livro: do leitor ao navegador…* Pela pesquisa de Kátia, vemos os livros viajarem, lemos sobre os custos desse tesouro para o Brasil e nos afligimos com a falta de proteção a que estão sujeitos hoje…

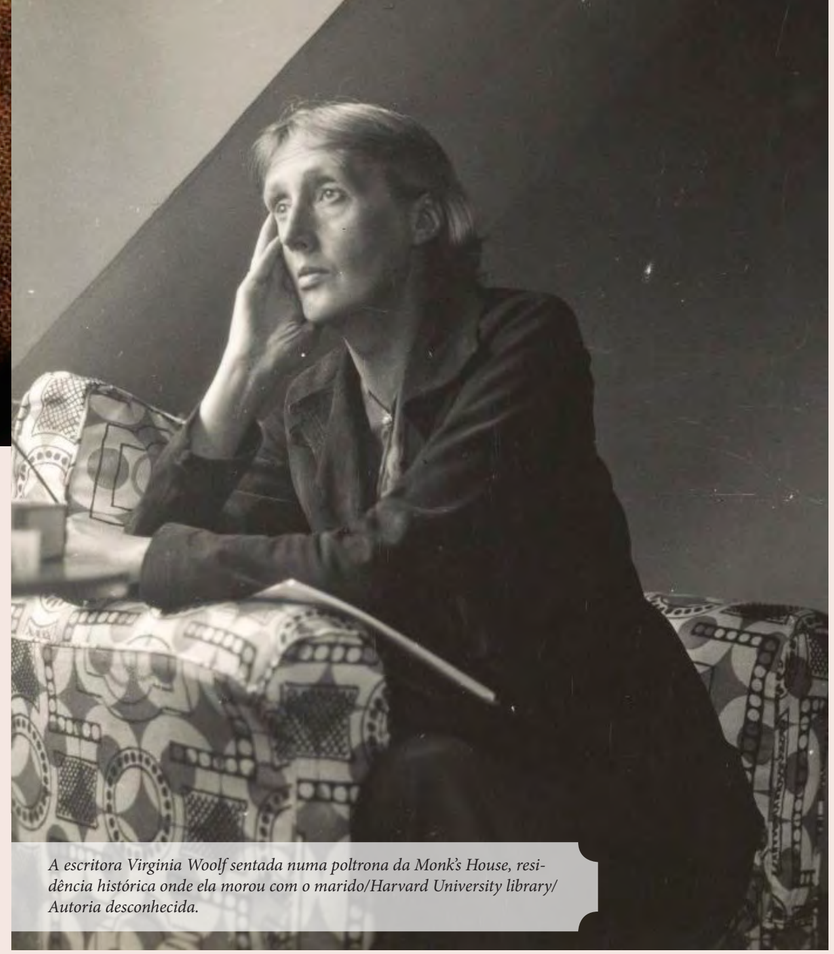
As pesquisas que Beatriz Polidori Zechlinski e Kátia Brasilino Michelan publicaram este ano convidam o público a refletir sobre patrimônio, tradição, transferência de bens culturais, transformação de práticas, formas de viver e reações sociais que emergem quando contemplamos livros. Quer sejam provenientes de bibliotecas reais que ganham oceanos, quer tenham nascido da inventividade de mulheres ousadas, quer (ainda) da séria pesquisa de duas pesquisadoras brasileiras, os livros reivindicam uma história acolhedora, de muitos partícipes. Meu bem-haja a essa vocação inclusiva do livro e a essas mulheres que desvendam tesouros e gentes.



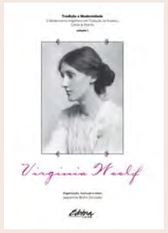
Pintura do Mestre das Meias Figuras, pintor ou grupo de pintores que atuou nos Países Baixos no início do século XVI/The Phoebus Foundation



Fotografia de John Tjäderström



A escritora Virginia Woolf sentada numa poltrona da Monk's House, residência histórica onde ela morou com o marido/Harvard University library/ Autoria desconhecida.



Leia mais

Virginia Woolf

Jaqueline Bohn Donada (Org., trad. e notas)

114 p.

resenha

A *ambivalência* como procedimento

Textos de Virginia Woolf traduzidos por Jaqueline Bohn Donada mostram uma escritora que tensiona os gêneros literários em cartas e diários. — por *Emanuela Siqueira**

“É interessante pensar aqui como a figura da tradutora e pesquisadora norteia o projeto do livro, da escolha dos textos, das notas bastante amplas e cuidadosas, até as traduções que pensam alguns pontos cruciais na construção crítica de Woolf.

Em português brasileiro o substantivo *gênero* pode ocupar significados que vão do campo da sociologia aos da lógica, da biologia, categorizações nas artes etc. Em inglês, os dois substantivos *gender* e *genre* podem brincar com os significados, desvelando uma ideia de ambivalência que, além de atravessar as línguas, acaba se tornando uma pauta na prática de tradução e, por consequência, na construção de outras possibilidades na crítica literária.

A escritora inglesa Virginia Woolf é o tipo de autora que fez tensionar o *gênero* em sua amplitude semântica e fez da ambivalência o seu procedimento crítico e estético. Na prática de escrita literária, desenvolveu essa ambivalência de/do gênero em romances como *Orlando* (1928) e *As ondas* (1931) (com destaque, em português brasileiro, para as edições comerciais da editora Autêntica, traduzidas e com notas de Tomaz Tadeu), borrando não apenas os limites de ideias sobre romance e/ou biografia, mas também apagando noções binárias de composição de personagens humanos. Na construção de sua visão crítica, elaborou ensaios complexos, comprando brigas com tradições e hierarquias, para poder olhar com atenção a literatura contemporânea e a sua proposta de futuro.

Woolf não apenas publicou esses textos em importantes revistas e suplementos literários da época, mas também produziu críticas no que pode ser visto como prática íntima de escrita, a diarística e a escrita incessante de cartas, endereçadas a amizades; por exemplo o crítico de arte Roger Fry e a escritora Katherine Mansfield, que acompanhavam seu raciocínio incansável. É, pontualmente, por essa chave da ambivalência de *gêneros*, seja da prática escrita ou da vivência de um corpo, que o primeiro volume da Coleção Tradição e Modernidade, organizado e traduzido pela professora e pesquisadora Jaqueline Bohn Donada, pode ser recebido tanto pelo público entusiasmado de pessoas leitoras de Virginia Woolf quanto pela comunidade acadêmica no campo dos estudos woolfianos.

O livro é resultado de uma pesquisa de pós-doutorado e traz a proposta interessante de reunir textos que funcionam como dispositivos para pensar a construção crítica de Virginia Woolf, justamente no contexto do sistema literário brasileiro, em um momento em que a escritora tem sido amplamente traduzida e discutida, principalmente desde que entrou em domínio público, em 2015.

Ao selecionar textos que vão da prática de escrita pública à particular, a pesquisadora observa de forma certeira como a construção crítica da escritora inglesa não ficou limitada a algumas práticas de gênero de escrita voltadas apenas para a publicação. O olhar estético da escritora atravessava a vida como algo corriqueiro na passagem dos dias, com sua suposta banalidade. Como narrar o que há “por trás do algodão do dia a dia”? Era uma pergunta que ainda fazia já com quase sessenta anos em *Um esboço do passado* (no Brasil, pela editora Nós, tradução de Ana Carolina Mesquita), por exemplo.

Justamente na tarefa de fazer um recorte dessa mente implacável, Jaqueline Bohn Donada acerta em ser econômica em meio a uma produção prolífica, que facilmente poderia se tornar uma tarefa interminável. Ao traduzir ensaios como “Sr. Bennet e Sra. Brown” e “O que é um romance”, abrindo a discussão para tópicos polêmicos como a insatisfação da inglesa ao ler o *Ulysses*, de James Joyce — pela via de anotações de leitura —, ou ainda como a amizade interessante e interessada que mantinha com Katherine Mansfield — entre cartas e entradas de diários —, a pesquisadora oferece uma abertura para a ampliação da imagem da escritora como uma das principais críticas literárias do século XX.

É interessante pensar aqui como a figura da tradutora e pesquisadora norteia o projeto do livro, da escolha dos textos, das notas bastante amplas e cuidadosas, até as traduções que pensam alguns dos pontos cruciais na construção crítica de Woolf. Surgem questões como o humor irônico (e que raras vezes poupa as pessoas endereçadas) presente nos ensaios — mas ainda mais mordaz em cartas e diários —, assim como as construções metafóricas muitas vezes elevadas aos níveis de reflexão em torno das noções de consciência.

Uma crítica possível a esse primeiro volume reside também na prática da ambivalência: ao mesmo tempo que Jaqueline Donada oferece referências contemporâneas e estimulantes na pesquisa woolfiana, trazendo textos disponíveis em acervos como o da coleção Berg, divisão da biblioteca pública de New York, assim como o do Smith College; no campo dos estudos da tradução, fica apenas no escopo de traduções portuguesas, deixando a possibilidade de diálogo com um amplo repertório em construção nas pesquisas acadêmicas brasileiras. Porém esse é um ponto compreensível, levando em consideração que uma parte da pesquisa aconteceu na Universidade de Lisboa e que o trabalho aciona e propõe dispositivos.

Em resumo, esse primeiro volume da coleção Tradição e Modernidade antevê as possibilidades de re-ler o modernismo anglófono e até mesmo se beneficiar do tempo em favor de perceber os projetos estéticos como práticas de vidas imersas na escrita e na leitura, tentando dar conta de vivências que fogem de qualquer tipo de binariedade. É instigante perceber a ambivalência woolfiana como método de escrita que não almejava algum tipo de superação de ideias de tradição, mas sim ia além da ausência de flexibilidade que os gêneros propunham.

DICA DO EDITOR

A Terra, de Nicolas Camille Flammarion (Editora UFPR): o autor francês foi uma espécie de Carl Sagan do século XIX. Divulgador científico e renomado astrônomo, escreveu e publicou, com um sucesso que as reiteradas reimpressões e reedições não deixam mentir, o livro *Astronomia popular: descrição geral do céu*, extenso volume que observa em detalhes cada um dos astros do sistema solar. De fato, o conhecimento científico sobre o cosmos avançou muito desde que o escritor compôs a obra, mas o estilo absolutamente cativante e poético através do qual Flammarion enxerga os fenômenos naturais vale ser lembrado mesmo depois que incessantes voltas ao redor do Sol fizeram este trabalho ficar empoeirado nas prateleiras.

***Emanuela Siqueira** é doutoranda em estudos literários, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Traduz, media e escreve sobre literatura e cinema.

futuro da humanidade

o desastre será televisionado?



Leia mais

Jornalismo e riscos climáticos: percepções e entendimentos de jornalistas, fontes e leitores

Eloisa Beling Loose

271 p.

O desafio jornalístico de ser mais engajado sem ser apocalíptico na cobertura da crise climática. — por *Juliana Diógenes**

A crise mundial da covid-19 abriu espaço no debate público para outra crise: a climática. No campo da comunicação social, especificamente, a agenda das mudanças climáticas ganhou força, sobretudo, em 2021. O tema é apontado pelo Instituto Reuters de Jornalismo, da Universidade de Oxford, como a tendência que deve moldar as pautas jornalísticas a partir de 2022. Abrir espaço para a agenda climática no debate público é urgente, mas impõe desafios de complexa resolução.

É curioso pensar no sentido paradoxal do conceito de "urgência" nesse contexto, pois o alerta vermelho para a gravidade dos impactos das alterações climáticas já é emitido há décadas por cientistas do clima. O intenso desgaste causado pela pandemia, no entanto, parece ter dado uma dimensão mais ampla dos impactos da crise ambiental — que também é uma crise sanitária e, portanto, social. Afinal, a emergência climática é consequência direta do modo de vida da atual sociedade de consumo. A crise é, antes de tudo, política e implica repensarmos todo o sistema econômico em que estamos inseridos — ou seja, uma mudança paradigmática.

Nesse cenário, o papel da comunicação social é o mesmo que, historicamente, já exerceu em outros momentos de crise: um espaço para o exercício da democracia, a partir da divulgação criteriosa de informações cientificamente embasadas, da reflexão crítica e do debate ético. Em comparação com outras crises já vividas nas sociedades modernas, porém, novos elementos se somaram à crise climática — sobretudo no contexto da covid-19 — e podem dificultar a atuação dos profissionais de comunicação na abordagem dos temas relacionados.

A pandemia evidenciou o poder destrutivo da desinformação, que pode se propagar fácil e rapidamente — em especial nas plataformas digitais. Desde o início da crise da covid-19, assistimos também ao enfraquecimento da democracia mundial e ao fortalecimento do autoritarismo, processos que se retroalimentam do cenário de dúvidas, incertezas e medos típicos de um contexto de instabilidade social, política e econômica em todo o mundo.

Aos veículos de comunicação coube o papel crucial de manter a sociedade informada diante de governos que omitiam e até mascaravam números para minimizar a gravidade da pandemia — e foi precisamente essa atuação da mídia que recuperou um tanto da confiança da população nos meios de comunicação, especialmente nos primeiros meses de 2020, e salvaguardou a estabilidade social em meio ao caos da desinformação. Essa atuação reforçou a importância dos espaços de comunicação para a conscientização e o debate de assuntos críticos, em particular aqueles que colocam a ciência em xeque.

2021, o divisor de águas

Uma amostra de que a pandemia escancarou definitivamente a urgência do engajamento midiático na crise climática é que, em 2021, o Instituto Reuters lançou uma iniciativa para apoiar redações jornalísticas do mundo todo na cobertura do tema. O Knight Center of Journalism também lançou cursos sobre crise climática e jornalismo científico. No mesmo ano, a Federação Internacional de Jornalistas criou o Grupo de Trabalho Sobre Ação Climática.

Também em 2021, relatório da Organização Meteorológica Mundial (OMM) revelou que, num intervalo de cinquenta anos (de 1970 a 2019), os desastres naturais foram responsáveis por 45% de todas as mortes reportadas — em números, mais de 2 milhões de pessoas. No mesmo período, pelo menos 11 mil desastres foram atribuídos a eventos climáticos, o que representou US$ 3,47 trilhões em perdas econômicas. Os números reforçam que a crise climática é uma crise humanitária de dimensão intersetorial, com impactos sociais, econômicos, políticos — e também ambientais —, todos relacionados entre si, causas e efeitos uns dos outros.

Ainda em 2021, um estudo do Painel Intergovernamental Sobre Mudanças Climáticas (IPCC), da Organização das Nações Unidas (ONU), enfatizou o que muitos não gostariam de reconhecer: as mudanças climáticas têm impactos "irreversíveis". Os cientistas já advertem para o fato de que a humanidade está nos estágios iniciais de uma extinção em massa. Desta vez, uma extinção antropogênica, causada pelo homem.

Embora a situação seja crítica, e o debate público, urgente — e sabemos que, há décadas, os cientistas do clima alertam para os efeitos catastróficos da crescente emissão dos gases de efeito estufa (GEE) —, uma das primeiras recomendações estratégicas para a comunicação responsável da crise climática é: evite ao máximo o uso de narrativas catastróficas. Não apele para o tom apocalíptico. Não provoque pânico na população. Aqui, surge então mais um paradoxo: de que forma se deve comunicar publicamente uma emergência com este nível de complexidade, que transmita o senso de urgência necessário sem, no entanto, criar pânico, paralisia e consequente afastamento do público? E qual deve ser a postura do jornalista diante de uma crise dessa proporção?

Uma das principais responsabilidades do profissional de jornalismo — prevista, inclusive, no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros — diz respeito à proibição da divulgação de informações "de caráter mórbido" e "sensacionalista". Se, por um lado, a linguagem catastrófica chama mais a atenção

Fotografia de Eddy Van 3000

*__Juliana Diógenes__ é jornalista, pesquisadora e mestranda em Ciências da Educação para as Alterações Climáticas e Sustentabilidade na Universidade do Porto.



Mãe e filho participam de marcha em Edimburgo, na Escócia, em novembro deste ano, pedindo ação dos governos contra as mudanças climáticas/Colin Hattersley

do público, o medo e a angústia provocados por narrativas alarmistas podem gerar efeitos nocivos, como a "ecoansiedade", no caso das notícias sobre crise climática. Assim, um produto de comunicação, em vez de alertar e potencialmente motivar as pessoas para uma mudança social, pode paralisá-las. Nesse caso, qual é a medida equilibrada da linguagem jornalística eticamente responsável?

Além da linguagem apropriada para a cobertura jornalística sobre a crise climática, o conteúdo também merece ser criteriosamente analisado. Na literatura sociocientífica do clima, uma das críticas mais comuns à comunicação da emergência climática é o foco na responsabilização do comportamento do indivíduo. É verdade que ações individuais, como redução do consumo (sobretudo de plástico) e reciclagem, por exemplo, contribuem. Mas já há diversos estudos científicos — baseados em dados históricos registrados desde a Revolução Industrial — que mostram a responsabilidade da indústria dos combustíveis fósseis para o aumento da emissão dos GEEs, principal causador do desequilíbrio climático do planeta.

Do ponto de vista ético, portanto, impõe-se aqui uma questão-chave na história do jornalismo: se os jornais tradicionais, de maior alcance, dependem dos anúncios publicitários, e a indústria dos setores petrolífero e automobilístico patrocina os veículos jornalísticos, é possível confiar na coerência e na criticidade da cobertura climática? Vale ressaltar que, diante desse dilema, alguns jornais europeus, como o *The Guardian*, já baniram anúncios de empresas de combustíveis fósseis, desde 2019.

Apelo visual e transversal

O *The Guardian*, inclusive, tomou uma decisão histórica, publicada em outubro de 2019, quando passou a usar menos imagens de ursos polares e mais fotografias de pessoas para ilustrar a cobertura da emergência climática. Afinal, se a crise do clima é antropocêntrica, o ser humano precisa estar no centro, e não o urso polar. A humanidade não apenas é responsável pelo desequilíbrio climático da Terra, como também será diretamente afetada. O discurso midiático tem poder, e o *The Guardian*, com essa iniciativa, reconhece que a narrativa, sobretudo visual, nas pautas do clima não era apropriada.

Nesse tipo de cobertura, a comunicação visual é elemento-chave para o dimensionamento dos impactos da crise. Essa narrativa visual deve estar centrada nas pessoas, como bem identificou o jornal britânico, mas também precisa ter ressonância com a identidade e os valores do público, a fim de sensibilizá-lo. É o que aponta um relatório do Climate Visuals, projeto da Climate Outreach, organização focada em estratégias de engajamento climático por meio da comunicação. O objetivo da iniciativa é alterar as práticas de trabalho de comunicadores visuais em todo o mundo, para criar uma nova linguagem imagética das alterações climáticas, mais "convincente e diversificada". O projeto é mais uma evidência de que a cobertura midiática do clima tem particularidades que demandam remodelação.

A dificuldade em abrir espaço e investir na cobertura da crise climática nos ambientes de redação jornalística, porém, talvez seja ainda mais elementar. É a nossa própria definição de jornalismo que talvez precise de remodelação. O ambientalista, escritor e jornalista estadunidense Bill McKibben argumenta que a cobertura da crise climática é inadequada porque "[as mudanças climáticas] acontecem muito devagar para serem dignas de registro — a mudança climática de hoje é mais ou menos a mesma da de ontem e da de amanhã".

Se os impactos das alterações climáticas são costumeiramente medidos em décadas, mas uma década não é uma unidade de medida fácil de ser registrada pela TV, por exemplo, como é possível comunicar visualmente o problema? E mais: se a crise climática é intersetorial, além de global e, ao mesmo tempo, local, à qual editoria pertence a cobertura? Talvez a tradicional divisão de uma redação por áreas temáticas não acomode as demandas da própria crise climática, que não se relaciona somente com a ciência ou a política, mas também atravessa áreas como economia, cidades, mundo, turismo, gastronomia…

A discussão climática pede transversalidade, além de pensamento crítico e algum nível de engajamento cívico-político. A ciência já entendeu essas demandas, passando a abrir espaço para conceitos como ciência cidadã, decolonialismo e decrescimento — em inglês, *degrowth*, movimento que, junto do modelo Doughnut, tem se revelado uma tendência na economia, buscando triangular o sistema econômico, as necessidades sociais básicas e a preservação ambiental. O ativismo também já percebeu que não há espaço para a ação sem a enfática defesa da justiça climática — que é, na prática, a ideia de que as alterações no clima intensificam desigualdades socioeconômicas. E o jornalismo, quando vai incorporar as remodelações estruturais necessárias para lidar com o contexto de emergência?

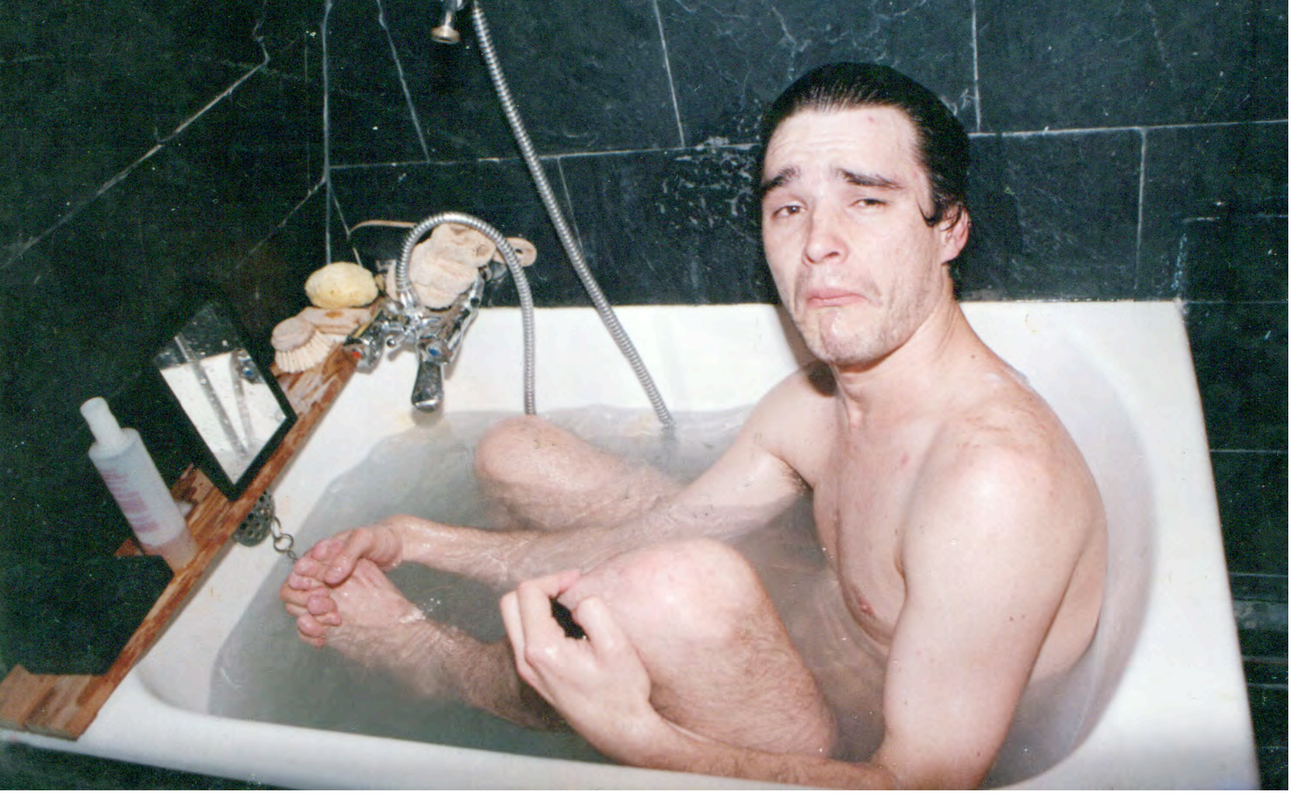
Um contexto de exceção exige a adoção de comportamentos cirúrgicos e estratégicos, como toda crise. Se, entretanto, a sociedade não reconhece o momento como crítico e urgente, cabe à comunicação social — não somente redações, mas agências publicitárias também — ser o espaço de divulgação científica, reflexão crítica e debate amplo sobre temas de interesse público, como já deu mostras de que é capaz de fazer durante a pandemia da covid-19.



A tempestade Eunice deixou mais de dez mortos na Europa em fevereiro de 2022/Tim Sheerman-Chase

DICA DO EDITOR

Epopeia de Gilgámesh, de Jacyntho Lins Brandão (tradução) (Autêntica): muito anterior a Homero, muito anterior a Hesíodo, este longo poema, que deve datar de 4 mil anos atrás e hoje se encontra cheio de lacunas, destaca a relação íntima entre Gilgámesh e Enkídu e foca-se na busca do personagem que dá título à obra pela imortalidade. Não seria exagero dizer que esta epopeia trata, em essência, dos únicos temas que afligem a humanidade verdadeiramente desde o início dos tempos: o amor e a morte. (Mas dessa vez em sua versão, quem sabe, mais primeva.)



entrevista

Adão Iturrusgarai e a aventura pela escrita:

“Só falta fumar cachimbo, usar roupão e pantufas”

Com um financiamento coletivo, que bateu a meta inicial em poucos dias, cartunista gaúcho lança seu primeiro livro em prosa, *Paris por um triz.*
— por ***Maria Perigo****

No dia 18 de fevereiro deste ano, data do seu aniversário, o cartunista gaúcho Adão Iturrusgarai lançou seu primeiro livro em prosa, o *Paris por um triz* (pela Zarabatana), uma autobiografia com sagazes pitadas de ficção. Na obra, Iturrusgarai narra sua passagem pela Cidade Luz da década de 1990 (entre agosto de 1990 e março de 1991). O livro nasceu das memórias de viagens narradas na sua *newsletter* semanal, o *Correio Elegante*. São 264 páginas sobre as (des)aventuras do personagem Adaô (Adão, na pronúncia francesa) em busca de publicar seus cartuns e histórias em quadrinhos nas revistas e jornais franceses. O livro ainda conta com um delicioso prefácio da Laerte.

***Maria Perigo** é doutoranda em educação pela UFPR e revisora de textos na Editora UFPR.

O seu primeiro livro em prosa nasceu de relatos seus publicados inicialmente na sua *newsletter Correio Elegante*. Quem nasceu primeiro? A vontade de escrever um livro em prosa ou os primeiros relatos sobre a sua vivência em Paris na *newsletter*?
ADÃO ITURRUSGARAI — Primeiro veio a vontade de escrever em prosa. Depois que terminei as memórias da minha infância, da adolescência e das viagens pelo Brasil, surgiu a ideia de escrever sobre Paris. Mais do que ideia, foi uma necessidade.

Tinha gente que esperava conhecer a sua história sobre Paris em cartum e ficou surpresa que o livro todo é escrito em prosa? Tem alguma situação engraçada em relação a isso que você possa contar?
ADÃO — Olha, já vi gente dizendo que eu deveria ter feito em quadrinhos, mas sinceramente acho que o meu estilo não combina com esses relatos. Não lembro de situação engraçada, mas já vi outros quadrinistas me criticando com o argumento de que eu estava supervalorizando o meu livro em prosa, em detrimento dos meus livros em quadrinhos. Não ligo para isso. Para mim é tudo a mesma coisa.

Em suas obras visuais, você explora algumas técnicas mais contemporâneas: a releitura e a subversão de obras consagradas como a *Mona Lisa* ou o *Abaporu*, por exemplo. Mas em relação ao seu livro em prosa, a releitura e a subversão estão presentes, de que maneira?
ADÃO — Talvez seja uma releitura e uma subversão de mim mesmo, como artista. Uma espécie de reinvenção… ah, já sei que consigo fazer tiras, agora quero partir para um novo desafio: escrever.

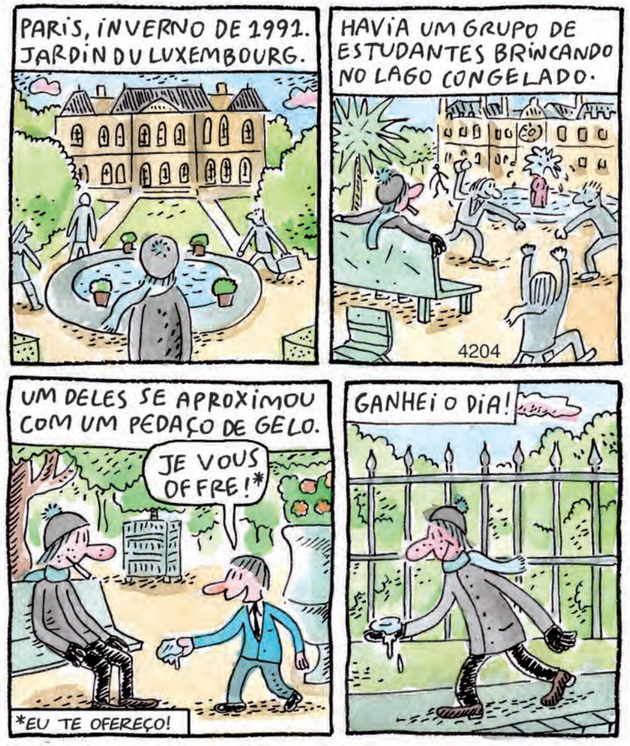
Você também já chegou a afirmar que suas obras visuais têm influências de diferentes movimentos e vanguardas artísticas. E as influências de *Paris por um triz*?
ADÃO — Minhas influências na escrita vêm de escritores como Henry Miller, Hemingway (os dois escreveram e viveram em Paris), John Fante, J. D. Salinger e outros. Sem falar dos cartunistas franceses Wolinski, Reiser, Philippe Vuillemin e o norte-americano Robert Crumb. Lendo John Fante você pode se identificar com o texto e sentir que a sua vida não é tão miserável. Ou, pelo menos, você tem companhia no inferno que às vezes pode ser a existência.

> **“Talvez seja uma releitura e uma subversão de mim mesmo, como artista. Uma espécie de reinvenção… ah, já sei que consigo fazer tiras, agora quero partir para um novo desafio: escrever.**



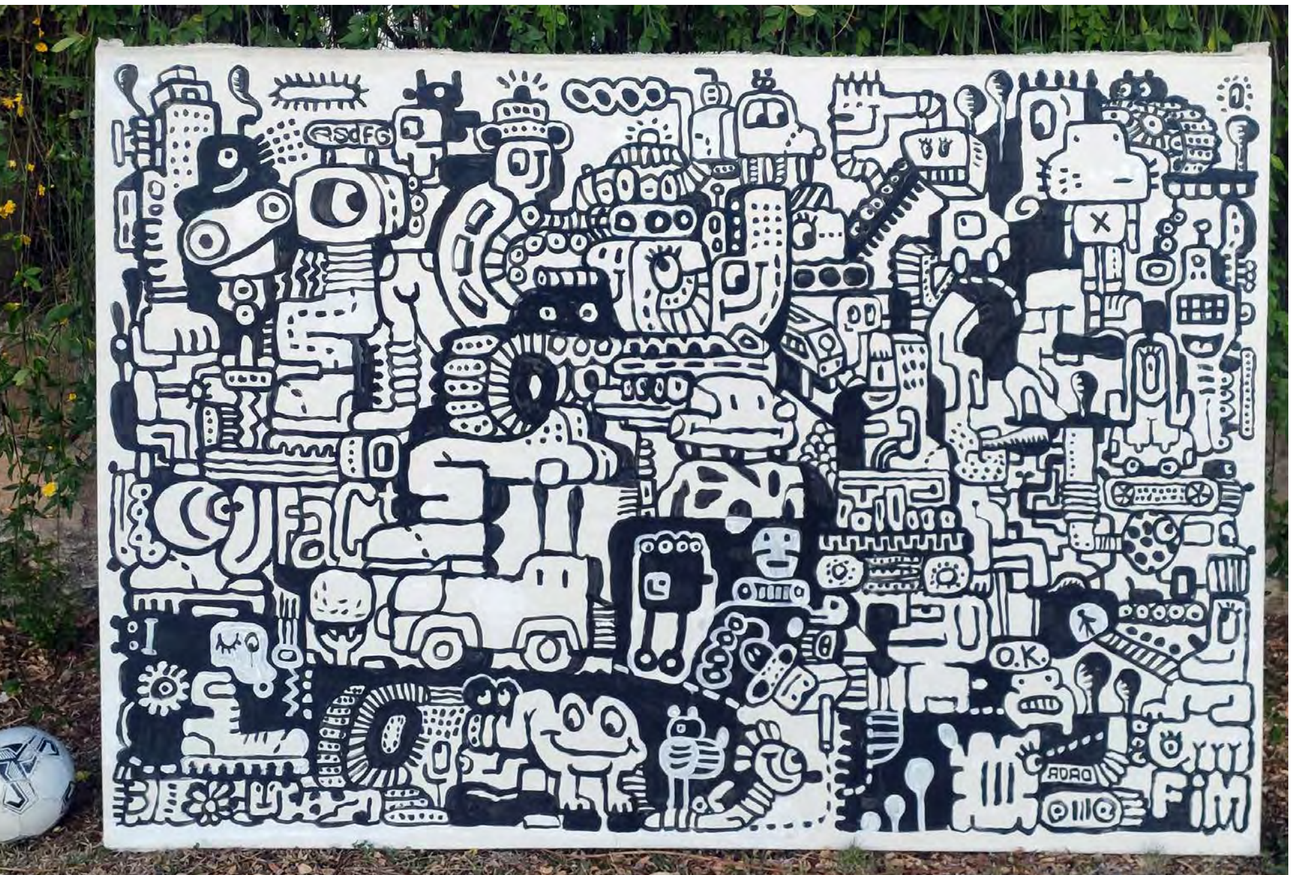


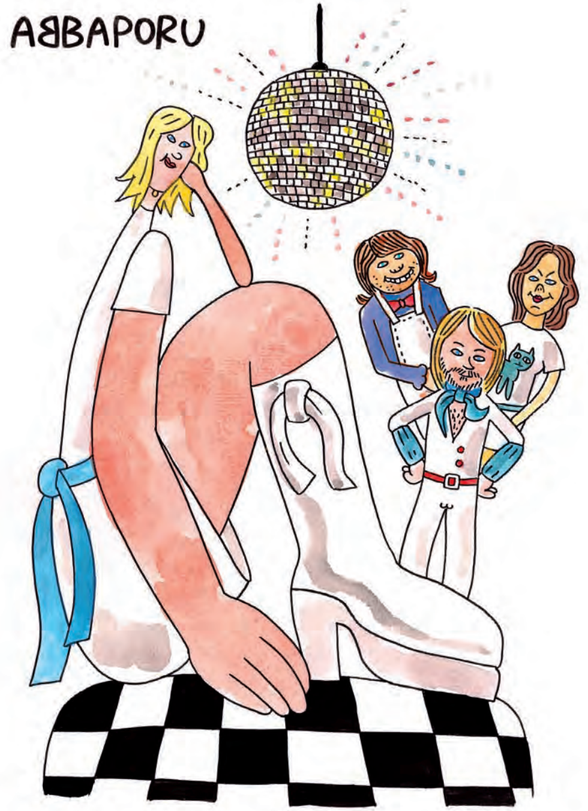
História em quadrinhos autobiográfica de Iturrusgarai contando um evento marcante em Paris



“Sempre gostei de transitar, não só por cidades, países e continentes, bem como por formas de trabalho.

Arte gigante de Adão Iturrusgarai, obra “Fim”, acrílica sobre tela, 210x150cm, 2022

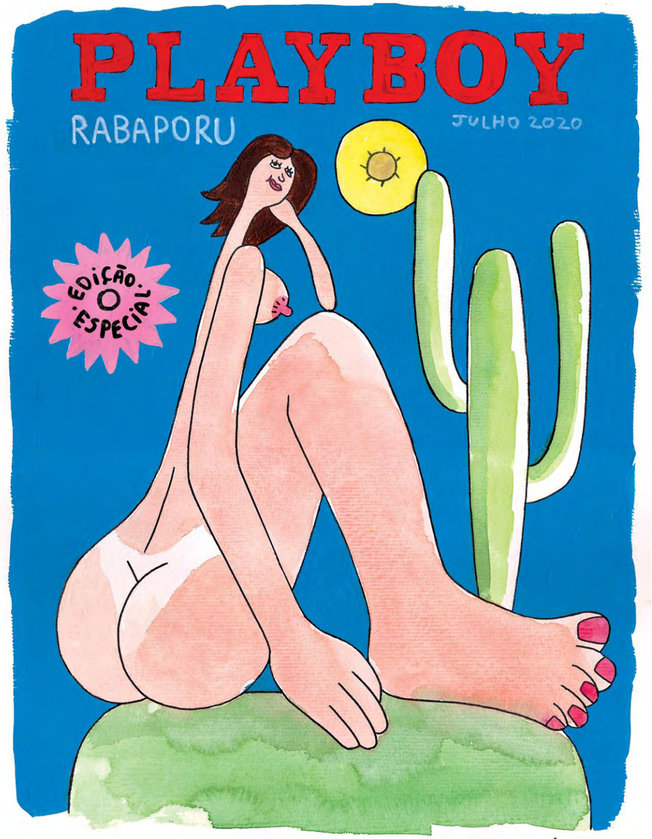






O cartunista Adão Iturrusgarai fez uma série de releituras da obra *Abaporu* (1928), da artista brasileira Tarsila do Amaral (1886-1973), com inúmeros tipos ou personagens da cultura de massa dos quais nos alimentamos, como canibais que somos: “Abbaporu”, “Rabaporu”, “Surubaporu”, “Babáporu”, “Snooporu”, “Olgaporu”, “Kraftporu”, “Abowieporu”, “Abapopluto”, “Abapopeye”, “Pequeno Poru”, “Pipeporu”, “Gritoporu”, “Tintimporu”, “Mickeyporu”, “Abapulp Fiction”, “Abapogoo” etc. Evidenciando estereotipias, situações e personagens da cultura pop norte-americana que frequentemente são consumidos por nós, latino-americanos, o artista parece trabalhar, de um lado, com aquilo que vemos e vamos incorporando ao nosso ambiente, de outro, com o modo como somos vistos.

“Abbaporu”, “Kraftporu” e “Rabaporu”, Adão Iturrusgarai. Nanquim, aquarela e guache sobre papel, 2020



***Paris por um triz* tem várias passagens de constrangimento. Em algum momento você precisou se autocensurar no livro?**
ADÃO — Não teve muita autocensura. À medida que escrevia ia lembrando dos meus dias em Paris no ano de 1990. O incrível é que eu lembrava de tudinho. Tenho uma memória muito boa. Mas, sim, teve coisas que cortei, não gostaria de ser visto como um delinquente (risos).

Não poderia deixar de perguntar sobre a diferença entre publicar um livro em prosa, em comparação às suas obras visuais anteriores. Pode falar um pouco sobre as particularidades das duas experiências editoriais?
ADÃO — É o que falei numa das perguntas anteriores: desafio. Além disso, novidade. Sempre gostei de transitar, não só por cidades, países e continentes, bem como por formas de trabalho. Um livro em prosa é um filho como os outros, mas diferente. E é legal poder depois bater no peito e dizer: sou um escritor! Só falta fumar cachimbo, usar roupão e pantufas. Mal posso esperar por isso.

O Adão Iturrusgarai de hoje tem ainda alguma coisa do Adaô de Paris?
ADÃO — Adaô se dava bem, se dava mal, metia os pés pelas mãos, dava com a cara na porta, mas nunca desistiu dos seus sonhos. Adaô era indestrutível, como todo jovem parece ser.

Já sei que pretende publicar outro livro em prosa, pode adiantar um pouco sobre os seus planos para o nosso público da *Tinteiro*? Dar alguns *spoilers*?
ADÃO — Na época que vivi em Paris dei duas escapadinhas: uma para Amsterdam e outra para Barcelona. Estou escrevendo isso agora no *Correio Elegante* e talvez dê um bom material para um próximo livro. Neste projeto resolvi escrever em terceira pessoa — *Paris por um triz* foi em primeira —, transformar Adaô em um personagem e me preparar para a ficção, quem sabe. Só que a ideia de autobiografia me seduz muito. Por que não escrever só sobre isso até o resto da minha vida? Não devo viver muito, já estou com 57 anos (risos).

> **Um livro em prosa é um filho como os outros, mas diferente. E é legal poder depois bater no peito e dizer: sou um escritor! Só falta fumar cachimbo, usar roupão e pantufas. Mal posso esperar por isso.**



Vitrine de uma livraria de Paris (2022)



Comparação de uma foto do Jardin Michelet, em Paris (a antiga, com Adaô, e a atual, do Google Street View). Na primeira foto, Adaô está voltando da padaria com baguetes e afins. O artista morava no último andar do prédio com telhado cinza-escuro

Adão em um bistrô de Paris

> **Não teve muita autocensura. À medida que escrevia ia lembrando dos meus dias em Paris no ano de 1990. O incrível é que eu lembrava de tudinho. Tenho uma memória muito boa. Mas, sim, teve coisas que cortei, não gostaria de ser visto como um delinquente (risos).**



Fotografias do acervo de Adão Iturrusgarai



Adão Iturrusgarai em seu estúdio na Argentina

Cartunista, humorista, artista visual e escritor, Adão Iturrusgarai (1965) é natural de Cachoeira do Sul (RS). Fez Publicidade e Propaganda na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Depois de abandonar a carreira publicitária, Iturrusgarai mudou-se para São Paulo. Naquele ambiente, em pouco tempo o artista ficou conhecido nacionalmente com os quadrinhos "Los três amigos", da revista *Chiclete com banana*, uma publicação dos cartunistas Angeli (1956), Glauco (1957-2010) e Laerte (1951). A seguir, passou a publicar, entre outros trabalhos, tirinhas que tinham como protagonistas os caubóis gays "Rocky & Hudson" e a insaciável "Aline", que foi adaptada como minissérie para a Rede Globo de Televisão. Também foi roteirista de humor para programas de televisão e produziu diversos livros de quadrinhos — muitos deles ganharam um novo idioma ou foram animados. Já expôs em Bruxelas, Porto Alegre e São Paulo. Atualmente, Adão mora na Argentina, publica no jornal *Folha de S.Paulo* (uma tira diária desde 1996) e possui uma *newsletter* semanal, o *Correio Elegante*.

Mega, a gatinha de Paris

Subi de volta ao apartamento em pânico. Mega está morta! Sei que não foi minha culpa, mas eles não vão acreditar em mim. — por *Adão Iturrusgarai**

Desci com Alain e Valéria até a portaria e nos despedimos. Desejei boas férias e eles se foram. Em seguida, fui subindo as escadas em um ritmo normal e, a partir do terceiro andar, a adrenalina bateu forte. Comecei a correr, saltando de três em três degraus. Eu estava animado. Não podia acreditar que tinha um apartamento só para mim. E em Paris! Abri a porta da sala e dei de cara com Mega, a gatinha preta. De brincadeira, gritei como um monstro dando um salto na sua direção. A gata se assustou, deu um pulo de um metro de altura e, com velocidade de um jato supersônico, saiu pela janela. Só vi o rabo desaparecer.

Fui atrás de Mega, mas não consegui alcançá-la. Gelei só de pensar que tivesse caído e se espatifado na calçada ao lado de Alain e Valéria. Com certeza, não seria um bom começo de relacionamento entre inquilino e proprietário. Desci voando as escadas e fui até a rua. Não vi sinal nenhum da gata e nem deles. Meu faro de Sherlock Holmes deduziu que ela podia ter escapado pelo telhado.

(p. 36-37)

[...]

“De brincadeira, gritei como um monstro dando um salto na sua direção. A gata se assustou, deu um pulo de um metro de altura e, com velocidade de um jato supersônico, saiu pela janela. Só vi o rabo desaparecer.



Paris por um triz
Adão Iturrusgarai
Zarabatana, 2022
248 p.

***Adão Iturrusgarai** é cartunista, humorista, artista visual e escritor.

“Quase tive um troço e comecei a imaginar o pior. Subi de volta ao apartamento em pânico. Mega está morta! Puta que pariu, caralho, me diga que não é verdade! Por favor, Deus, me ajuda, me acorda desse pesadelo!



Alain Blatché e Valéria Kurtz, proprietários da gata Mega, em Paris

Na volta, pensei na gata e torci para que ela tivesse voltado. Ao abrir a porta, dei de cara com duas pombas comendo a ração do pote no canto da sala. Elas se assustaram comigo e saíram voando. Um rastro de penas se espalhou no ar. Não era a Mega que estava comendo e isso parecia ser um péssimo sinal. E se ela tivesse caído do telhado? Os felinos são espertos, mas às vezes se atrapalham quando ficam assustados. Seria difícil resistir a uma queda de seis andares, mesmo para um gato. Desci até a portaria para perguntar se a *concierge* tinha visto ou ficado sabendo de algo diferente envolvendo a gata. Ela me contou que o caminhão da prefeitura havia passado de manhã cedo e levou um bicho morto da calçada. Disse que não deu para ver se era um cachorro ou um gato, que além de não ser muito grande, tinha a pelagem preta. Quase tive um troço e comecei a imaginar o pior. Subi de volta ao apartamento em pânico. Mega está morta! Puta que pariu, caralho, me diga que não é verdade! Por favor, Deus, me ajuda, me acorda desse pesadelo! Sei que não foi minha culpa, mas eles não vão acreditar em mim: Alain, Valéria, eu não fiz por mal. Estava tão feliz que dei um sustinho na Mega, assim, de brincadeira, e ela saltou pela janela. Mas juro que não foi de propósito.

Fui interrompido pelo toque do telefone e demorei um tempão para atender.

— Alô? Adão? Tudo bem por aí?

Quando ouvi a voz do Alain do outro lado, tive vontade de bater com tudo o fone no gancho e me jogar pela janela para encontrar a Mega no céu.

— Alain! Tudo certo. Como está a viagem?

— Tudo ótimo. Estamos aproveitando os últimos dias de sol e calor.

— Legal. Aqui em Paris a temperatura já baixou.

— E aí? Curtindo o apartamento?

— Pô, Alain, melhor que hotel cinco estrelas.

— E a Mega? Como ela está? Estranhou você?

Fiquei tão nervoso que tive que me controlar para não gaguejar.

— Ah, sim... a Mega... a gatinha? Está ótima. Pelo menos é o que eu imagino, porque eu não entendo o que ela fala.

Dei uma risadinha para quebrar o gelo, mas o Alain não entendeu muito a piada. Então continuei:

— Ela deve sentir falta de vocês. Ontem à noite saiu pela janela e ainda não voltou. Cheguei a ficar um pouco preocupado.

— Fica tranquilo, Adão. Ela costuma sair para passear.

— É que chuviscou e o telhado estava escorregadio... Fiquei com medo que acontecesse algum acidente, sabe?

— Não se preocupe, ela deve estar bem. Mas assim que ela voltar, liga para a gente.

(p. 48-49)

[...]

Fotografias do acervo de Adão Iturrusgarai

— Adão, tudo bem por aí?

— Tranquilo como água de poço, Alain.

O poço estava estagnado e a água podre e contaminada, mas esta parte eu guardei para mim.

— A gente vai ter que antecipar a volta por causa de trabalho. Amanhã à tarde chegamos.

Fiquei tão nervoso que acendi um cigarro para tentar relaxar.

— Opa! Beleza. Espero vocês aqui.

— E a Mega está bem?

Essa pergunta driblou meu raciocínio e me tirou a voz. Eu não sabia o que responder. Ao mesmo tempo que não queria abrir o jogo e contar que a gata estava morta, não podia ficar enrolando por muito tempo. Então resolvi prepará-los aos poucos:

— Alain, preciso te contar uma coisa. Estou superpreocupado. A Mega sumiu de vez. Fui até conversar com a *concierge* para ver se ela tinha visto algo.

A resposta do Alain foi o silêncio. Um silêncio pesado como um contêiner cheio de paralelepípedos. Do outro lado só dava para ouvir sua respiração, que pouco a pouco se acelerava e me respondeu em tom grave:

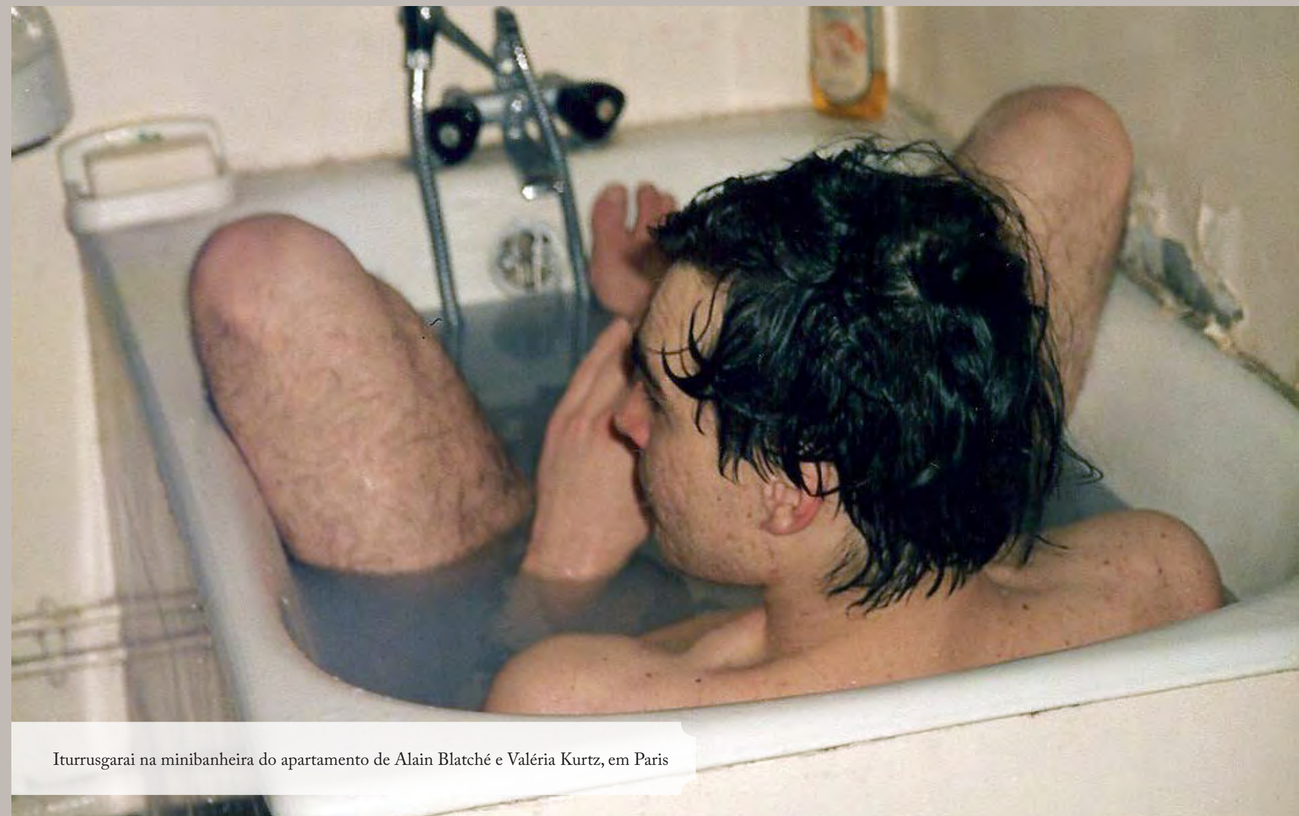


Iturrusgarai com a gravata, o gabardine e a amiga gaúcha Carlota no apartamento de Alain Blatché e Valéria Kurtz, em Paris

— Amanhã nos falamos, Adão.

Em seguida desligou o telefone na minha cara. Fiquei por uns instantes com o aparelho no ouvido escutando o tom intermitente. Se o telefone não fosse uma peça de design assinado do Mies van der Rohe, teria jogado pela janela para que tivesse o mesmo destino da gata. Mesmo assim, bati o fone no gancho com violência. A força foi tanta que meu cigarro acabou caindo no tapete. E como estava aceso, começou a queimar os pelinhos sintéticos do tapete grená, já marcados por mim. Incendiou para valer. O círculo preto foi crescendo. Fiquei paralisado por um tempo. O cheiro e o fogo ficaram mais fortes. Fui correndo até a cozinha, enchi um copo de água e joguei em cima. Uma fumaça preta e um cheiro de plástico queimado inundaram o ambiente. Depois de customizar a panela Creuset, agora eu tinha colocado a minha marca no tapete — mais uma.

(p. 56-57)



Iturrusgarai na minibanheira do apartamento de Alain Blatché e Valéria Kurtz, em Paris

De *alfinetes* a *moringas*

Objetos guardados no Museu Paranaense revelam a diversidade na história das mulheres que viveram no Estado. — por *Isabela Brasil Magno e fotos de *Marcos Solivan*****



As aquarelas e os estojos de pintura estão inseridos no contexto dos acervos de arte produzidos por artistas mulheres. A autora das obras é Karla Kozák (irmã do engenheiro e indigenista Vladimir Kozák). Ela nasceu na antiga Tchecoslováquia em 1896 e faleceu em 1960. Mudou-se para o Brasil em 1939 e participou das expedições científicas do seu irmão, registrando por meio de aquarelas a flora e a fauna do país. Também foi uma das responsáveis pelo subcomitê de socorro aos refugiados da Segunda Guerra Mundial de Curitiba.











As camisolas do acervo do Museu Paranaense são exemplos da fina lingerie que pertenceu à elite curitibana do final do século XIX e início do século XX. A essa mesma elite pertenceram também os leques; os dois selecionados, de cetim e de plumas, eram de Flora Munhoz da Rocha, primeira-dama do Paraná entre os anos de 1951 e 1955.



Os chapéus, seus alfinetes, o estojo de maquiagem e a pequena carteira-caderneta datam da primeira metade do século XX. Esses itens remetem às sociabilidades e aos costumes da vida urbana das mulheres de classe alta e de classe média dessa época.









A moringa está inserida na perspectiva de um trabalho feminino fora dos centros urbanos. Este objeto produzido em barro tem origem na segunda metade do século XX. Foi provavelmente produzido pela Senhorinha Romão da Costa, uma importante ceramista caiçara do litoral do Paraná.





As rocas e as fitas eram materiais de trabalho da Fábrica de Fitas Venske. Fundada em 1907 e fechada em 1980, a fábrica utilizava em grande escala mão de obra feminina. No começo do século passado, essa mão de obra era formada sobretudo por meninas e mulheres imigrantes europeias ou descendentes de imigrantes.





A caixinha de costura também remonta à primeira metade do século XX. A costura era um trabalho doméstico muito relevante até o surgimento das lojas de departamento e da produção em massa de vestuário. A costura comercial em pequena escala constituía, e em vários casos ainda constitui, uma importante fonte de renda para mulheres da classe média e das classes mais baixas.

*Isabela Brasil Magno é mestra e graduada em história pela UFPR. Entre 2018 e 2019, participou do projeto de extensão Cultura Material e Gênero: A História das Mulheres no Museu Paranaense. Atualmente atua como residente técnica na Secretaria da Comunicação Social e da Cultura do Estado do Paraná, alocada no Departamento de Antropologia do Museu Paranaense.

**Marcos Solivan é fotógrafo da UFPR.

Próximo lançamento

As histórias das mulheres no Museu Paranaense

Priscila Piazentini Vieira e Renato Augusto Carneiro Junior (Org.)

142 p.



trecho



Leia mais

Uma festa para Boris

Thomas Bernhard

Hugo Simões e Luiz Abdala Jr. (Trad.)
Ruth Bohunovsky (Org.)

164 p.

O riso dos *aleijados*

A peça *Uma festa para Boris* mostra a excêntrica celebração em que absolutamente nada é celebrado. — por *Thomas Bernhard**

O ALEIJADO MAIS VELHO
Cabeçonas cabeçonas bem grandes
nas trevas
Vocês têm que imaginar
Cabeçonas bem grandes
nas trevas
de repente estavam lá as maiores cabeçonas
seis Aleijados riem
Por que estão rindo
Não é pra rir
não tem nada pra rir
seis Aleijados riem
Não
riam
Não tem nada pra rir
alto
Isto não é uma comédia
Boris ri
Quem está rindo
Quem foi que riu agora

TRÊS ALEIJADOS
Boris riu
Boris

A BONDOSA *para Boris*
Por que você riu
Não tem nada pra rir
ouviu
não tem nada pra rir
ouviu
nada
[…]

O ALEIJADO MAIS VELHO
Mas eu não sonhei só com os maiores cabeçudos
com os maiores cabeçudos
eu corri
e ao meu lado um deles corria do meu lado
e ele disse várias vezes ele disse
tenho que ler algo dele
um escritor
ler algo
várias vezes ele me disse eu tenho que ler algo
dele ler algo ler algo dele
descaso
leia ele disse
leia ele disse ininterruptamente
leia leia
o tempo todo leia leia
Pausa
Então eu matei ele

ALEIJADO
Mas como

O ALEIJADO MAIS VELHO
À pancada

ALEIJADO VELHO
À pancada
Matou à pancada à pancada

ALEIJADO NOVO
Onde foi

O ALEIJADO MAIS VELHO
Nas trevas
[…]

A BONDOSA
Ele quer que você
traga ele pra cá
Ele quer sentar perto da janela
e olhar pra fora
em direção ao asilo
Quer ver o asilo
Quer ficar no canto dele na janela
Escute só
pergunta
ainda está bem escuro no quarto dele

JOANA
Foi você que me proibiu
de abrir as persianas
Ele está apavorado

A BONDOSA
Ele está apavorado
ele está apavorado

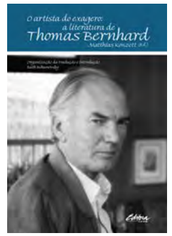
BORIS *como se chorasse*
Joanaaaaaaaaaaaaaaa

A BONDOSA
Ele está chamando *você*
não a *mim*
chamando *você*
é a *você* que ele chama
a *mim* ele nunca chamou
nem mesmo uma vez
nem uma vez

BORIS
Joanaaaaaaaaaaaaaaa

***Thomas Bernhard** (1931-1989) foi escritor austríaco. Publicou *O náufrago* e *Extinção*, entre outros romances. *Uma festa para Boris* é a segunda dramaturgia do autor lançada pela Editora UFPR.

Do mesmo autor



O Artista do exagero. A literatura de Thomas Bernhard.

Matthias Konzett (Ed.)

341 p.



O Presidente.

Thomas Bernhard

Gisele Eberspächer e
Paulo Rogério Pacheco Junior (Trad.)

195 p.

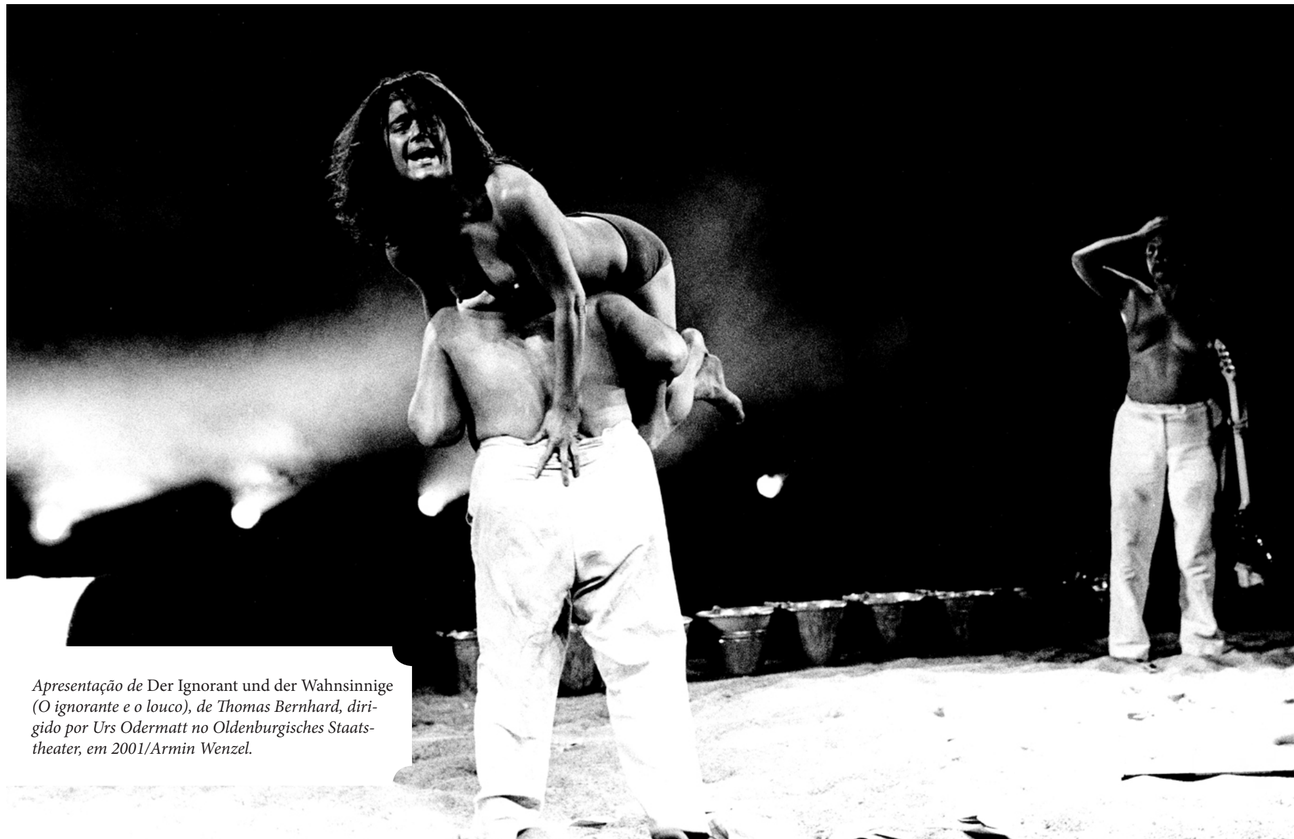


Thomas Bernhard e seus seres vitais: fotos, documentos, manuscritos

Martin Huber, Manfred Mittermayer e Peter Karlhuber (Eds.)

Ruth Bohunovsky e
Daniel Martineschen (Trad.)

209 p.



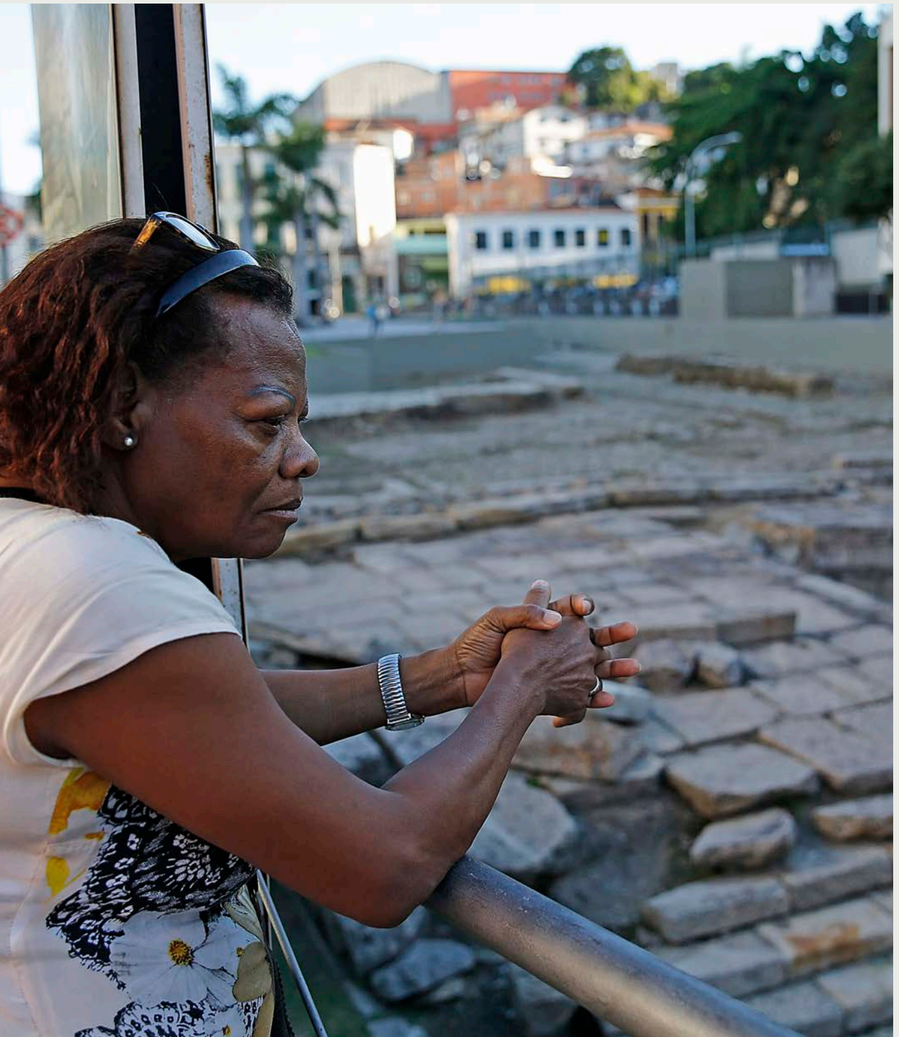
Apresentação de Der Ignorant und der Wahnsinnige *(O ignorante e o louco), de Thomas Bernhard, dirigido por Urs Odermatt no Oldenburgisches Staatstheater, em 2001/Armin Wenzel.*

À deriva

patrimônio em disputa

O descaso das autoridades brasileiras com o Cais do Valongo, porto histórico onde desembarcaram milhares de escravizados, é reflexo do tratamento dado à população negra no Brasil. — por *Bruna Marina Portela

Pensar o patrimônio cultural envolve uma série de disputas e conceitos que estão o tempo todo em revisão. E é extremamente importante que seja assim. No Brasil, desde a década de 1930 foram implementadas políticas públicas voltadas para a preservação do patrimônio. Mas que patrimônio era esse? Durante muitos anos, entravam nessa classificação basicamente os bens imóveis, edifícios da época colonial, que exaltavam os feitos dos colonizadores. A partir dos anos 2000 foi implementada a política do patrimônio imaterial, englobando saberes e fazeres, o que conferiu novas possibilidades para comunidades, grupos e coletivos antes excluídos da discussão sobre a patrimonialização. Hoje, em 2022, esse campo segue avançando e promovendo disputas e discussões essenciais para a democratização do acesso ao patrimônio cultural e também para enfrentar temas importantes à sociedade brasileira, como o racismo.



Visitantes observam o que sobrou do antigo Cais do Valongo, no Rio de Janeiro, principal porto de escravizados nas Américas/Fernando Frazão/Agência Brasil

O sítio arqueológico do Cais do Valongo, no Rio de Janeiro, foi considerado, em 2017, Patrimônio Cultural Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Segundo o site da própria organização, trata-se de um "sítio histórico sensível", uma vez que desperta a memória de eventos traumáticos, de dor e sofrimento, mas também de resistência; ademais, registra uma história de violação dos direitos humanos. O local foi construído em 1811 para servir ao desembarque de centenas de milhares de africanas e africanos escravizados, contando, portanto, parte da história de mais de 350 anos de escravização de pessoas no Brasil.

Hoje, o lugar, que recebeu o maior número de pessoas escravizadas na América, corre o risco de perder o título recebido da Unesco devido à inação do governo federal, conforme notícia veiculada no portal do Senado brasileiro em outubro do ano passado. A entidade internacional faz algumas exigências para que o sítio seja devidamente preservado e acessado pela comunidade, o que não vem sendo cumprido. O comitê gestor do local se reuniu duas vezes e foi extinto em 2019 por um decreto do presidente da República. Apenas após ação do Ministério Público Federal e da Defensoria Pública da União o comitê foi reconstituído em novembro de 2021. Apesar disso, ainda em julho deste ano, em audiência na Câmara dos Deputados, um grupo de especialistas formado por quilombolas, historiadores, antropólogos e representantes do Ministério Público cobrou a proteção e a valorização do Cais do Valongo e de seu entorno, conhecido como Pequena África. Segue, portanto, o descaso com o patrimônio, que sofre com alagamentos e falta de manutenção.



O Cais do Valongo recebeu o título de Patrimônio Histórico da Humanidade concedido pela Unesco em 2017/Donatas Dabravolskas

É evidente que a importância e a relevância do Cais do Valongo para a história mundial não dependem da chancela da Unesco, nem das autoridades brasileiras. A sociedade civil, especialmente integrantes do movimento negro do Rio de Janeiro, tem sido bastante atuante na promoção de ações de valorização, de reconhecimento e de divulgação da região da Pequena África. No entanto, a ameaça de perder o título e o descaso do governo federal são um reflexo de como têm sido tratadas as questões relacionadas à população negra no Brasil, em evidente caso de racismo institucional que, infelizmente, não é o único.

Conhecer o passado traz incômodos e questiona privilégios. Traz à tona episódios que foram muitas vezes propositalmente "esquecidos" ou varridos para debaixo do tapete da história. Espaços como o Cais do Valongo, que evidencia um passado de dor, sofrimento e violência, precisam ser ressignificados e utilizados para produzir reflexões também acerca do presente. Em artigo no número 26 da revista *Outros tempos*, a historiadora Mônica Lima, ao falar sobre o Valongo e seu entorno, chama a atenção para a importância de considerarmos as dimensões do sofrimento, mas sempre articuladas às formas encontradas historicamente pelos africanos e seus descendentes para enfrentá-lo.

Para além disso, faz-se importante nas disputas que envolvem o patrimônio cultural ter um espaço como o Cais do Valongo, que traz as dimensões do material e do imaterial e que permite reflexões e ações indispensáveis na valorização da história da população negra, aliando o protagonismo de agentes do passado e do presente. A ocupação de espaços historicamente atrelados a uma herança colonial, elitista e branca por grupos antes invisibilizados, como os indígenas e os negros no Brasil, se faz essencial e urgente. O campo do patrimônio é um desses espaços, que em função das constantes disputas e negociações não é algo dado e imutável, mas sim uma conquista e um direito.

Próximo lançamento

Memória, patrimônio e turismo em perspectiva no Cais do Valongo (Rio de Janeiro, Brasil)

Maria Amália Silva Alves de Oliveira, Glenda Cristina Valim de Melo e Leila Beatriz Ribeiro (Orgs.)

184 p.



***Bruna Marina Portela** é historiadora do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da UFPR.



resenha

Presença inesperada

Livro bilíngue reúne contos de escritoras contemporâneas em que o espaço do lar e a intrusão dão o tom.— por ***Bruno Cobalchini Mattos****

A língua é, sem dúvida alguma, parte indissociável da noção de "lar". É impossível ficar à vontade em um lugar onde não se compreende o que os outros pensam, fazem ou comunicam. Um idioma compartilhado, não por acaso um dos alicerces de toda nação, é meio caminho andado para nos sentirmos em casa.

Essa ideia é explorada de forma magistral em "A língua me pesa tanto", de Lucia Leidenfrost (tradução de Everton Mitherhofer Bernardes). No conto, o narrador percebe com pesar que, após a morte da esposa, o fim de seu contato com o próprio idioma nativo vai apagando de sua memória os ecos da infância, as paisagens de sua terra e os sabores das comidas de lá, até por fim corroer a sua própria identidade. É a sina de quem vive a maior parte da vida como imigrante.

O conto parece dar o tom de *As diferentes moradas das palavras: contos de escritoras em tradução*, organizado por Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra. O volume é produto da disciplina de Crítica e Prática da Tradução III do curso de letras da UFPR, ministrado por ela no primeiro semestre de 2018. Trata-se de um compêndio de oito narrativas breves, todas de autoria de escritoras contemporâneas, traduzidas pelos alunos do curso. Como no texto de Leidenfrost, o que une as narrativas são as diferentes formas de explorar o espaço do lar. Um segundo tema, contudo, parece se embrenhar em cada um dos textos: a intrusão. Esse intruso pode assumir muitas faces: um paraquedista estrangeiro, um *Doppelgänger* (imaginário ou não), os últimos sobreviventes de uma colônia interplanetária, uma turba de genocidas ou até mesmo a morte. O fato é que há sempre uma presença inesperada responsável por desencadear o enredo.

É muito interessante que a intromissão tenha um papel tão relevante neste livro que, como o próprio subtítulo indica, coloca a tradução em primeiro plano. O tradutor ou tradutora, afinal, não deixa de ser um visitante de outra língua (de outro lar), às vezes bem-vindo, às vezes inesperado, jamais irrelevante. Isso fica muito claro inclusive para o leitor leigo, pois todo o livro foi estruturado para auxiliá-los nesta tarefa. Em primeiro lugar, um prefácio da organizadora expõe os principais desafios apresentados por cada um dos textos. Além disso, notas bibliográficas ajudam a situar os autores no cenário contemporâneo — algo bastante importante em uma seleção de narrativas tão inventivas quanto díspares. Por fim, a presença dos contos originais em inglês, espanhol ou alemão, justapostos ao texto em português, permitem àqueles que dominam outros idiomas investigar os caminhos da viagem proposta entre as duas línguas.

Cabe destacar a importância de oferecer a estudiosos da tradução uma oportunidade para publicar obras de escritoras que, por questões mercadológicas ou de mera negligência, são inéditas no Brasil. O leitor acaba ganhando duas vezes: além de ter acesso pela primeira vez a um conjunto de autoras relevantes, tem a oportunidade de conhecer melhor o ofício do tradutor. Ofício este que, não raro, é semelhante ao de Susannah em "O obelisco marciano" (autoria de Linda Nagata, tradução de Ana Paula Shiguemoto), talvez o conto mais interessante do livro: uma dedicação plena a grandes projetos de execução lenta e minuciosa, mas que correm o risco de passar absolutamente despercebidos. Para a nossa sorte, não foi o caso da turma de Nylcéa.



Tapeçaria de autor desconhecido feita no século XVI representando o mito de Narciso/Museum of Fine Arts Boston



Leia mais

As diferentes moradas das palavras: contos de escritoras em tradução

Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra (Org.)

114 p.

***Bruno Cobalchini Mattos** é tradutor do inglês e do espanhol. Traduziu autores como Miguel Ángel Asturias, George Orwell, J. P. Zooey, Pablo Katchadjian, Vera Giaconi e Noam Chomsky.

entre línguas

Um celeiro de *tradutores*

Por que, nos últimos anos, o curso de letras da UFPR vem se tornando um polo de tradução no Brasil? — por *Francisco R. S. Innocêncio**



Tabela feita em papel especial hōsho, mostrando a correspondência entre palavras japonesas e inglesas, com alguns erros de grafia/Tsunajima Kamekichi (1887)



Em sentido horário, os professores-tradutores da UFPR Maurício Cardozo, Regina Przybycien, Caetano Galindo e Guilherme Gontijo Flores/Acervo pessoal/Divulgação

Desde 2012, ano em que o professor Caetano Waldrigues Galindo recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) por sua tradução do romance *Ulysses*, do escritor irlandês James Joyce — obra que também venceu o Prêmio Jabuti de tradução daquele ano —, nomes ligados ao curso de letras com ênfase em estudos da tradução da Universidade Federal do Paraná têm frequentado as principais premiações literárias do país nessa categoria. Ao longo da década transcorrida desde o feito de Galindo, traduções publicadas por docentes ou egressos da UFPR vêm sendo reconhecidas, ano a ano, por sua excelência e inventividade estética. É o caso, por exemplo, da professora Regina Przybycien, também vencedora do prêmio da APCA, no ano de 2016, por sua tradução do livro de poemas *Um amor feliz*, da poeta polonesa Wislawa Szymborska. Mais recentemente, no ano de 2021, o Jabuti foi conferido à tradução do poema *Divã ocidento-oriental*, de J. W. Goethe, por Daniel Martineschen, doutor em letras pela UFPR e atualmente professor da UFSC. Fruto de um esforço que durou onze anos desde sua concepção, ainda no curso de graduação em letras, o trabalho de Daniel resultou em uma tese na área de estudos de tradução e foi posteriormente publicado pela editora Estação Liberdade. Já em 2022, a obra *Sobre a natureza das coisas*, do poeta e filósofo latino Lucrécio, traduzida por Rodrigo Tadeu Gonçalves, professor do Departamento de Polonês, Alemão e Letras Clássicas (Depac) e coordenador da Editora UFPR, conquistou o segundo lugar do Prêmio Paulo Rónai de Tradução, conferido pela Biblioteca Nacional.

Embora premiações literárias, em si, não possam ser tomadas como parâmetros absolutos ou atestados inquestionáveis de qualidade estética, considerando-se os vários fatores que em dado momento podem influir nos seus resultados, a constância com que Jabutis, APCAs e Paulos Rónais têm fluído para as mãos de pessoas ligadas ao curso de letras da UFPR nestes dez anos é, sim, um indício razoavelmente seguro de que essa universidade vem se tornando um dos principais polos da tradução em nosso país, como apontou o jornalista Guilherme Voitch

em matéria publicada na revista *Veja* em 15 de dezembro de 2017. Afinal, foram dez prêmios de expressão nacional ao longo desse tempo. Com toda razão, Caetano Galindo declara que essa concentração de traduções premiadas "não pode ser só coincidência". Segundo ele, na universidade paranaense, "tem havido um trabalho progressivo, lento e eficiente de formação de tradutores e criação de um ambiente intelectual fértil em que conversamos, trocamos ideias, nos provocamos e discutimos projetos".

O surgimento desse ambiente tão propício à proliferação de tradutores de que fala Galindo foi resultado de um processo que principiou no final da década de 1990 e se desenrolou no início dos anos 2000, resultando na criação de um curso de bacharelado com ênfase nos estudos da tradução. Na percepção do professor, tradutor e poeta Guilherme Gontijo Flores, ele próprio vencedor de quatro prêmios de tradução de expressão nacional, incluindo o APCA e o Jabuti de 2014 pela tradução de *A anatomia da melancolia*, de Robert Burton, publicado pela Editora UFPR, esse evento favoreceu a tendência, verificada nos últimos vinte anos, de que projetos de tradução pudessem ser desenvolvidos dentro da universidade, como parte da produção científica, para serem posteriormente oferecidos para publicação. Com isso foi possível agregar um estudo específico à prática da tradução, com evidentes benefícios: de um lado, essa produção literária passou a ser fruto também de um processo de reflexão e pesquisa, unindo-se assim o rigor acadêmico à criação literária e poética e possibilitando um tempo de elaboração e maturação que nem sempre é viabilizado pelas práticas de mercado; de outro lado, a tradução como campo de estudos que tem em vista também a atividade editorial permite ultrapassar os muros da instituição de ensino, pensando igualmente no público extra-acadêmico.

Um bom exemplo de como essa interação entre reflexão acadêmica e prática tradutória pode trazer resultados interessantes também do ponto de vista editorial é a iniciativa conduzida pela professora Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra. Durante o primeiro semestre de 2018, quando ministrou a disciplina de Crítica e Prática da Tradução III, no curso da letras, Nylcéa propôs a seus alunos e alunas a elaboração de uma antologia de narrativas curtas escritas por mulheres. Esse trabalho incluiria não apenas o exercício crítico da tradução de textos originalmente escritos em diferentes idiomas, o que foi feito mediante a leitura e discussão coletiva dos contos traduzidos pelos estudantes, mas também a etapa "mais burocrática" do processo editorial, que envolveu entrar em contato com autoras e agências para negociar direitos de tradução e publicação. Assim, os alunos e as alunas tiveram a oportunidade de exercitar não apenas a tradução como criação literária, mas também de tomar contato com o esforço editorial necessário para que uma obra literária venha a lume. A experiência se concretizou na publicação do livro *As diferentes moradas das palavras: contos de escritoras em tradução*, organizado por Nylcéa e lançado pela Editora UFPR.

No entanto, convém deixar claro que tudo isso não significa que o curso de bacharelado em estudos da tradução da UFPR tenha sido concebido como uma espécie de "escola de escritores".

> **"Essa produção literária passou a ser fruto também de um processo de reflexão e pesquisa, unindo-se assim o rigor acadêmico à criação literária e poética.**



Iluminura em Bíblia de 1497 mostra São Jerônimo traduzindo enquanto um leão lhe pede ajuda para retirar o espinho da pata/Arquivo Nacional Torre do Tombo

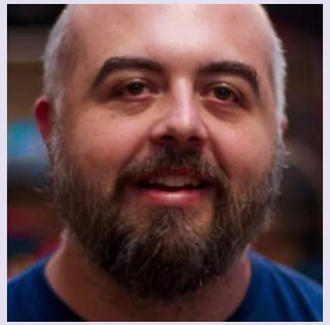
CONEXÃO BRASIL-ÁUSTRIA

No dia 10 de novembro de 2022, a Embaixada do Brasil em Viena lançou oficialmente o livro *Contos do Brasil: 200 anos de literatura brasileira/Erzählungen aus Brasilien: 200 Jahre brasilianische Literatur*. Trata-se de uma antologia em dois volumes, em edição bilíngue, português-alemão, publicada em comemoração ao bicentenário da Independência do Brasil. A obra foi organizada pelas professoras Alice Leal — egressa do curso de bacharelado em letras inglês-português com ênfase nos estudos da tradução da UFPR — e Carolina Borges, ambas vinculadas ao Centro de Estudos da Tradução da Universidade de Viena, e Kathrin Sartinger e Melanie Strasser, do Instituto de Letras Românicas, também daquela universidade. A publicação reúne 81 contos escritos por 25 autores e autoras brasileiros, entre 1822 e 2022, em sua grande maioria inéditos em língua alemã.
Ao todo, quarenta tradutoras e tradutores da Áustria, da Alemanha e do Brasil colaboraram para a realização da empreitada. Três desses tradutores/as são vinculados ao bacharelado em estudos da tradução da UFPR que, com a colaboração de tradutoras austríacas, verteram os seguintes contos para a língua alemã: "Cemitério de elefantes"/"Elefantenfriedhof", de Dalton Trevisan, traduzido por Cristiane Gonçalves Bachmann com a colaboração de Melanie Strasser; "Gringuinho"/"Fremdling", de Samuel Rawet, traduzido por Luiz Abdala Jr. com a colaboração de Xenia Catrinel Zarafu; "Um chá bem forte e três xícaras"/"Einen schön starken Tee und drei Tassen", de Lygia Fagundes Telles, traduzido por Angélica Neri com a colaboração de Rebecca Gramlich.

Ao contrário, a adoção do formato acadêmico tem como sua finalidade primeira, naturalmente, a reflexão linguística e estética e a pesquisa científica. Mais do que a um preparo técnico que capacita profissionais a produzir para o mercado editorial, graduados e graduadas têm acesso a um tipo de educação que tem como principal objetivo estimulá-los a continuar e aprofundar sua formação acadêmica. Paradoxalmente (mas nem tanto), é exatamente essa prioridade conferida à reflexão intelectual sobre a prática editorial que favorece a qualificação de tradutores tão bons, inclusive sob o ponto de vista, digamos, mercadológico. Como lembra Maurício Mendonça Cardozo, vencedor do Prêmio Paulo Rónai de tradução de 2018 por sua tradução de *Poesia e verdade*, de Goethe, e um dos principais responsáveis por propor a criação do Bacharelado em Estudos da Tradução na UFPR e também a implantação da linha de pesquisa em Estudos da Tradução no Programa de Pós-Graduação em Letras dessa universidade, "a tradução é uma atividade prática, antes de qualquer coisa. Por não ser uma atividade regulada, todos podem traduzir. Há os autodidatas. A diferença é que percursos formativos ajudam a acelerar o processo, a organizar essa formação". Isso porque, ainda segundo Cardozo, "a tradução acontece tanto como instrumento, como prática trivial ou profissional de nosso dia a dia, em geral numa dimensão mais evidentemente linguística, quanto como uma questão, atravessada pela mesma complexidade e densidade de questões discutidas e problematizadas nos diversos campos das Humanidades".

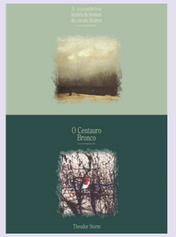


Livro Erzählungen aus Brasilien*, publicado na Áustria, teve participação de alunos da UFPR/Divulgação*



Daniel Martineschen, doutor em letras pela UFPR, ganhou o Prêmio Jabuti de tradução neste ano/Divulgação

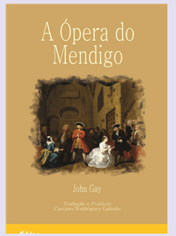
Leia na Editora UFPR



A assombrosa história do homem do cavalo branco/O centauro bronco
Theodor Storm
Maurício Cardoso (Trad.)



O diário do Beagle
Charles Darwin
Caetano Galindo (Trad.)



A ópera do mendigo
John Gay
Caetano Galindo (Trad.)

Leia também



Poemas
Wislawa Szymborska
Regina Przybycien (Trad.)
Companhia das Letras

teatro vivo

Três *faces* do palco

O que são as artes cênicas hoje? Profissionais no ofício explicam o que significa atuar, dirigir e escrever peças.
— por Ligia Souza*, Val Sales e Léo Moita*****

Escrever: obra aberta

Entender a arte e o trabalho do dramaturgo nos nossos dias parte de uma visão expandida sobre a palavra dramaturgia, de acordo com as práticas contemporâneas. Designações como *dramaturgia da luz*, *dramaturgia do som*, e outras, colocam em xeque a ideia tradicional do termo enquanto composição textual indicativa e construtora unívoca de sentidos da arte teatral.



Atriz apresenta o ritmo folclórico tradicional chamado murga*, no Teatro de Verano de Montevidéu, no Uruguai/Camilo Lopez-Moreira*

Pensar dramaturgia passa pela construção de uma noção estrutural do próprio teatro, como uma linha invisível que mantém tensionadas as diversas linguagens presentes no acontecimento cênico. Dramaturgia, mais do que um conjunto de palavras que organizam a narrativa, mostra-se como um arranjo que sustenta o edifício multimaterial do teatro. Essa operação estrutural se dá, em grande parte, em ação compartilhada com a encenação. Equilibrar as distintas materialidades de forma a compor um discurso articulado (mas não unívoco) se torna uma função primordial do dramaturgo.

De acordo com essa noção, resta ao dramaturgo destronar-se de sua autoria singular e indicativa e colocar-se de maneira horizontal nos processos de criação. A dramaturgia enquanto construto textual torna-se, então, mais um elemento da experiência teatral, e dessa maneira entende-se como uma obra aberta, tanto para os cruzamentos do processo criativo da cena quanto pela elaboração performativa do leitor em seu teatro mental. Não se trata de uma obra incompleta, mas sim de uma arte que se estrutura no compartilhar de experiências e no diálogo com a alteridade.

Portanto, a elaboração textual no teatro deve ser tomada na condição da palavra enquanto enunciação. O processo de significação da dramaturgia não se dá a priori. A experiência de construção de sentidos acontece na lógica dos jogos de linguagem, que age em combinação com o contexto de produção, os agentes envolvidos e os acordos entre eles travados. Pôr em tensão os sentidos unívocos e hierárquicos das palavras se coloca como um dos objetivos da dramaturgia contemporânea. Não se trata de propor uma nova operação da linguagem, mas sim de propor fraturas em espaços antes consolidados, liberando noções diversas.



Cena da peça Leftover*, dirigida por Ali Masoudi para o grupo Garage Theater Company/Mostafa Meraji*

Isso se dá principalmente pela ideia contemporânea de que as leituras indicativas sobre a dramaturgia, sobre a prática dramatúrgica ou sobre a função de dramaturgo são construções embasadas em relações de poder. Reconhecer a construção histórica que silenciou formas dissidentes do fazer teatral é o primeiro passo para gerar outros movimentos, outras materialidades dramatúrgicas.

É um desafio refletir sobre a produção dramatúrgica na contemporaneidade. Não se trata de indicar movimentos que direcionam um caminho, mas sim de elucidar acerca da contestação de caminhos unívocos ou de proposições limitantes. A abertura para conjecturas políticas da linguagem, para construções que operam na alteridade e na abertura de outras proposições silenciadas historicamente e que apontam para inovações futuras é uma possibilidade de leitura da dramaturgia atual. Pôr em tensão noções preestabelecidas para, enfim, operar aberturas diversas e arriscadas sobre a própria dramaturgia.

***Ligia Souza** é dramaturga, pesquisadora e professora. Realiza pesquisa de pós-doutorado em artes da cena pela Unicamp, onde também leciona na área de dramaturgia. É fundadora da La Lettre Criação (lalettre.art.br).

Coleção Dramas & Poéticas

Leia sobre o teatro luso-brasileiro do século XIX



A arte no teatro

Manuel de Macedo

Walter Lima Torres Neto (Org.)



Arte dramática

Manuel de Macedo

Walter Lima Torres Neto (Org.)



Manual do ensaiador dramático

Augusto de Mello

Walter Lima Torres Neto (Org.)

Atuar: tensão entre concreto e subjetivo

Um dia antes de começar a escrever este texto fui assistir a uma peça de teatro e ali, sentado na plateia, fui muito rapidamente capturado. Era um ator em cena e dois músicos, e em apenas alguns minutos de peça eu estava entregue ao que viesse. Como ator, um pensamento me ocorre sempre que esse fenômeno acontece: ele conseguiu! Mas o que ele conseguiu? Minha total atenção e entrega durante aqueles aproximadamente cinquenta minutos fizeram com que eu esquecesse o mundo lá fora, o tempo, e ele me apresentou um mundo novo, que coube e existiu ali, naqueles minutos compartilhados. Mais do que isso, conseguiu acender em mim a vontade, o desejo de atuar.

Atuar, para mim, é sempre um novo e grande mistério, pois, por mais técnicas que eu tenha adquirido ao longo dos anos, ou por mais experiência de palco que eu tenha, encarar um novo personagem é lançar-se ao desconhecido, adentrar o mundo das subjetividades em busca de algo concreto, sempre concreto. Parece paradoxal, e é! Atuar é estar na tensão entre o concreto e o subjetivo. A concretude de ações, sequenciadas ao longo de uma peça, repetidas exaustivamente ao longo de ensaios e também ao longo de uma temporada, abre espaço no espaço entre o palco e o público, despertando sentidos, provocando a audiência a seja lá o que for, mas sempre provocando. Gosto de pensar a atuação como provocação! É vital que, enquanto atores e atrizes, provoquemos já no processo de criação a equipe toda, figurinistas, iluminadores, cenógrafos, sonoplastas, diretores. O figurino é algo muito determinante, na minha opinião, para a vida de um personagem; por isso, sempre que posso faço propostas a fim de que ele me ajude na construção e aja como disparador para a criação das outras poéticas do espetáculo.

Por muito tempo tive medo de ser apenas virtuoso, e este é um risco que se corre quando as técnicas de atuação ficam à frente do ator ou atriz e impedem a comunicação, impedem a possibilidade de atingir o público, prender sua atenção, como aconteceu em minha experiência no teatro ontem. Quando me refiro às técnicas, são as de respiração, concentração, técnicas corporais das mais diversas, como capoeira, yoga, esgrima, escalada, técnicas do teatro japonês, indiano ou de qualquer outra nacionalidade que tenha produzido e disseminado pelo mundo alguma técnica para o teatro. Elas são muito importantes, e cada nova peça, cada novo processo de criação, por possuir lógicas próprias, sugere caminhos para que elas sejam aplicadas. Penso que ao longo dos anos construí em meu corpo um grande arquivo com muitas gavetas, e a cada novo trabalho como ator abro as gavetas e recombino os arquivos que considero adequados. Após a escolha nos arquivos do meu corpo, o próximo passo é fazer as técnicas sumirem. Uma vez uma amiga me disse que faltava humanidade em um trabalho que fiz como ator anos atrás, e isso me colocou a pensar e buscar incansavelmente essa humanidade. Até que me dei conta de que ela está em fazer as técnicas desaparecerem, tirá-las da frente, usá-las para que sumam e deem lugar a uma verdade transbordante e única, pertinente ao universo de cada peça.

Se o teatro é capaz de produzir novos mundos no palco, novas possibilidades de mundo, atuar é habitar esses mundos e essas possibilidades.



Mosaico romano do século II d.C. mostra máscaras da tragédia e da comédia no monte Aventino, em Roma/Artista desconhecido



O ator Val Salles no espetáculo Primavera leste*, em 2016/Fotógrafo: Lauro Borges*



Atores participam da peça Consequências*, em Erfurt/Fotógrafo: Lutz Edelhoff*

Val Salles é ator, dramaturgo, figurinista, integrante da Minha Nossa Cia. de Teatro e artista colaborador da Cia. de Bife Seco, de Curitiba. É formado pelo curso técnico de formação de atores da UFPR e é artista de teatro há 17 anos.

Dirigir: olhar próprio da criação

Passo por um caminho e me deparo com algo que eu não esperava. Eu não fazia ideia de que isso iria acontecer. Antes de me deparar com essa surpresa, eu insisti em me deleitar com o caminho até a sala de ensaio. Isso provavelmente acontece com todas as pessoas que se deslocam até uma sala de ensaio. De diferentes posicionamentos geográficos, estados corporais, pessoas se deslocam, e cada uma faz o seu caminho. Esse caminho, para mim, é um pôr do sol.

Ao chegarmos, nos encontramos, falamos bobagens, repetimos gestos cotidianos, maneirismos, conferimos o *feed*, tomamos café, falamos mais e mais e mais nada poderá impedir que o começo de um outro momento se anuncie. Um território é instaurado e nos deparamos com mais uma surpresa: é um espaço vazio para coisas acontecerem. Agora sim, podemos iniciar o que chamamos de ensaio. A partir desse momento se dá início a uma exploração, como se caminhássemos em uma trilha quase conhecida e ao mesmo tempo inventada, buscando, procurando, fazendo acontecer o próprio caminho, inventando coletivamente, através do corpo e da palavra, nos aventurando para que possa talvez nos aparecer e acontecer, quem sabe, um novo pôr do sol.

Dos atores e atrizes, que olho nos olhos para ver onde estão — e talvez seja aí, no olhar de cada criador, que se transborde seu estado-lugar de criação —, eu olho em seus olhares e talvez eu destaque o olhar como ponto de comunhão. É nessa comunhão que um diretor ou diretora deve se atentar. Nos últimos anos como diretor, venho admirando a capacidade do olhar, de o olhar estar em cena, de trazer para bem perto de nós o olhar da atriz e do ator quando estão em cena. Minha direção teatral busca descortinar para cada intérprete um olhar próprio da sua criação. Por isso olho também para os pés. Se estão pisando no chão. Ultimamente quando dirijo uma peça de teatro, durante o caminho da cena, durante um momento de improviso, aventuro meu olhar olhando para os pés em cena.

E então com os olhos atentos e os pés dispostos, ou ainda com os olhos dispostos e os pés atentos, podemos explorar esse lugar chamado sala de ensaio, podemos explorar esse lugar chamado corpo, podemos criar relações de criação um tanto provocativas e sem ofensas pessoais. Sim, é importante lembrar que este tipo de direção teatral, onde a humilhação e a chacota imperavam para o deleite violento do diretor já foi louvado e muitas vezes replicado. É preciso lembrar, para nunca esquecer, para que jamais se repitam ensaios ditatoriais assim como tantos outros acontecimentos de opressão que também aconteceram na história de nosso país. Nossos pés estão dispostos a explorar um caminho que nosso olhar anuncia como uma utopia possível de existir.

Conduzir um processo de criação é estar também com pés e olhos no presente para que possamos possibilitar que o imaginativo venha à tona.

Dirigir uma peça de teatro se torna uma aventura, a fim de possibilitar a existência de um pôr do sol em cada olhar através da presença da equipe em sala de ensaio. Nem só de atores e atrizes é que se faz um espetáculo. A maneira como o diretor ou diretora conduz o coletivo, que abarca todos os profissionais envolvidos, é que dá coloração específica a cada raio de sol. Todo processo de direção teatral acaba se tornando inevitavelmente uma aventura particular e coletiva, fazendo do processo um caminhar ao desconhecido.

*****Léo Moita** é ator, diretor, dramaturgo e professor de teatro. Iniciou suas atividades teatrais no Curso Livre de Teatro, do Sesi-SP (1999-2006), em Rio Claro, interior de São Paulo. Licenciado em teatro pela Faculdade de Artes do Paraná (2010), integrou o Núcleo de Dramaturgia do Sesi-PR (2011-2013) e também foi diretor cênico do Grupo de MPB da Universidade Federal do Paraná (2013-2017). Um dos fundadores do Coro Cênico de Curitiba e da Minha Nossa Cia de Teatro, é professor de teatro para alunos do sexto ao nono ano do Colégio Stella Maris e diretor do Núcleo de Criação da Escola de Teatro do Clube Curitibano. Segue seus trabalhos sendo convidado por diversas produções e grupos de teatro nas cidades de Curitiba, São Paulo e Rio Claro.

DICA DO EDITOR

Gladiadores na Roma antiga, de Renata Senna Garraffoni (Editora UFPR): a palavra "gladiador" traz logo à mente homens empobrecidos ou escravizados que lutavam nas arenas romanas (entre si ou contra animais ferozes, também exóticos) para divertimento de uma plateia sedenta por sangue. Talvez não seja bem assim. Ou pelo menos não é tudo. Esses estereótipos — da turba sanguinária, do combatente inquebrantável, das arquibancadas de pedra etc. — são reavaliados pela professora Renata Senna Garraffoni e enfim postos no lugar que lhes é devido. Nesta obra, ampliada para a segunda edição, o caráter simplista de tal visão sobre o Império Romano é abandonado em favor de uma perspectiva mais complexa e mais real da vida dessas pessoas, que não tinham uma existência restrita às lutas.



Interior da Comédie-Française, na rua Richelieu, em Paris/Antoine Meunier, 1790

Leia também na Coleção



Tiestes

Lúcio Aneu Sêneca.

José Eduardo S. Lohner (Trad.)



A fronteira

David Cureses.

Maria Fernando Gárbero (Trad.)



O presidente

Thomas Bernhard.

Gisele Eberspächer e Paulo Rogério Pacheco Junior (Trad.)



Uma festa para Boris

Thomas Bernhard.

Hugo Simões e Luiz Abdala Jr. (Trad.)

Ruth Bohunovsky (Org.)

poesia

Na aridez que tudo ocupa

Acalentar o bicho que se arrasta, bicho serpente, palavra arisca que invade o tempo. — por ***Jussara Salazar****

I
MÁTRIA

a menina nasceu
    [salobra querubim]
peixe
entre pedras áridas de um agreste
capinou aquela terra funda
e fiou as contas
ajuntou a coivara
habitou a casa
voou
com as aves de arribação para o mar
    [entre sal e celacantos]
germinou sua ara

[*por mar decerto noturno*
zéfiro barcos algas]

II
SOBRE AMANHECER NO AGRESTE

nessa aridez que tudo ocupa
terra semeada à faca_ iamanaka'ru
como se em terra sua
lança suas bordas afiadas
fere a pele de sua pele quando rasga
em si_ como se nasce_ sem água
essa terra que lhe serve de morada
e se lhe sustenta a epiderme_ é para
quando a sede que lhe bebe lhe serve
nas noites de frio espelhe-se
em galáxia de órion que vaga
lá do alto como a fruta violeta
_ a polpa breve
no céu da noite ao amanhecer
fúria
que o sol no catimbau floresce
recrudesce em meio ao nada

III
OUTRA ORAÇÃO AO MENINO
JESUS DO AVELÓS

as montanhas
entre curvas te embalam
leves
porque quando passas
os faróis como pequeno fogo
iluminam teu timão
na dobra ligeira da estrada
as pedras te benzem
nascidas das águas
onde se escondem peixes
encravados
anjos petrificados de pompeia
escavados agora
em meio ao voo cortado
de *ma'kukus*
um gesto. Acalentar
o bicho que se arrasta
bicho serpente
palavra arisca que invade o tempo
mas entre as pedras
soa o pequeno tambor que tu tocas
por isso unge
com tuas mãos
o avelós que rodeia a estrada
são recordações
sumo
poeira
hastes sagradas
como o manto e a as palavras
que cobrem teu corpo de menino
e que passam

IV
ESMERALDINA

minha avó
teceu a vida
        dividida
na faca dos dias
na mó do tempo
a fio e silêncio

*Fotografia de Oliveriouto

Jussara Salazar é escritora e artista visual. Publicou *Inscritos da casa de Alice* (1999), *Baobá, poemas de Leticia Volpi* (2002), *Natália* (2004), *Corauríssonoros* (Buenos Aires, 2008), *Carpideiras* (2011, com a Bolsa Funarte, ficando entre os finalistas do Prêmio Portugal Telecom na edição de 2012), *O gato de porcelana, o peixe de cera e as coníferas* (2014), *Fia* (2016), *Corpo de peixe em arabesco* (2019), *O dia em que fui santa joana dos matadouros* (Prêmio Hermilo Borba Filho, 2020, e finalista do Prêmio Jabuti) e *Bugra* (2021). Tem sua obra publicada em diversas revistas e traduzida para o inglês, o francês, o espanhol e o alemão. É doutora em comunicação e semiótica pela PUC-São Paulo e mestra em estudos literários pela Universidade Federal do Paraná.

Editora UFPR, *35 anos* fazendo o conhecimento circular

Editora universitária completa aniversário com três Jabutis, seis Prêmios Abeus, duas grandes feiras nacionais e mais de quatrocentos títulos ativos no catálogo. — por Maria Perigo*



A Editora UFPR, hoje vinculada à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proec), foi fundada oficialmente no dia 24 de março de 1987, com o nome *Scientia et Labor* ("Ciência e Trabalho"), emblema presente no brasão da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mas já em 1989 ela abandonou o primeiro nome, utilizando, a partir de então, o nome atual: Editora UFPR. Foi também em 1989 que passou a utilizar a logomarca mantida até hoje, à qual se somaram várias logos comemorativas.

Desde então, ela cresceu em diversos sentidos ao longo dos anos, ampliando o seu catálogo com publicações de qualidade, prêmios importantes, realizando feiras, marcando presença em eventos nacionais e internacionais, mesmo no contexto difícil de pandemia da Covid-19. Ademais, hoje, o livro produzido na Editora UFPR chega aos lugares mais distantes do Brasil e do exterior, não só por conta da livraria virtual e contratos com diversas livrarias universitárias e comerciais de todo o país, mas em razão de sua participação em eventos nacionais e internacionais possibilitados pela parceria importante que mantém com a Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu).

***Maria Perigo** é doutoranda em educação pela UFPR e revisora de textos na Editora UFPR.

A história da Editora UFPR em logos

Logo Comemorativa aos 35 anos (2022)

Logo Comemorativa aos 30 anos (2017)

Logo Comemorativa aos 25 anos (2012)

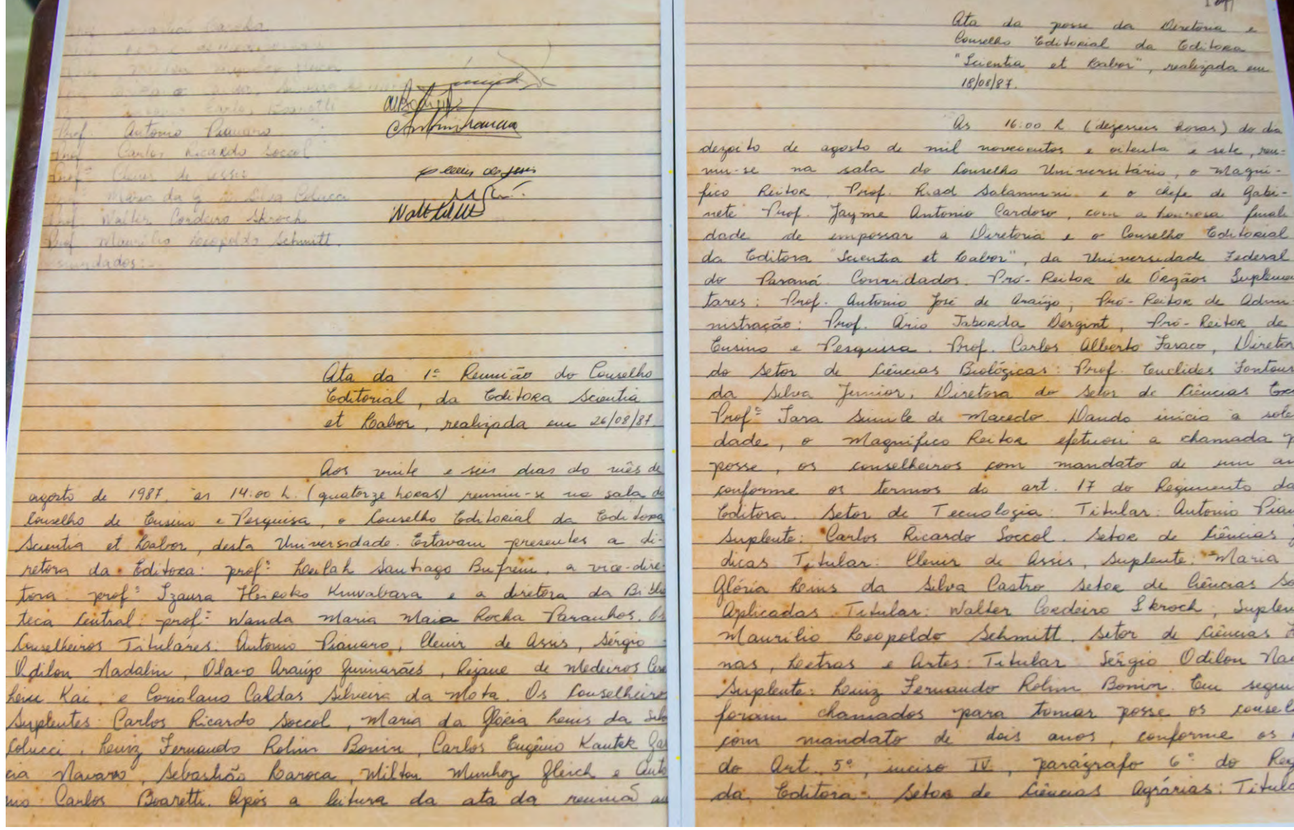
Logo Comemorativa aos 20 anos (2007)

Logo Comemorativa aos 15 anos (2002)

Logo Comemorativa aos 10 anos (1997)

Logo Editora UFPR (1989)

Logo *Scientia et Labor* (1987)

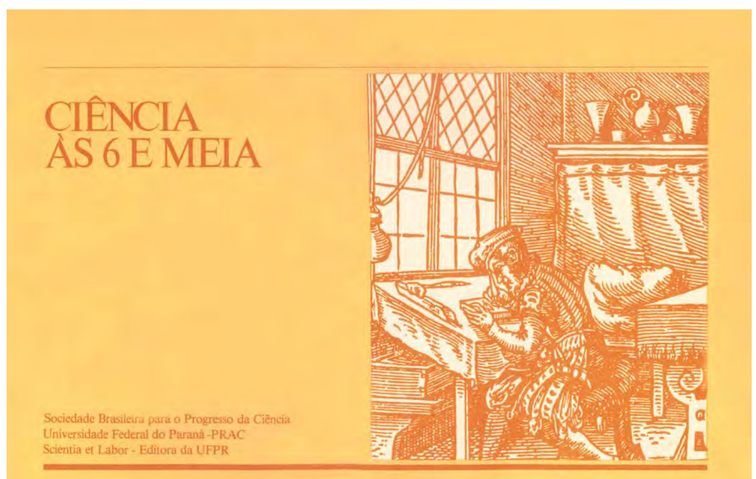


Ata da 1ª Reunião do Conselho Editorial, da Editora Scientia et Labor, realizada em 26/08/87

Ata da posse da Diretoria e Conselho Editorial da Editora "Scientia et Labor", realizada em 18/01/87.

Folha inicial da Ata da primeira reunião e do Conselho Editorial da Editora UFPR/Fotografia de Samira Chami Neves (2017)

O primeiro livro da Editora foi resultado do projeto Ciência às 6 e Meia, que surgiu em 1986, como uma ramificação do projeto Ciência no Brasil, coordenado pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), com o apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). O projeto curitibano Ciência às 6 e Meia foi promovido pela Secretaria Regional do Paraná da SBPC, juntamente com a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários da UFPR. O livro registrou reuniões e conferências do projeto na busca por difundir temas relacionados à ciência e à tecnologia.



O primeiro livro, Ciência às 6 e meia, *foi lançado no dia 13 de junho de 1987, ainda com o registro Scientia et Labor — Editora da UFPR*

Uma das primeiras publicações com o nome Editora UFPR foi o livro Harry Berger, *de José Joffily, lançado em 1987 numa coedição com a Paz & Terra*



Com papel fundamental no cenário da história da UFPR — de interação com a sociedade mediante a publicação de textos produzidos dentro e fora dos muros da Universidade, a Editora UFPR ganhou evidência ainda maior no mercado livreiro, principalmente com os prêmios importantes que conquistou nos últimos anos, dentre os quais destaca-se o Prêmio Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) — o mais importante prêmio literário do Brasil.

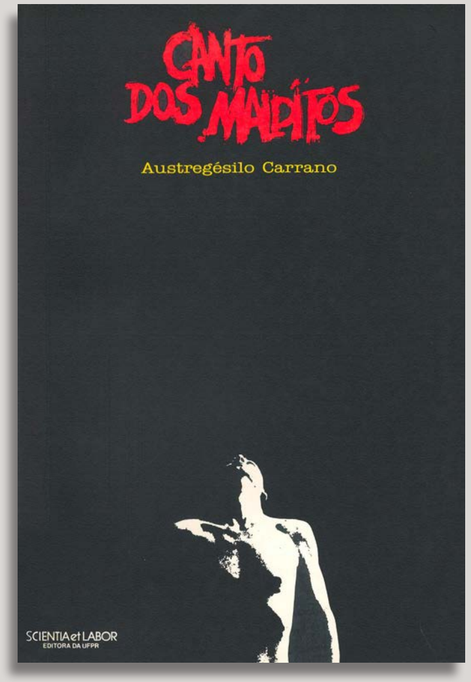
É o rigor quanto à avaliação de seus originais, examinados por pareceristas *ad hoc*, que garante a qualidade do catálogo da instituição. O Conselho Editorial, composto pelo coordenador e assessor da Editora e por representantes de todos os setores e campi da UFPR, baseado nos pareceres, faz a seleção das obras — inscritas por meio de Edital público anual — que serão publicadas.

A Editora UFPR lançou seu primeiro livro em 1987, em Curitiba-Paraná, e, hoje, tem mais de 400 títulos ativos que vão de traduções de literatura e dos clássicos às mais variadas áreas do conhecimento, como a história, a literatura, o teatro, a sociologia, a política, a psicologia, a geografia, a música, a biologia.

Além disso, dois eventos importantes, organizados anualmente pela Editora, também marcam a sua trajetória: o *Feirão de Livros Editora UFPR* (antiga Feira de São João), hoje na sua 12ª edição, e a *Feira do Livro Editora UFPR*, que este ano completou 20 anos de existência e nas últimas edições vem sendo realizada em parceria com a Semana Literária & Feira do Livro SESC. A realização das feiras de livros representa uma iniciativa efetiva de acesso aos mais diversos livros, pois tem como elemento facilitador a prática de descontos especiais.



As várias edições do livro Bioquímica: aulas práticas*, do Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular da UFPR; hoje na sétima edição*



O livro *Canto dos malditos*, de Austregésilo Carrano, publicado pela Editora UFPR em 1990, inspirou o filme "O bicho de sete cabeças" (2001), dirigido por Laís Bodanzky e estrelado pelo ator Rodrigo Santoro. A obra autobiográfica relata os abusos que o escritor passou em hospícios de Curitiba e Rio de Janeiro e coloca em questão os internamentos psiquiátricos. O livro chegou a ser recolhido das livrarias por ordem judicial.

> Li, com a atenção devida, este *Canto dos Malditos*, de Austregésilo Carrano Bueno. E recomendo-o vivamente, para uma edição, não apenas pela contundência do depoimento, mas também por suas qualidades expressionais, literárias. É um livro vigoroso, num código jovem, com tudo que faz um texto gostoso.
>
> Paulo Leminski
> Apresentação do livro *Canto dos malditos*

Capa do livro Canto dos malditos
Austregésilo Carrano

A ação coloca ao alcance não só do público acadêmico, mas da comunidade geral, a produção da Editora, bem como de várias outras editoras parceiras renomadas.

Nos últimos anos, a Editora UFPR ainda vem dedicando esforços na publicação desta revista, a *Tinteiro*. Uma publicação que tem como objetivo divulgar autores internos e externos. Apresentando um pouco do universo de livros variados, como aqui se vê, ela é composta por resenhas, trechos de obras, entrevistas, contos etc., recheados por imagens que destacam a excelência de produções literárias e científicas, cumprindo, mais uma vez, o seu papel extensionista e sua função sociocultural.

Mas a Editora UFPR não para por aí! Em clima não só de balanço, mas de planejamento também, a entidade vem trabalhando em um projeto sobre a sua história, que se estenderá até o próximo ano: "Editora UFPR e a divulgação do conhecimento acadêmico editorial". Além da pesquisa histórica, o projeto busca realizar uma revisão crítica do catálogo da Editora, almejando planejar o futuro.

E para comemorar as três décadas e meia de existência, a Editora, além das ações promocionais e da realização das suas duas grandes feiras, com rodas de conversas com autores e demais agentes culturais, inaugurou a nova sede de sua livraria no dia 12 de maio deste ano, no Complexo da Reitoria, em Curitiba. O espaço, com ampla área — 110 metros quadrados — fica no edifício Dom Pedro I — na Rua General Carneiro, 460 — e conta com um catálogo de mais de 500 títulos próprios e das principais editoras universitárias do país

É olhando para o futuro, com a clareza do entendimento de um passado de 35 anos de serviços prestados à comunidade acadêmica e externa, divulgando e valorizando a produção intelectual e cultural das mais diversas áreas do conhecimento, não só da UFPR, mas do Brasil todo, que a Editora UFPR comemora o lugar de destaque que conquistou não só dentro da Universidade, mas entre as editoras universitárias brasileiras e, principalmente, nas prateleiras de seu público fiel.



A tradução do professor Guilherme Gontijo Flores para A anatomia da melancolia*, de Robert Burton, ganhou o prêmio de melhor tradução em 2013 da APCA e o primeiro lugar na categoria tradução do 56º Prêmio Jabuti em 2014*





ABEU

No mesmo ano em que a Editora UFPR foi criada, nasceu também a Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu). A entidade foi fundada no dia 2 de setembro de 1987, quando da realização do IV Seminário Nacional de Editoras Universitárias, na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia. Desde a sua fundação, a Editora UFPR é uma das mais de cem editoras filiadas à Association, participando ativamente de suas atividades e ocupando vários cargos da direção, além de sediar eventos da entidade. Para Rodrigo Tadeu Gonçalves, coordenador da Editora UFPR, "a Abeu é uma instância representativa extremamente importante para as editoras universitárias. Em reuniões, feiras, eventos e através de suas publicações, ela agrega e fomenta a produção das editoras, muitas delas de IES públicas".



A Editora UFPR participou da 24ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que ocorreu de 26 de agosto a 4 de setembro de 2016/Fotografia do acervo da Abeu



Em uma perspectiva cronológica, a Editora UFPR e a Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) caminham juntas. Para além do aspecto etário, as duas instituições sempre tiveram uma relação profícua e de parceria sólida. Nesse sentido, é fundamental pontuar algumas contribuições relevantes ao longo dessa trajetória.

A Editora UFPR é uma das fundadoras da ABEU, quando a representante da UFPR era a professora Leilah Santiago Bufrem, que logo assumiu como membro do Conselho Fiscal, na primeira diretoria. Posteriormente, em 2003, quando não tínhamos ainda a nomenclatura diretoria regional, tivemos como vice-presidente Sul o professor Luís Gonçalves Bueno de Carvalho, na primeira gestão da professora Flávia Rosa como presidente.

O professor Luís Bueno passou a fazer parte do Conselho Fiscal, como suplente, de 2005 a 2007. De 2013 a 2015, na gestão de João Canossa como presidente, o professor Gilberto de Castro atuou como diretor de eventos. Na gestão do professor Marcelo Di Renzo, de 2017 a 2019, o diretor da Região Sul foi o professor Rodrigo Tadeu Gonçalves, cuja gestão se estendeu de 2019 a 2021, já quando eu estava na presidência.

Além disso, é importante destacar que a Editora UFPR, com suas feiras, tem valorizado as editoras universitárias, criado laços e favorecido o fluxo do livro acadêmico e científico.

Rita Argollo, professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), diretora da Editus (Editora da UESC) e diretora da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU).

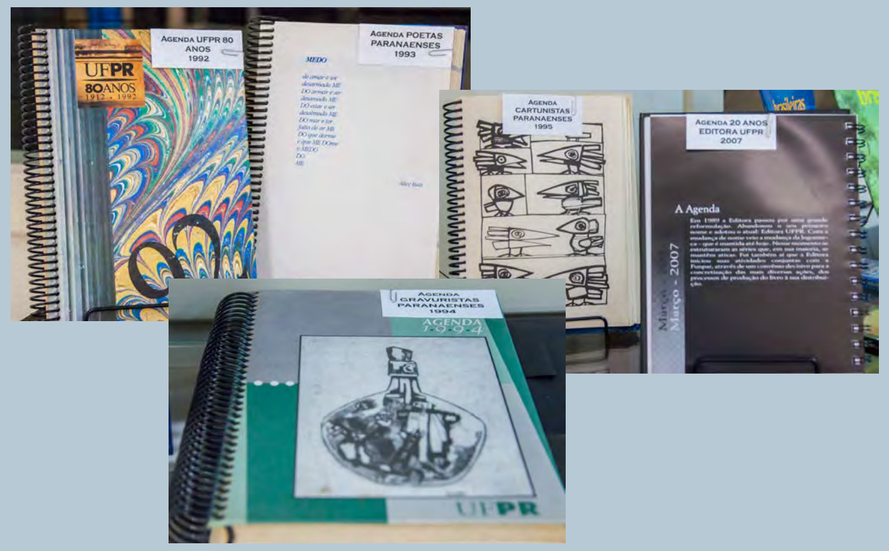


9º Feirão de Livros Editora UFPR em 2018/Fotografia do acervo da Editora UFPR

"Hoje, o livro produzido na Editora UFPR chega aos lugares mais distantes do Brasil e do exterior, não só por conta da livraria virtual e contratos com diversas livrarias universitárias e comerciais de todo o país, mas em razão de sua participação em eventos nacionais e internacionais.



Uma das tradições da Editora: Agendas UFPR/Fotografias de Samira Chami Neves (2017).



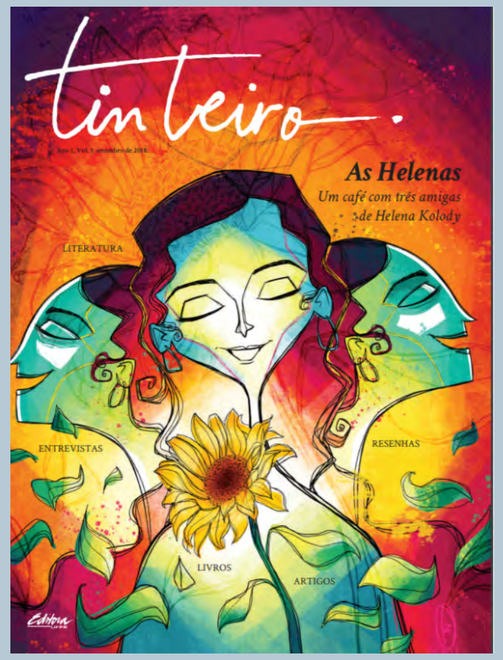
AGENDAS

Desde 1992, a Editora UFPR publica a Agenda UFPR. A primeira publicação teve como tema os 70 anos da UFPR, de lá para cá, além dos aniversários da universidade ou da própria Editora, os mais variados temas já foram contemplados: a pesquisa, a cultura, a arte — obras, museus, poetas, gravuristas e cartunistas paranaenses — e até mesmo a Copa de 2014. Grande sucesso, neste ano de 2022, a Agenda UFPR reforçou a relevância da ciência e a integração entre a universidade e a comunidade (interna e externa) por meio da publicação de imagens (entre fotografias, desenhos, criações digitais e outras linguagens), selecionadas em um concurso promovido pela Editora, que teve como tema a Ciência, a Universidade e a pandemia de Covid-19. Já a Agenda UFPR 2023, que acaba de sair do forno, traz os traços singulares e rústicos do curitibano Poty Lazzarotto (1924-1998). As imagens que ilustram a agenda são do painel do artista paranaense que está instalado no Prédio de Administração do Centro Politécnico, na UFPR, batizado como "História da Tecnologia", de 1964. O mural de lajota cerâmica de 29 metros integra o Patrimônio Cultural do Estado do Paraná. O tema da Agenda UFPR 2023 foi escolhido em função da edição de 2023 da Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) — o maior encontro de cientistas, estudantes e interessados em ciência da América Latina —, que a UFPR irá sediar entre os dias 23 e 29 de julho do próximo ano. Ícones do mural de Poty foram escolhidos para representar o evento.











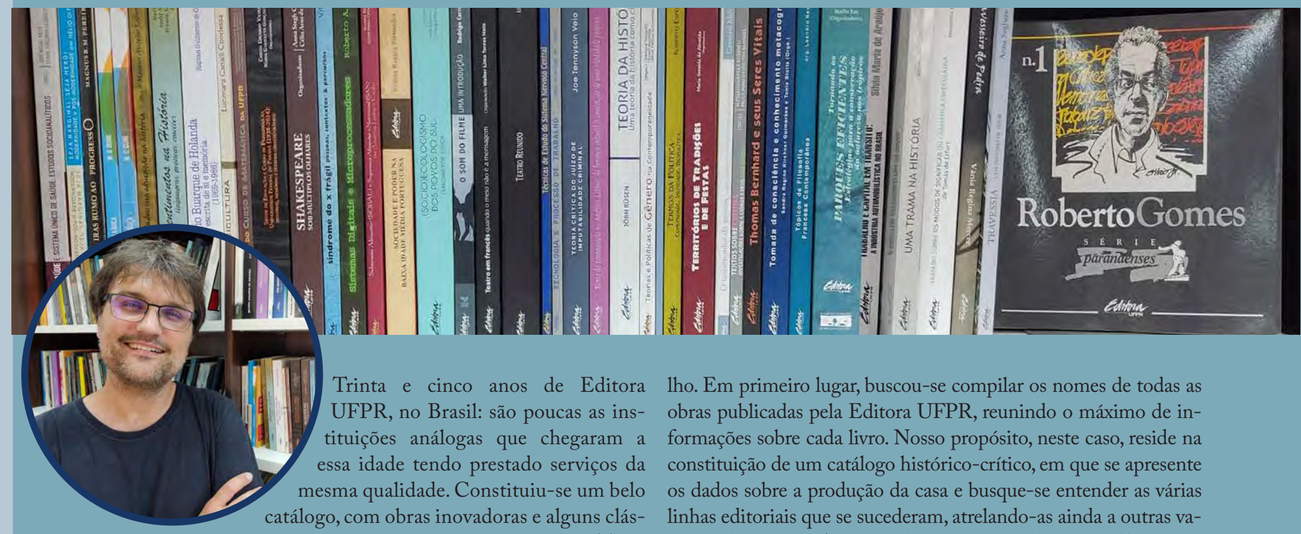


Acesse as outras edições completas da Tinteiro

depoimentos | 35 anos

A experiência do *livro*

Nove diretores e diretoras estiveram à frente da Editora UFPR. São muitos os fios que se entrelaçam. — por *Rafael Faraco Benthien**



Trinta e cinco anos de Editora UFPR, no Brasil: são poucas as instituições análogas que chegaram a essa idade tendo prestado serviços da mesma qualidade. Constituiu-se um belo catálogo, com obras inovadoras e alguns clássicos incontornáveis em várias áreas do conhecimento. Também grandes prêmios nacionais foram arrebatados: eles somam, hoje, três Jabutis e seis Abeus. Não há exagero em dizer que foram, portanto, 35 anos bem-vividos.

Nesse ínterim, a Editora soube também se transformar, tanto em sua armação institucional quanto na morfologia de seu pessoal. Ela conheceu vários regimentos internos e foi objeto de diferentes resoluções. Esteve ligada, por exemplo, ao Gabinete do Reitor, à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, onde se encontra hoje. Nove diretores e diretoras estiveram à sua frente, em sete diferentes reitorias. Entre funcionários(as), estagiários(as) e bolsistas, contam-se hoje mais de cem pessoas. São assim muitos os fios que se enlaçaram na história da Editora, tornando difícil, a partir do lugar que cada um ocupa ou ocupou, pensar criticamente o conjunto. Trinta e cinco anos, afinal, é uma longa estrada e é normal que a memória comece a vacilar. Cada qual tende a projetar nessa história da qual fez parte certa luz, o que paradoxalmente instaura zonas de sombras, de não ditos.

Foi pensando em explorar essa riqueza que se buscou, ao longo do último ano, resgatar e problematizar um pouco dessa história. Com o apoio de três bolsistas, Samarah Wippel Selski (Design-PUC), Luiz Henrique Betim Marques (História-UFPR) e Karolyne de Paula (Letras-UFPR), abriram-se três frentes de trabalho. Em primeiro lugar, buscou-se compilar os nomes de todas as obras publicadas pela Editora UFPR, reunindo o máximo de informações sobre cada livro. Nosso propósito, neste caso, reside na constituição de um catálogo histórico-crítico, em que se apresente os dados sobre a produção da casa e busque-se entender as várias linhas editoriais que se sucederam, atrelando-as ainda a outras variáveis de contexto (o estado da arte das disciplinas científicas e das letras, as políticas públicas de fomento à produção e à distribuição de livros, as mudanças na vida universitária nacional e local). Em segundo lugar, teve início uma série de entrevistas com antigos funcionários(as) e diretores(as) da casa, buscando entender o papel dessas pessoas em sua atividade-fim. Por fim, almeja-se constituir um pequeno fundo de arquivos, reunindo o material que não está exatamente destinado a ocupar as estantes e os armários de um arquivo morto, mas constitui a matéria viva a partir da qual se pode pensar a história da instituição (entrevistas transcritas, *clipping* de notícias, compilados de antigas legislações relativas à Editora etc.).

Essa retomada da História se faz também com um olho no futuro. Constituiu-se também, ao longo de 2022, uma comissão interna, composta por técnicos e docentes lotados na Editora, para rever o Regimento atual e propor algo não apenas mais moderno, ou seja, atinado com o estado do mercado de livros universitários no Brasil, mas também mais cooperativo, no sentido de aproveitar todas as potencialidades do quadro atual de funcionários da Editora. Na articulação do passado e do futuro, espera-se, assim, desde já, laborar o chão, na certeza de que aqueles que nos sucederão trarão suas sementes.

***Rafael Faraco Benthien**, atual assessor na Editora UFPR e coordenador do projeto que investiga a história da instituição.



A criação da Editora da Universidade Federal do Paraná foi consequência da vontade política de um grupo altamente motivado pelo movimento de redemocratização do país e pela eleição do primeiro reitor escolhido pela comunidade universitária, professor Riad Salamuni, em 1986. Vivíamos um período histórico marcado pelo ânimo acadêmico direcionado a propostas orgânicas e coerentes com a realidade. A primeira iniciativa da gestão foi a criação de comissões especiais para definir políticas relacionadas a questões específicas. Entre elas, a Comissão Editorial, por mim presidida, a convite do professor Carlos Alberto Faraco, então pró-reitor de graduação, estudou a viabilidade de criação de uma editora na Universidade. Momento histórico foi a entrega do relatório com os resultados de nossos estudos exaustivos, acompanhados por parecer favorável à criação da Editora e apontando a diversidade de opções e ações em prol da consolidação de uma política editorial universitária consistente. Assumimos a direção da recém-criada Editora da Universidade Federal do Paraná, em 1987, tendo na vice-direção a inesquecível professora Izaura Kuwabara. Passamos a enfrentar, a partir de então, uma realidade concreta só amenizada em sua complexidade pela vontade política, nutrida pelo ideal de transformação.

Leilah Santiago Bufrem, primeira diretora da Editora UFPR



A Editora UFPR deu um salto editorial grande durante o período que estive à frente da entidade, dinamizando o processo editorial, aperfeiçoando a qualidade das edições, o número de títulos e ampliando de forma significativa as edições de traduções. A prova disso foram os prêmios recebidos pela Editora UFPR que acumulou, em sequência (2013/2014/2015), três Prêmios Jabutis, além do prêmio de melhor tradução brasileira concedido pela APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte). Mas isso, não posso deixar de dizer, só foi possível graças ao esforço coletivo e entusiasmado dos autores e tradutores da Editora, e sobretudo de uma equipe valorosa com quem tive o privilégio de trabalhar.

Gilberto de Castro, diretor da Editora UFPR, gestão 2009/2015



Antes de assumir a direção, em março de 2015, acompanhei as atividades da Editora UFPR desde abril de 2013 e comecei a fazer oficialmente parte da equipe em agosto daquele ano, como vice-diretora, na gestão de Gilberto de Castro.

Minha satisfação maior era ver um projeto de livro se materializar, desde a reunião com autores e autoras até o recebimento das caixas vindas da gráfica e o lançamento, participar da escolha das capas, às vezes dos títulos. Outro pequeno prazer era negociar um contrato de tradução, colocando a UFPR no mapa de parcerias de editoras estrangeiras.

É ótimo ver que a Editora segue muito bem nos 35 anos, com novos prêmios, apoiada institucionalmente, ampliando o catálogo com qualidade, publicando e promovendo pesquisa, ciência e arte, sua valiosa – e mais do que nunca necessária – contribuição para a cultura e o futuro do país.

Parabenizo equipe e coordenação pelo aniversário e por todas as iniciativas que melhoram a participação da nossa Editora no mundo dos livros e da leitura – enquanto aguardo pelas deliciosas feiras de livro presenciais e por uma nova edição da revista *Tinteiro*.

Suzete de Paula Bornato, vice-diretora, gestão 2013/2015, e diretora da Editora UFPR, gestão 2015/2017



Quando cheguei à Editora, em 2017, como vice-diretor da Suzete Bornatto, comemorávamos trinta anos de existência. A Editora UFPR comemorava ao mesmo tempo que a ABEU, também fundada em 1987. De lá para cá, assumi a direção no final daquele ano e passamos os últimos cinco anos em meio a muito avanço, crescimento, desafios e alegrias. Nestes 35 anos, com o empenho de toda a equipe, conselho, autores, autoras, tradutores e tradutoras, faço votos de muitos mais anos de trabalho, crescimento e evolução desse que é um dos nossos maiores patrimônios da UFPR.

Rodrigo Tadeu Gonçalves, atual coordenador da Editora UFPR

Catálogo

Desde a última edição da** Tinteiro, **a Editora UFPR publicou, entre livros inéditos e reimpressões muito importantes, mais de trinta obras. As mais variadas áreas do conhecimento foram contempladas, entre elas: o direito, o teatro, a linguística, a história, a literatura, a biologia, a filosofia, a sociologia, a política, a psicologia, a matemática, a música, o esporte. Confira alguns destaques nas próximas páginas.

Fotografia de Alan Santiago Norões Queiroz

Confira as principais publicações. Lista em ordem alfabética pelo título da obra. Catálogo completo em nosso site:

Ad astra, per aspera. *Harry Crowl*

***Admirável mundo novo* e *A Ilha* de Aldous Huxley: entre o pesadelo e o idílio utópico.** *Evanir Pavloski*. Em impressão

Adulto diante da criança de 0 a 3 anos, O. *Andre Lapierre e Anne Lapierre*

Aeroclube do Brasil, O. Um voo panorâmico sobre a história da formação de pilotos civis no Brasil. *Rejane de Souza Fontes e Claudia Musa Fay*

Agricultor a farmer, De. *Claiton Marcio da Silva*

Alfabetos: ensaios de literatura. *Claudio Magris. Maria Célia Martirani (Trad.)*

América Latina, sociedade e meio ambiente. *Dimas Floriani e Antonio Helizalde Hevia (Orgs.)*

América Latina: história e literatura. *Ana Amélia M. C. de Melo, Maria Soledad Falabella Luco e Adelaide Gonçalves Pereira (Orgs.)*

Análise experimental do comportamento: manual de laboratório. *6ª ed. rev. e ampl. Paula Inez Cunha Gomide e Lidia Natalia Dobrianskyj Weber*

Anatomia da melancolia, A. – volume I – Demócrito Júnior: ao leitor. *Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)*

Anatomia da melancolia, A. – volume II – A primeira partição: causas da melancolia. *Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)*

Anatomia da melancolia, A. – volume III – A segunda partição: a cura da melancolia. *Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)*

Anatomia da melancolia, A. – volume IV – A terceira partição: melancolia amorosa. *Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)*

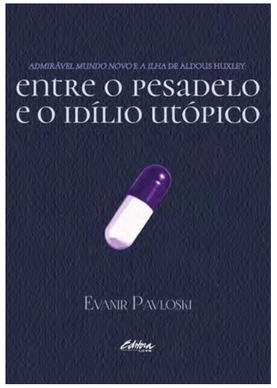
Anatomias da meia-palavra: ensaios sobre a obra de José Paulo Paes. *Henrique Duarte Neto e Marcos Pasche (Orgs.)*. Em impressão

Animal que não sou mais, O. *Étienne Bimbenet. Maurício José d'Escragnolle Cardoso (Trad.)*

Antes que tudo acabe: o discurso da mídia e a crise econômica na Croácia e no Brasil. *Milan Puh*

Antonina dos meus dias revisitada. *Eduardo Nascimento*

Antonio Vieira dos Santos: reminiscências e outros escritos. *André Luiz Moscaleski Cavazzani e Sandro Aramis Richter Gomes (Orgs.)*



Próximo lançamento

***Admirável mundo novo* e *A Ilha* de Aldous Huxley: entre o pesadelo e o idílio utópico**

Evanir Pavloski

Armas, pólvora e chumbo: a expansão luso-brasileira e os índios do planalto meridional. *Almir Antonio de Souza*

Arte de praticar violino, A. *Robert Gerle. João Eduardo Titton (Trad.)*

Arte dramática. *Manuel de Macedo. Walter Lima Torres Neto (Org. e notas)*

Arte no teatro, A. *Manuel de Macedo. Walter Lima Torres (Org. e notas)*

Artes de fazer na reforma escolar: a institucionalização dos estudos sociais no governo militar (Curitiba, 1975-1985). *Ieda Viana*

Artista do exagero, O. A literatura de Thomas Bernhard. *Matthias Konzett (Ed.). Ruth Bohunovsky (Org. da tradução)*

Assombrosa história do homem do cavalo branco, A. / Centauro bronco, O. (caixa). *Theodor Storm. Maurício M. Cardoso (Trad.)*

Atlas anatômico e histológico do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*). *Gisela G. Castilho-Westphal et al.*

Áustria: uma história literária. *Klaus Zeyringer e Helmut Gollner. Ruth Bohunovsky (Trad.)*

Axël. *Villiers de L'Isle-Adam. Sandra M. Stroparo (Trad.)*

Bakhtin, Wallon e as linguagens dos bebês. *Viviane M. Alessi e Marynelma C. Garanhani*

Barroco e o Violão, O. Um guia para a transcrição direta. *Renato Cardoso*

Bem viver e viver bem: segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro. *André Fernando Baniwa. João Jackson Bezerra Vianna e Aline Fonseca Iubel (Orgs.)*

Bento, Brasil e David: o discurso regional de formação social e histórica paranaense. *Maria Julieta Weber Cordova*

Bifurcação. Livro vencedor do II Concurso Literário Editora UFPR. *Mauro Guidi-Signorelli*

Biodiversidade: a hora decisiva. *2ª ed. Marc Jean Dourojeanni e Maria Tereza Jorge Pádua*

Bioética e vulnerabilidades. *Mário Antonio Sanches e Ida Cristina Gubert (Orgs.)*

Bioquímica: aulas práticas. *7ª ed. Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular*

Brincar para construir mundos: perspectivas e experiências entre Itália e Brasil para a Educação Infantil. *Donatella Savio e Catarina Moro (Orgs.)*. Em impressão

Brincando de teoria musical (edição bilíngue). *Maria Ignês Scavone Teixeira*

Campanhas eleitorais para mulheres: desafios e tendências. *Luciana Panke*

Canto gregoriano: uma abordagem introdutória. *Jacques Viret. Paulo Valente (Trad.)*

Carl Schmitt: uma introdução. *Stefano Pietropaoli. João Paulo Arrosi (Trad.)*

Catálogo de moluscos marinhos do Museu de História Natural Capão da Imbuia (MHNCI) – Paraná, Brasil. *Adelinyr A. Moura*

Lançamento



O Barroco e o Violão. Um guia para a transcrição direta

Renato Cardoso

Editora UFPR

Cordeiro, Augusto L. Ferreira-Junior e Theresinha M. Absher (Orgs.)

Cegueira e normatividade social: a reconstrução da subjetividade frente à perda tardia da visão. *Fernanda Melo*

Cela enorme, A. *e. e. cummings. Luci Collin (Trad.)*

Centro, centros: literatura e literatura comparada em discussão. *Marilene Weinhardt e Mauricio Mendonça Cardozo (Orgs.)*

Cidade e os problemas socioambientais urbanos, A. Uma perspectiva interdisciplinar. *Francisco Mendonça e Myrian Del Vecchio Lima (Orgs.)*

Cidade, ambiente e desenvolvimento. *Francisco Mendonça*

Cidades novas do café: história, morfologia e paisagem urbana. *Alessandro Filla Rosaneli*

Ciência do homem e sentimento da natureza: viajantes alemães no Brasil do séc. XIX. *Ana Luisa Fayet Salla*

Clima e criminalidade: ensaio analítico da correlação entre a temperatura do ar e a incidência de criminalidade urbana. *Francisco Mendonça*

Colapso: capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo. *Carlos Taibo. Marília Andrade Torales Campos e Andréa Macedônio de Carvalho (Trad.)*

Coletânea de termos técnicos de entomologia. *2ª ed. Zundir José Buzzi*

Comédia nova da Grécia e de Roma, A. *R. L. Hunter. Rodrigo Tadeu Gonçalves (Org. da tradução)*

Comentário de texto filosófico. *Évelyne Rogue. Eduardo Barra (Org.). Bruna Abrahão et al. (Trad.)*

Cômico, O. *Concetta D'Angeli e Guido Paduano. Caetano W. Galindo (Trad.)*

Como se faz uma novela. *Miguel de Unamuno. Lucas P. Lazzaretti (Trad.)*

Condição de estrangeiro, A. Literatura e exílio em Francisco Ayala. *Isabel Jasinski*

Confederação dos Tamoios, A. Edição fac-similar seguida da polêmica sobre o poema. *Domingos José Gonçalves de Magalhães*

Conhecimento ambiental e pluralismo epistemológico. Um olhar desde as margens. *José Edmilson de Souza-Lima*

Conservação da biodiversidade em paisagens antropizadas do Brasil. *Carlos A. Peres et al. (Orgs.)*

Constituição de 88: trinta anos depois. *Cristina Buarque de Hollanda, Luciana Fernandes Veiga e Oswaldo E. do Amaral (Orgs.)*

Curitiba e o mito da cidade modelo. *Dennison de Oliveira*

Cursos de português como língua estrangeira no CELIN-UFPR: práticas docentes e experiências em sala de aula. *Bruna Pupatto Ruano, Jovania Maria Perin dos Santos e Lygia Maria Leite Saltini (Orgs.)*

Próximo lançamento



Brincar para construir mundos: perspectivas e experiências entre Itália e Brasil para a Educação Infantil

Donatella Savio e Catarina Moro (Orgs.)

FrancoAngeli Editora UFPR

Os livros mais vendidos da Editora UFPR



Anatomia da melancolia, A. – volume I – Demócrito Júnior: ao leitor

Robert Burton

Guilherme Gontijo Flores (Trad.)



Anatomia da melancolia, A. – volume II – A primeira partição: causas da melancolia

Robert Burton

Guilherme Gontijo Flores (Trad.)



Anatomia da melancolia, A. – volume III – A segunda partição: a cura da melancolia.

Robert Burton

Guilherme Gontijo Flores (Trad.)



Anatomia da melancolia, A. – volume IV – A terceira partição: melancolia amorosa

Robert Burton

Guilherme Gontijo Flores (Trad.)

Da construção ao desmanche: análise do projeto de desenvolvimento paranaense. *Francisco de Borja Baptista de Magalhães Filho*

Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a capital ecológica. *Salete Kozel*

David Émile Durkheim: a atualidade de um clássico. *Márcio de Oliveira e Raquel Weiss (Orgs.)*

Décadas valiosas na história da reprodução humana no Paraná (1960-1970). *Ivo Carlos Arnt*

Democratização da educação superior: o caso de Cuba. *Regina Maria Michelotto*

Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas. *Linda Tuhiwai Smith. Roberto G. Barbosa (Trad.)*

Desenhos, palavras e números: as marcas da matemática na escola. *Maria Lucia Faria Moro e Maria Tereza Carneiro Soares (Orgs.)*

Desenvolvimento da linguagem oral e escrita. *Sandra R. K. Guimarães e Maria Regina Maluf (Orgs.)*

Desenvolvimento do Eu, O. Ética, política e justiça em John Stuart Mill. *Gustavo Hessmann Dalaqua*

Desenvolvimento econômico em debate no Brasil. *Marcelo Curado*

Design pop no Brasil dos anos 1970, O. Domesticidades e relações de gênero na decoração de interiores. *Marinês R. dos Santos*

Dialética do ideal, A. Escritos de E. V. Ilienkov. *E. V. Ilienkov. Marcelo José de Souza e Silva (Trad. e Org.)*

Diálogos com Bakhtin. *Carlos Alberto Faraco, Gilberto de Castro e Cristovão Tezza (Orgs.)*

Diário de Sandholm. *Dina Yafasova. Vinicius Mariano de Carvalho, Fernanda Gláucia Pinto, Louise Lauritsen e Eileen Petersmann (Trad.)*

Diário do Beagle, O. *Charles Darwin. Caetano Waldrigues Galindo (Trad.)*

Dicionário de epônimos. *Enny Arlette Pioli Bassetti e Manuela Bassetti de Souza Lima*

Diferentes moradas das palavras, As. Contos de escritoras em tradução. *Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra (Org.)*

Lançamento



Desenvolvimento ecômico em debate no Brasil

Marcelo Curado

Editora UFPR

Dimensões da leitura e figurações do leitor em narrativas de Eça e Machado. *Lucianne Michelle de Menezes*

Direito animal: interlocuções com outros campos do saber jurídico. *Vicente de Paula Ataide Junior (Coord.)*

Direito, mercantilização e justiça. *Eneida Desiree Salgado e Emerson Gabardo (Orgs.)*

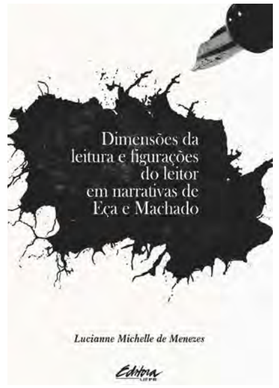
Disseminando conhecimentos e práticas: o PIBID na UFPR. *Leonir Lorenzetti et al. (Orgs.)*

Do som ao sinal: história da notação musical. *Jean-Yves Bosseur. Marco Aurélio Koentopp (Trad.)*

Dogmatismo e antidogmatismo: filosofia crítica, vontade e liberdade: uma homenagem a Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. *Eduardo R. da Fonseca et al.*

Duas Clarices, As. Entre a Europa e a América – leitura e tradução da obra de Clarice Lispector na França e no Quebec. *Lúcia Peixoto Cherem*

Lançamento



Dimensões da leitura e figurações do leitor em narrativas de Eça e Machado

Lucianne Michelle de Menezes

Editora UFPR



Próximo lançamento

Eu acuso...! Carta ao Presidente da República

Émile Zola. Milene Suzano de Almenida (Trad., notas, cronologia e análise)

Editora UFPR

E a cidade desperta. *Harry Crowl*

Edição de diálogos no cinema: a fala cinematográfica como um elemento sonoro. *Débora Opolski*

Educação do campo: território, escolas, políticas e práticas educacionais. *Maria Antônia de Souza e Geyso Dongley Germinari (Orgs.)*

Educação e movimentos sociais do campo: a produção do conhecimento no período de 1987 a 2015. *Maria Antônia de Souza (Org.)*

Educação física escolar e ditadura civil-militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência e outros estudos. *Marcus Aurelio Taborda Oliveira*

Educação na ditadura civil-militar: políticas, ideários e práticas (Paraná, 1964-1985). *Nadia G. Gonçalves e Serlei M. F. Ranzi (Orgs.)*

Eu acuso...! Carta ao Presidente da República. *Edição bilíngue e crítica. Émile Zola. Milene Suzano de Almeida (Trad., notas, cronologia e análise).* Em impressão

El buen vivir, interculturalidades y mundialización: una mirada desde América Latina. *Juan Carlos Skewes e Antonio Marcio Haliski (Orgs.)*

Elas em foco: algumas das primeiras fotojornalistas paranaenses. *Heloisa Nichele*

Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. *Francisco Mendonça e Salete Kozel (Orgs.)*

Elias Alexandre da Silva Correia: um militar brasileiro em Angola. *Magnus Roberto de Mello Pereira e Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz*

Élites en las Américas: diferentes perspectivas. *Adriano Codato e Fran Espinoza (Comps.)*

Em busca da mente musical. *Beatriz Senoi Ilari (Org.)*

Empresários, desenvolvimento, cultura e democracia. *Paulo Roberto Neves Costa e Juarez Varallo Pont (Orgs.)*

English prepositions for Brazilians. *Michael Watkins e Ceália Mendes F. S. Silva*

Enquanto uma grande cidade dorme. *Harry Crow*

Ensaio sobre os limites de uma teoria semiológica da comunicação. *Silnei Sharten Soares*

Ensaios de filosofia em homenagem a Carlos Alberto R. de Moura. *Débora Cristina Morato Pinto et al. (Orgs.)*

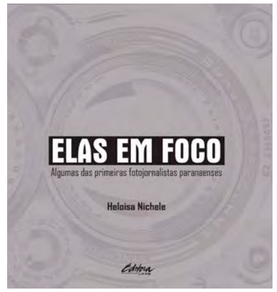
Ensaios de sociologia e história intelectual do Paraná. *Márcio de Oliveira e José Szwako (Orgs.)*

Ensaios sobre a formação do romance brasileiro: uma antologia (1836-1901). *Fernando C. Gil*

Ensaios sobre as abelhas da região neotropical: homenagem aos 80 anos de Danuncia Urban. *Antonio J. C. Aguiar, Rodrigo B. Gonçalves e Kelli S. Ramos (Orgs.)*

Ensinar alemão no Brasil: contextos e conteúdos. *Ruth Bohunovsky (Org.)*

Ensinar alemão no Brasil: percursos e procedimentos. *Catarina Portinho-Nauiack, Ruth Bohunovsky e Virgínia Wruck (Orgs.)*



Lançamento

Elas em foco: algumas das primeiras fotojornalistas paranaenses

Heloisa Nichele

Editora UFPR

Ensino de língua portuguesa na trilha das metodologias ativas: caminhos possíveis para a leitura. *Joane Marieli Pereira Caetano, Adriene Ferreira de Mello e Carlos Henrique Medeiros de Souza.* Em impressão

Epigrama: Catulo e Marcial. *Robson Tadeu Cesila*

Equinócio dos sabiás, O. Aventura científica no seu jardim tropical. *Marcos Rodrigues*

Escrever Entre Mundos: literaturas sem morada fixa. *Ottmar Ette. Rosani Umbach, Dionei Mathias e Teruco Arimoto Spengler (Trad.)*

Escrituras da violência na literatura latino-americana. *Andre Rezende Benatti e Lívia Santos de Souza (Orgs.)*

Estado da arte e perspectivas para a Zoologia no Brasil. *Rosana Moreira e Walter Antonio P. Boeger*

Estigma, discriminação e lepra. *Ricardo Luiz de Souza*

Estreita passagem, Uma. O conceito de corpo nas obras de Schopenhauer e Freud. *Eduardo Ribeiro da Fonseca*

Estrelinhas brasileiras – volume I (com CD). *2ª ed. Maria Ignês Scavone de Mello Teixeira*

Estrelinhas brasileiras – volume II (com CD). *Maria Ignês Scavone de Mello Teixeira*

Estudos sobre motivação e emoção em cognição musical. *Rosane Cardoso de Araújo e Danilo Ramos (Orgs.)*

Ética e estética nos estudos literários. *Marilene Weinhardt et al. (Orgs.)*

Eutrofização em reservatórios: gestão preventiva – estudo interdisciplinar na Bacia do Rio Verde, PR. *Cynara L. N. Cunha et al. (Eds.)*

Experiência e política no pensamento de Michel Foucault. *Daniel Verginelli Galantin*

Fantástico, O. *Remo Ceserani. Cezar Tridapalli (Trad.)*

Fazendo música com crianças. *Tiago Madalozzo et al. (Orgs.)*

Festa para Boris, Uma. *Thomas Bernhard. Hugo Simões e Luiz Abdala Jr. (Trad.). Ruth Bohunovski (Org.)*



Próximo lançamento

Ensino de língua portuguesa na trilha das metodologias ativas: caminhos possíveis para a leitura

Joane Marieli Pereira Caetano, Adriene Ferreira de Mello e Carlos Henrique Medeiros de Souza

Editora UFPR

Ficção reunida. *Lúcia Miguel Pereira*

Filosofias da alteridade no Século das Luzes: Diderot, Fontenelle, Kant, Rousseau. *Ulysses Pinheiro*

Flexíveis, virtuais e precários? Os trabalhadores em tecnologias de informação. *Maria Aparecida Bridi e Jacob Carlos Lima (Orgs.)*

Formação de um cineasta, A. Sylvio Back na cena cultural de Curitiba nos anos 1960. *Rosane Kaminski*

Formação em políticas sobre drogas. *Maria Virgínia Filomena Cremasco e Dione Maria Menz (Orgs.)*

Fotolivros: (in)definições, histórias, experiências e processos de produção. *Marina Feldhues Ramos*

Foucault e a crítica do sujeito. *2ª ed. Inês Lacerda Araújo*

Foucault: verdade e loucura no nascimento da arqueologia. *Thiago Fortes Ribas*

Francisco José de Lacerda e Almeida: um astrônomo paulista no sertão africano. *Magnus Roberto de Mello Pereira e André Akamine Ribas (Coords.)*

Froissart e o tempo. *Michel Zink. Carmem Lúcia Druciak e Marcella Lopes Guimarães (Trad.)*

Fronteira, A. *David Cureses. Maria Fernando Gárbero (Trad.)*

Fundamentos da didática da Matemática. *2ª ed. rev. e ampl. Saddo Ag Almouloud*

Gênero e consumo no espaço doméstico: representações na mídia durante o século XX na Argentina e no Brasil. *Inéz Pérez e Marinês Ribeiro dos Santos (Orgs.)*

Geodésia celeste. *Camil Gemael e José Bittencourt de Andrade*

Gestão das paixões políticas, A. *Pierre Ansart*

Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas. *2ª ed. rev. e amp. Renata Senna Garraffoni*

Gramáticos latinos, Os. Varrão, Quintiliano, Donato e Prisciano. *Fábio Fortes e Julia Burghini*

Guia do observador de aves. *Fernando C. Straube*

Hamlet no Brasil. *Anna Stegh Camati e Célia Arns de Miranda (Orgs.)*

Hanseníase: a voz dos que sofreram o isolamento compulsório. *Dilene R. do Nascimento e Vera Regina Beltrão Marques (Orgs.)*

Hegemonia e cultura: Gramsci. *3ª ed. rev. Anita Helena Schlesener*



Edição de diálogos no cinema: a fala cinematográfica como um elemento sonoro

Débora Opolski



A metrópole imaginária

André Azevedo da Fonseca



O adulto diante da criança de 0 a 3 anos

Andre Lapierre e Anne Lapierre



O Fantástico

Remo Ceserani.

Cezar Tridapalli (Trad.)



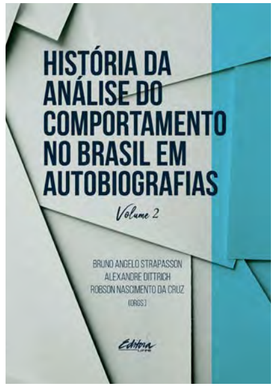
Xadrez para todos: a ginástica da mente

Wilson da Silva



Para conhecer, escute o seu corpo. Diálogos entre Wilhelm Reich e Baruch Spinoza

José Vicente Carnero



Lançamento

História da análise do comportamento no Brasil em autobiografias – volume 2

Bruno Angelo Strapasson, Alexandre Dittrich e Robson Nascimento da Cruz (Orgs.)

Editora UFPR

História da análise do comportamento no Brasil em autobiografias – volume 1. *Bruno Angelo Strapasson, Alexandre Dittrich e Robson Nascimento da Cruz (Orgs.)*

História da análise do comportamento no Brasil em autobiografias – volume 2. *Bruno Angelo Strapasson, Alexandre Dittrich e Robson Nascimento da Cruz (Orgs.)*

História da gramática. *José Borges Neto.* Em impressão

Histórias das mulheres no Museu Paranaense, As. *Priscila Piazentini Vieira e Renato Augusto Carneiro Junior (Orgs.).* Em impressão.

História e conhecimento: suas conexões e perspectivas. *Sérgio Paulo Muniz Costa*

História natural e conservação da Ilha do Mel. *Márcia C. M. Marques e Ricardo Miranda de Britez (Orgs.)*

História toda sua, Uma. Trajetória de historiadoras brasileiras (1934-1990). *Carmem Silvia da Fonseca Kummer Liblik*

História, ciência, saúde e educação: a institucionalização da ciência médica e a Faculdade de Medicina do Paraná (1912-1946). *Erica Piovam de Ulhôa Cintra*

Imaginação como presença: o corpo e seus afetos na experiência literária. *Ligia Gonçalves Diniz*

Inclusão racial e social: considerações sobre a trajetória UFPR. *Norma da Luz Ferrarini e Dirlene Ruppel (Orgs.)*

Indivíduo inquietante: sob o signo de Lope de Aguirre, O. *Hernán Neira. Luci Collin (Trad.)*

Instrumentos e indicadores para avaliar a creche: um percurso de análise da qualidade. *Laura Cipollone (Org.). Luiz Ernani Fritoli (Trad.)*

Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950). *Névio de Campos*

Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964). *Carlos Eduardo Vieira (Org.)*

Intelectuais, modernidade e formação de professores no Paraná: 1910-1980. *Carlos Eduardo Vieira, Dulce Regina Baggio Osinski e Marcus Levy Bencostta (Orgs.)*

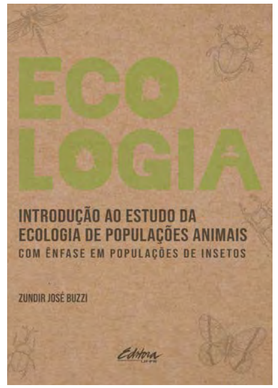
Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista: estudo sobre a CODEPAR – Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná. *2ª ed. Maria Helena Oliva Augusto*

Intriga e amor: uma tragédia burguesa em cinco atos. *Friedrich Schiller. Mario Luiz Frungillo (Trad.)*

Introdução à filosofia da ciência. *3ª ed. rev. Inês Lacerda Araújo*

Introdução à geodésia física. *Camil Gemael*

Introdução à metafísica da natureza, Uma. Representação, realismo e leis científicas. *Michel Ghins. Eduardo Barra e Ronei Clécio Mocellin (Trad.)*



Próximo lançamento

Introdução ao estudo da ecologia de populações animais com ênfase em populações de insetos

Zundir José Buzzi

Editora UFPR

Introdução ao estudo da ecologia de populações animais com ênfase em populações de insetos. *Zundir José Buzzi.* Em impressão

Introdução ao manejo e economia de florestas. *Roberto Tuyoshi Hosokawa, José Brandão de Moura e Ulisses Silva da Cunha*

Itinerários. Livro vencedor do I Concurso Literário Editora UFPR. *Thássio Ferreira*

Jaguareté: o encontro – um RPG ambientado no universo indígena brasileiro do século XVI. *Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná*

João da Silva Feijó: um homem de ciência no Antigo Regime português. *Magnus R. de Mello Pereira e Rosangela M. F. dos Santos*

Jörn Rüsen e o ensino da história. *2ª ed. Jörn Rüsen*

Jornalismo cultural e crítica: a literatura brasileira no suplemento Mais! *Marcelo Lima*

Jornalismo e riscos climáticos: percepções e entendimentos de jornalistas, fontes e leitores. *Eloisa Beling Loose*

Jovens de Curitiba, Os. Esperanças e desencantos. *2ª ed. Ana Luisa Fayet Sallas et al.*

Jovens, consumo e convergência midiática. *Regiane Ribeiro (Org.)*

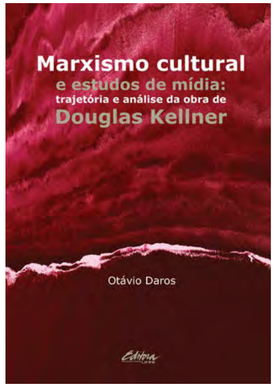
Lanço, o terço e os quinhões, O. Reciprocidade e troca na pesca coletiva da tainha na Ilha do Mel. *Evandro Cardoso do Nascimento*

Lar em terra estranha, Um. A Casa da Estudante Universitária de Curitiba e o processo de individualização feminina nas décadas de 1950 e 1960. *Ana Paula Vosne Martins*

Latino-americanizando o Brasil: a crítica literária e o diálogo transnacional. *Thayse Leal Lima*

Legado democrático e apoio à democracia na América Latina: evidências e mecanismos explicativos. *Gabriel Ávila Casalecchi*

Leituras contemporâneas da modernidade. *Hernán Neira. Luci Collin (Trad.)*



Lançamento

Marxismo cultural e estudos de mídia: tragetória e análise da obra de Douglas Kellner

Otávio Daros

Editora UFPR

Lentes, pincéis e páginas: discurso de mulheres. *Anna Beatriz da Silveira Paula e Miriam Adelman (Orgs.)*

Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha. *Maria T. Silva Bega*

Linguagem e discurso. *Eugenio Coseriu e Óscar Loureda Lamas. Cecília Ines Erthal (Trad.)*

Linguística chomskyana e ideologia social. *Augusto Ponzio. Carlos Alberto Faraco (Trad.)*

Literaturas em trânsito, teorias peregrinas. *Isabel Jasinski (Org.)*

Luteria: coletânea de termos técnicos. *Rodrigo Mateus Pereira e Bogdan Skorupa et al. (Col.)*

Lutos coletivos e criação social. *Jean-Claude Métraux. Eduardo Nadalin (Trad.)*

Manual de normalização de documentos científicos de acordo com as normas da ABNT. *Maria Simone Utida dos Santos Amadeu et al.*

Manual do ensaiador dramático. *Augusto de Mello. Walter Lima Torres Neto (Org. e notas)*

Margem do(s) cânone(s), À. Pensamento social e interpretações do Brasil. *Alexandro Dantas Trindade, Hilton Costa e Diogo da Silva Roiz (Orgs.)*

Margem do(s) cânone(s) II, À. Pensamento social e interpretações do Brasil. *Alexandro Dantas Trindade, Hilton Costa e Simone Meucci (Orgs.)*

Margem do(s) cânone(s) III, À. Arte e produção cultural. *Simone Meucci, Hilton Costa e Alexandro Dantas Trindade (Orgs.)*

Marinas (2003/04) para piano. *Harry Crowl*

Marxismo como ciência social. *Adriano Codato e Renato Perissinotto*

Marxismo cultural e estudos de mídia: trajetória e análise da obra de Douglas Kellner. *Otávio Daros*

Medida do exagero e o apocalipse cristão, A. Uma breve digressão sobre a gênese do risco na sociedade ocidental. *Caetano Fischer Ranzi*

Medindo a diversidade biológica. *Anne E. Magurran. Dana Moiana Vianna (Trad.)*

Memórias de morte e outras memórias: lembranças de velhos. *Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski*

Memória do arquiteto: pioneiros da arquitetura e do urbanismo no Paraná. *Andréa Berriel e Juliana Suzuki (Orgs.)*



Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas

Linda Tuhiwai Smith

Roberto G. Barbosa (Trad.)



Medindo a diversidade biológica

Anne E. Magurran

Dana Moiana Vianna (Trad.)



Bem viver e viver bem: segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro

André Fernando Baniwa



Som do filme, O. Uma introdução. 2ª ed.

Rodrigo Carreiro (Org.)



Jörn Rüsen e o ensino da história. 2ª ed.

Jörn Rüsen



Em busca da mente musical

Beatriz Senoi Ilari (Org.)



Próximo lançamento

Outro jornalismo é necessário: Estado, mercado e cidadania na TV pública brasileira

Elson Faxina

Editora UFPR

Memória histórica de Morretes. *Antonio V. dos Santos. André L. M. Cavazzani e Sandro A. R. Gomes (Orgs.)*

Memória, patrimônio e turismo em perspectiva no Cais do Valongo (Rio de Janeiro, Brasil). *Maria Amália Silva Alves de Oliveira, Glenda Cristina Valim de Melo e Leila Beatriz Ribeiro (Orgs.).* Em impressão

Mentes em música. *Beatriz Senoi Ilari e Rosane Cardoso de Araújo (Orgs.)*

Métodos de estudos em biologia da conservação & manejo da vida silvestre. *2ª ed. Laury Cullen Jr., Rudy Rudran e Cláudio Valladares-Padua (Orgs.)*

Metrópole imaginária, A. *André Azevedo da Fonseca*

Migrações na América Latina contemporânea: processos e experiências humanas. *Gislene Santos e Nádia P. Floriani (Orgs.)*

Modelo da estratégia argumentativa: análise da fala e de outros registros em contextos interativos de aprendizagem. *Monica Rabello de Castro e Janete Bolite Frant*

Modernidade no sótão, A. Educação e arte em Guido Viaro. *Dulce Regina Baggio Osinski*

Modos de ser leitor: aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental. *Jean Foucambert. Lúcia P. Cherem e Suzete Bornatto (Trad.)*

Momento comtiano, O. República e política no pensamento de Augusto Comte. *Gustavo Biscaia de Lacerda*

Morfologia distribuída e as peças de flexão, A. *Morris Halle e Alec Marantz. Beatriz Pires Santana e Maurício Resende (Trad.)*

Mostra Sylvio Back 8.0: filmes noutra margem. *Rosane Kaminski*

Mulheres, gênero e estudos clássicos: um diálogo entre Espanha e Brasil. *Manel Garcia Sánchez e Renata S. Garraffoni (Eds.)*

Múltiplas faces do educar: processos de aprendizagem, educação e saúde, formação docente. *Nilson Fernandes Dinis e Liane Maria Bertucci (Orgs.)*

Mundo rural e ruralidades. *Alfio Brandenburg (Org.)*

Museu dos Instrumentos Musicais (MIMU). *Juarez Bergmann Filho (Org.)*

Nanoelementos da mesoeconomia: uma economia que não está nos manuais. *Huáscar Fialho Pessali*

Narrativa transmídia made in Brazil: práticas na indústria do entretenimento nacional. *Rafael José Bona*

Naturalista e outros animais, Um. Histórias de uma vida em campo. *George B. Schaller. Peter G. Crawshaw Jr. (Trad.)*

Niilismo e grande política em Nietzsche: a aurora da superação humana a partir da morte de Deus. *João Paulo Simões Vilas Bôas*



Próximo lançamento

O poder em pedaços. Relações agregas no Vale do Mucuri (MG)

Márcio Achtschin Santos

Editora UFPR

Nilo Cairo e o debate homeopático no início do século XX. *Renata Palandri Sigolo*

Nomes populares de insetos e ácaros do Brasil. *Zundir José Buzzi*

Novo tratado de acompanhamento para cravo, órgão e outros instrumentos, de Monsieur de Saint Lambert. *Monsieur de Saint Lambert. Anaïz Dessartre Mendonça (Trad.)*

Oásis de sombra e luz em cada escola, Um. As escolinhas de arte e a formação do homem do futuro (1960-1970). *Ricardo C. Antonio*

Obediência, autoritarismo e foro interior. *Marion Brepohl e Roseli Boschilia (Orgs.)*

Olhares sobre a América: história e filosofia. *Hernán Neira. Luci Collin (Trad.)*

Ópera do mendigo, A. *John Gay. Caetano Waldrigues Galindo (Trad.)*

Outro jornalismo é necessário: Estado, mercado e cidadania na TV pública brasileira. *Elson Faxina.* Em impressão

Outros dos outros, Os. Relações de alteridade na etnologia sulamericana. *Edilene Coffaci de Lima e Lorena Córdoba (Orgs.)*

Paisagem como cifra de harmonia, A. Relações entre cultura e natureza através do olhar paisagístico. *Fernando Aliata e Graciela Silvestri. Paulo Chiesa (Trad.)*

Paisagem sonora do Boi de Mamão paranaense: uma geografia emocional. *Beatriz Helena Furlanetto*

Paisagens culturais. *Giuliana Andreotti. Ana Paula Bellenzier et al. (Trad.). Iria Zanoni Gomes (Rev.).*

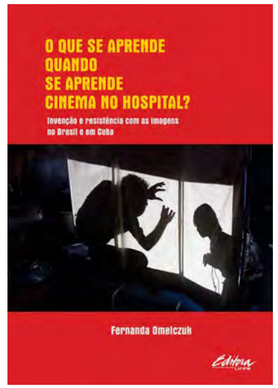
Paisagens da fenomenologia francesa. *Rodrigo Vieira Marques e Ronaldo Manzi Filho (Orgs.)*

Palcos e jornais: representações do teatro em Curitiba entre 1900 e 1930. *Marta Morais da Costa*

Papel para a história, Um. O problema da historicidade da ciência. *Mauro Lúcio Leitão Condé*

Para conhecer, escute seu corpo. Diálogos entre Wilhelm Reich e Baruch Spinoza. *José Vicente Carnero*

Para pensar outra agricultura. *2ª ed. Angela Duarte Damasceno Ferreira e Alfio Brandenburg (Orgs.)*



Próximo lançamento

O que se aprende quando se aprende cinema no hospital? Invenção e resistência com as imagens no Brasil e em Cuba

Fernanda Omelczuk

Editora UFPR

Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais. *Ciméa Barbato Bevilaqua e Felipe Vander Velden (Orgs.)*

Parque Estadual Pico do Marumbi. *Edson Struminski*

Participação e qualidade em Educação da Infância: percursos de compartilhamento reflexivo em contextos educativos. *Anna Bondioli e Donatella Savio (Orgs.). Luiz Ernani Fritoli (Trad.)*

Partido Trabalhista Brasileiro no Paraná (1945-1965), O. *Alessandro Batistella*

Planejamento, implantação e manejo de trilhas em unidades de conservação. *Larry Lechner*

Poder e religiosidade: o espaço do sagrado no século XXI. *Euclides Marchi e Marion Brepohl (Orgs.)*



Próximo lançamento

Relações de gênero nas artes, no design, na moda

Cláudia R. Hasegawa Zacar e Ronaldo de Oliveira Corrêa (Orgs.)

Editora UFPR



Sonoridades brasileiras – método para flauta doce soprano

Renate Weiland, Ângela Sasse e Anete Weichselbaum



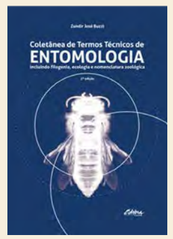
Arte de praticar violino, A.

Robert Gerle. João Eduardo Titton (Trad.)



Equinócio dos sabiás, O. Aventura científica no seu jardim tropical

Marcos Rodrigues



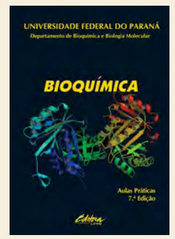
Coletânea de termos técnicos de entomologia. 2ª ed.

Zundir José Buzzi



Poema imperfeito, O. Crônicas de biologia, conservação da natureza e seus heróis. 3ª ed. rev.

Fernando Fernandez



Bioquímica: aulas práticas. 7ª ed.

Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular



Próximo lançamento

A Retórica

Brunetto Latini. Emanuel França de Brito (Trad., apresentação e notas)

editora 34 Editora UFPR

Poder em pedaços, O. Relações agregas no Vale do Mucuri (MG). *Márcio Achtschin Santos.* Em impressão

Poema imperfeito, O. Crônicas de biologia, conservação da natureza e seus heróis. *3ª ed. rev. Fernando Fernandez*

Políticas de memória e experiências de (des) exílio. *Marion Brepohl e Marcos Gonçalves (Orgs.)*

Política externa e relações diplomáticas na Antiguidade Tardia. *Bruno Miranda Zétola*

Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais. *Marcella Lopes Guimarães (Org.)*

Portuguesas na diáspora: histórias e sensibilidades. *Roseli Boschilia e Maria Luiza Andreazza (Orgs.)*

Poucos, muitos, todos: lições de história da democracia. *Pietro Costa. Luiz Ernani Fritoli (Trad.)*

Pragmática e filosofia da mente I: o pensamento na linguagem. *Marcelo Dascal. Rodrigo B. de Faveri (Trad.)*

Práticas do filme etnográfico. *Paulo Guérios*

Presidente, O. *Thomas Bernhard. Gisele Eberspächer e Paulo Rogério Pacheco Junior (Trad.)*

Processos de criação de unidades de conservação na floresta com araucárias: o caso do Parque Nacional dos Campos Gerais, ímpar na história da política ambiental brasileira. *Emerson A. de Oliveira*

Professora Julia Wanderley: uma mulher-mito (1874-1918). *Silvete Aparecida Crippa de Araujo*

Projeto e paisagem urbana: ensaios de projeto para a área central de Curitiba. *Alessandro Filla Rosaneli e Paulo Marcos Mottos Barnabé (Orgs.)*

Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações. *Maria Helena Fávero*

Psiquismo e vida: sobre a noção de Trieb nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche. *Eduardo Ribeiro da Fonseca*

Que se aprende quando se aprende cinema no hospital?, O. Invenção e resistência com as imagens no Brasil e em Cuba. *Fernanda Omelczuk.* Em impressão

Reabilitação nas ataxias: orientação multiprofissional aos pacientes, cuidadores e profissionais. *Marise Bueno Zonta, Lúcia Helena Coutinho dos Santos e Hélio Afonso Ghizoni Teive (Orgs.)*

Relações de gênero nas artes, no design, na moda. *Cláudia R. Hasegawa Zacar e Ronaldo de Oliveira Corrêa (Orgs.).* Em impressão

Relato da jornada de Pedro de Orsúa a Omágua e a El Dorado: crônica de Lope de Aguirre. *Hernán Neira. Nilcea Siqueira Pedra (Trad.)*

Religião e pluralidade no Império Romano: um debate necessário. *Greg Woolf. Pedro Paulo Abreu Funari e Renata Senna Garraffoni (Orgs.). Guilherme Floriani Saccomori et al. (Trad.)*

Reprodução assistida *post mortem*: aspectos jurídicos de filiação e sucessório. *Juliane Fernandes Queiroz*

Retórica, A. *Brunetto Latini. Emanuel França de Brito (Trad., apresentação e notas).* Em impressão

Revelação e *Cogito*: Gaston Bachelard para os estudos literários. *Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro, Enivalda Nunes Freitas e Souza e Fernanda Cristina de Campos (Orgs.)*

Reverso da cura, O. Erro e efeitos adversos do trabalho médico. *Maria Marce Moliani*

Revisões em Zoologia: Mata Atlântica. *Emygdio Leite de Araujo Monteiro-Filho e Carlos Eduardo Conte (Orgs.)*

Revolução e cultura em Gramsci. *Ed. rev. Anita Helena Schlesener*

Rodas de conversa: uma análise das vozes infantis na perspectiva do círculo de Bakhtin. *Viviane Maria Alessi*

Saber Sobre Viver: A (o)missão da filologia. *Ottmar Ette. Paulo Soethe e Rosani Umbach (Trad.)*

Saberes da manutenção: uma visão sistêmica. *Enon Laércio Nunes*

Saberes, paisagens e territórios rurais da América Latina. *Nicolas Floriani e Narciso Barrera-Bassols (Orgs.)*

Salomão e as mulheres (edição fac-similar). *Jorge de Lima*

Saudade do matão: relembrando a história da conservação da natureza no Brasil. *Teresa Urban*

Saúde e Sistema Único de Saúde: estudos socioanalíticos. *José Miguel Rasia e Claire Terezinha Lazzaretti (Orgs.)*



Lançamento

Revelação e *Cogito*: Gaston Bachelard para os estudos literários

Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro, Enivalda Nunes Freitas e Souza e Fernanda Cristina de Campos (Orgs.)

Editora UFPR

Segredo dos corredores do leste africano, O. *Fabiano Tomazini, Ana Carla Santos Mariano, Rômulo Bertuzzi e Eduardo Vinícius Mota e Silva*

Semeando iras rumo ao progresso: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889). *Magnus Roberto de Mello Pereira*

Sentido da nova lógica, O. *2ª ed. W. O. Quine*

Sentidos e sensibilidades: sua educação na história. *Marcus Aurelio Taborda de Oliveira (Org.)*

Sentimentos na história: linguagens, práticas, emoções. *Marion Brepohl, André Mendes Capraro e Renata Senna Garraffoni (Orgs.)*

Sérgio Buarque de Holanda: escrita de si e memória (1969-1986). *Raphael Guilherme de Carvalho*

Shakespeare sob múltiplos olhares. *2ª ed. Anna Stegh Camati e Célia Arns de Miranda (Orgs.)*

Síndrome do X Frágil: pessoas, contextos & percursos. *Vitor Franco (Org.)*

(Socio)Ecologismo dos povos do Sul: clamores por justiça. *José Edmilson de Souza-Lima e Sandra Mara Maciel Lima (Orgs.)*

Suíte antiga brasileira. *Harry Crowl*

Suplicantes: o nascimento do asilo político na tragédia grega. Um ensaio sobre a tragédia da migração e os dilemas da política. *Edição bilíngue (Português-Inglês). Marcelo Alves.* Em impressão

Teatro em francês: quando o meio não é a mensagem. *Walter Lima Torres (Org.)*

Teatro reunido. *Lúcio Cardoso*

Teoria biopolítica da formação humana. *Raphael Guazzelli Valerio*

Teoria crítica do juízo de imputabilidade criminal: a partir da história do encontro entre o saber jurídico e o saber psiquiátrico. *Joe Tennyson Velo*

Teorias e políticas de gênero na contemporaneidade. *Marlene Tamanini, Roseli Boschilia e Sônia Fátima Schwendler (Orgs.)*

Termos da política: comunidade, imunidade, biopolítica. *Roberto Esposito e Angela Couto Machado Fonseca et al. (Trad.)*

Terra, A. Astronomia popular: descrição geral do céu. *Nicolas Camille Flammarion. Cristian Cláudio Quinteiro Macedo (Trad.)*

Territórios de tradições e de festas. *Maria Geralda de Almeida (Org.)*

Testemunho da poesia, O. Seis conferências sobre as aflições de nosso século. *Czeslaw Milosz. Marcelo Paiva de Souza (Trad.)*

Textos sobre Curitiba: investigações sobre a cidade e seus arredores. *Alessandro Filla Rosaneli e Paulo Marcos Mottos Barnabé (Orgs.)*



Próximo lançamento

Suplicantes: o nascimento do asilo político na tragédia grega. Um ensaio sobre a tragédia da migração e os dilemas da política

Marcelo Alves

UNIVALI Editora UFPR

Thomas Bernhard e seus seres vitais: fotos, documentos, manuscritos. *Martin Huber, Manfred Mittermayer e Peter Karlhuber (Eds.). Ruth Bohunovsky e Daniel Martineschen (Trad.)*

Tiestes. *Lúcio Aneu Sêneca. José Eduardo S. Lohner (Trad., notas, estudos)*

Tópicos de filosofia francesa contemporânea. *Leandro Neves Cardim (Org.)*

Tornando os parques eficientes: estratégias para a conservação da natureza nos trópicos. *John Terborgh et al. (Orgs.)*

Trama na história, Uma. A criança no processo de escolarização primária nas últimas décadas do período imperial. *Juarez José Tuchinski dos Anjos*

Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa, de Tomás de Erfurt. *Alessandro Jocelito Beccari*

Travesseiro de pedra: entretecendo discursos sobre as escutas de doentes. *Vânia Regina Mercer*

Travessia: uma história de amor. *Anna Seghers. Daniel Martineschen (Trad.)*

Trincheiras, resistências e utopias pedagógicas: escolas alternativas em Curitiba durante a ditadura militar. *Maria Rosa Chaves Künzle*

Tríplice fronteira, A. Espaços nacionais e dinâmicas locais. *Lorenzo Macagno, Silvia Montenegro e Verónica Giménez Béliveau (Orgs.)*

Villa-Lobos, um compêndio: novos desafios interpretativos. *Paulo T. Salles e Norton Dudeque (Orgs.)*

Virginia Woolf. *Jaqueline Bohn Donada (Org., trad. e notas)*

Xadrez e educação: contribuições da ciência para o uso do jogo como instrumento pedagógico. *Wilson da Silva (Org.)*

Xadrez para todos: a ginástica da mente. *Wilson da Silva*



Lançamento

Teoria biopolítica da formação humana

Raphael Guazzelli Valerio

Editora UFPR

passo a passo

Indo *mais* longe

Projeto Movimenta UFPR treina interessados em descobrir os segredos da corrida. — por ***Vinicius Ferreira dos Santos Andrade**** e ***Ana Carolina Passos de Oliveira*****



Movimenta/Divulgação

Podemos dizer que a paixão por algo faz querer que esse sentimento seja multiplicado e experimentado por mais pessoas. E foi assim, de uma paixão pela corrida de rua, que nasceu o projeto Movimenta UFPR, idealizado por nós.

O Movimenta UFPR iniciou suas atividades efetivamente em março de 2022, com a missão de incentivar um estilo de vida ativo nas comunidades interna e externa da universidade através da prática regular de corrida de forma orientada, respeitando a individualidade e o objetivo dos participantes. Guiado por essa missão, o projeto, que comemora pouco mais de seis meses, já teve mais de cem alunos matriculados — atletas já experientes e atletas iniciantes, todos com um único objetivo: superar seus limites por meio da corrida.

Uma das premissas do projeto é a orientação em corrida, que acontece em aulas presenciais três vezes por semana, quando são praticados exercícios dessa técnica e confeccionadas planilhas individualizadas de treinamento, de acordo com o intuito traçado por cada aluno em conjunto com os professores.

Nós, do projeto, cremos que a corrida, apesar de ser um esporte individual, carrega valores como solidariedade e união, por isso nossas ações transcendem os espaços de treinamento. Nesse pouco tempo de existências, foram desenvolvidas diversas ações solidárias de arrecadação de alimentos e roupas, em colaboração com os atletas.

Os próximos passos do Movimenta, assim carinhosamente chamado por seus alunos, compreendem a expansão do número de atletas ativos, a inclusão de novas aulas pensando em valências físicas importantes para a prática da corrida, além da continuidade da manutenção da paixão por este esporte, que, rápido ou devagar, nos leva mais longe!



Leia também

O segredo dos corredores do leste africano

Fabiano Tomazini, Ana Carla Santos Mariano, Rômulo Bertuzzi e Eduardo Vinícius Mota e Silva

98 p.

***Vinicius Ferreira dos Santos Andrade** é coordenador do projeto Movimenta UFPR, corredor amador de asfalto, técnico desportivo do Centro de Educação Física e Desportos da UFPR. É também doutor e bacharel em educação física.

****Ana Carolina Passos de Oliveira** é vice-coordenadora do projeto Movimenta UFPR, corredora amadora de asfalto e *trail run*, docente do Departamento de Terapia Ocupacional da UFPR, mestre e bacharel em educação física, além de bacharel em terapia ocupacional.

Movimenta/Divulgação



Concurso Literário *Luci Collin*

2021 | 2022



Ilustração | Alexander Vepryov

A Semana de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) realizou, nos últimos dois anos, o Concurso Literário Luci Collin, premiando o gênero conto. Leia os textos selecionados a seguir.

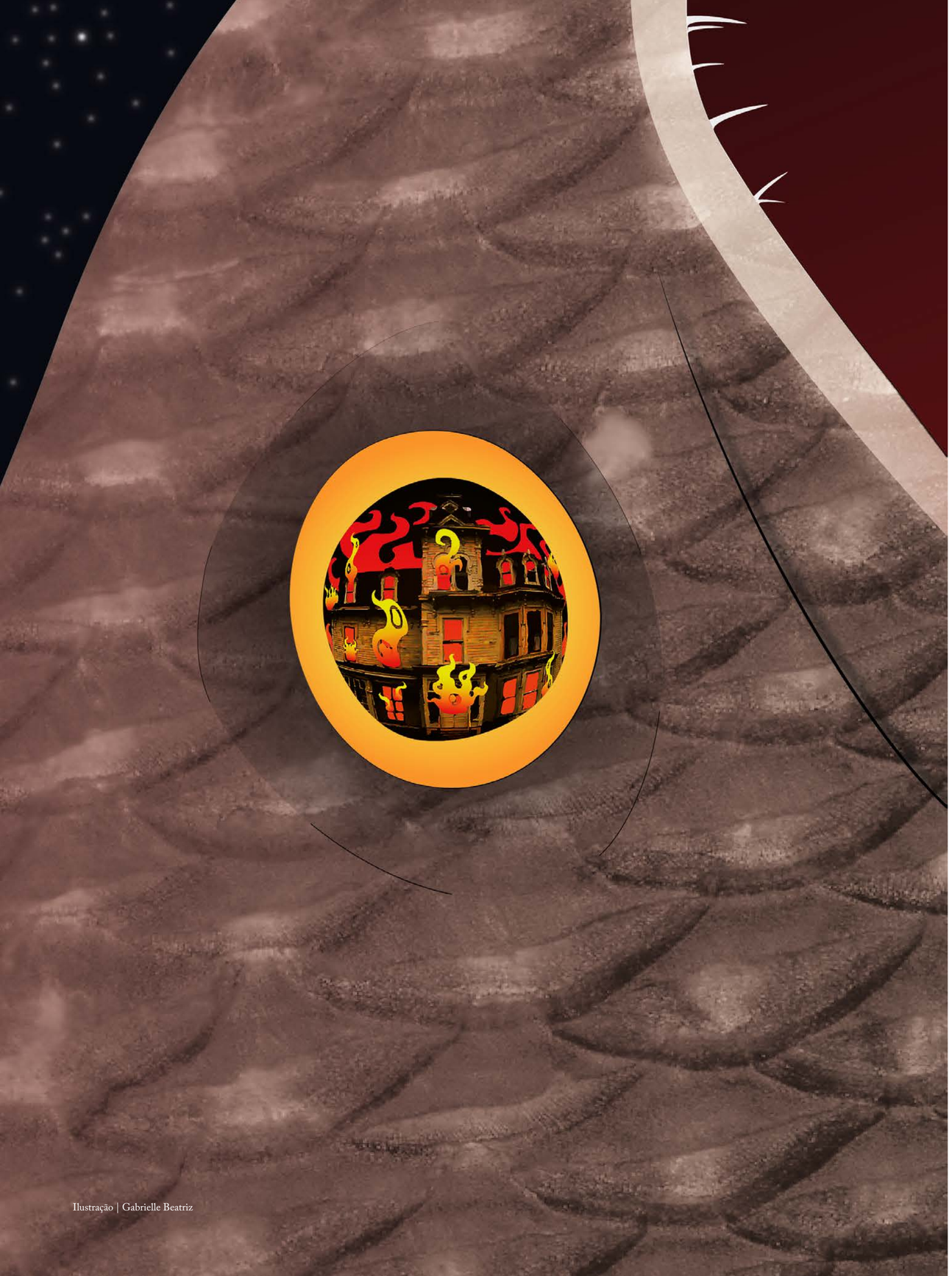


Ilustração | Gabrielle Beatriz

primeiro lugar 2021 | conto

As trutas estão esperando

Eu fiquei olhando a casa queimar. A essa altura, metade do telhado já tinha ruído. — por ***Yuri Amaury****

Quando eu cheguei, era só fogo. Fogo indo alto no céu e escapando pelas janelas como cortinas em dia de vento. No dia seguinte, disseram que a fumaça cobriu três fazendas ao norte e matou dezenas de galinhas e porcos. Os que sobreviveram foram encontrados com muitos ferimentos, porque tentaram escapar do cercado a todo custo quando sentiram os primeiros sinais de asfixia. Cacos de bicos ao lado dos olhos vidrados das aves, duras no chão. Focinhos rasgados nos corpos roliços de cascos rachados. Alguns — uns cinco ou seis, no total — conseguiram de alguma forma passar pelo cercado. Caíram mortos alguns metros à frente: hiperventilação.

Mas eu e a mãe não vimos nada dessa fumaça, porque já passava das nove quando a caminhonete encostou na frente da propriedade dos Sorrentino, e estava cheio de nuvens. Era lua nova, também: noite perfeita pra pegar umas trutas, apesar do frio. Ainda estava tudo muito lamacento, das chuvas que começaram na terça. Mas a mãe disse que era melhor ir aquela noite mesmo e não ficar esperando a primavera esquentar um pouco mais, que daí todo mundo ia querer sair pra pescar e a gente ia ter que ir muito longe pra encontrar um trecho do rio onde desse para pescar em paz.

Foi só aquele pontinho brilhante a noroeste que a gente viu primeiro, lá bem longe. Eu que apontei pra mãe, achando que os olhos da velha iam demorar pra perceber. Aí ela disse que fazia um tempo que o céu estava com um brilho estranho naquela direção, e como não tinha nenhuma cidade praqueles lados por mais uns cinquenta quilômetros, achou que fosse os Sorrentino fazendo alguma idiotice deles, mesmo. Isso, antes de aparecer no horizonte aquele foco de luz que era só um pouco maior que Aldebarã. Aquela velha.

Demorou ainda um tanto pra gente perceber que era fogo de verdade. Isso porque a mãe dirige rápido pra caramba. Nem liga que a caminhonete é mais velha que eu. Vai sempre a cento e vinte. Só quando a gente estava a uns cinco quilômetros da casa deles é que ela falou baixinho “filhos da puta”. Eu achei que fosse só raiva dos Sorrentino. Devia estar lembrando da vez em que eles compraram aquele monte de fogos de artifício e foram soltando pela estrada. Ela sempre lembrava disso quando a gente passava na frente do terreno deles. E erguia o dedo do meio até ele ficar pra trás, bem pequenininho no retrovisor.

Mas aí eu vi. Incêndio. Antes mesmo dos gritos começarem a chegar em nós, aquela casa enorme — três andares, e o telhado de duas águas acompanhando a fachada aristocrática — coberta de chamas. A mãe só repetiu “aqueles filhos da puta” e continuou olhando fixo pro fogo. Nem quando eu perguntei o que que a gente ia fazer ela desviou o olhar; só rangeu um “vamos ver”, mais para ela mesma. Mais nada. Ela odiava eles. Desde o começo. Odiava os filhos porque só faziam merda. Odiava os pais porque deixavam os filhos fazerem merda.

A gente foi chegando perto, e ela diminuiu um pouco a velocidade. Agora o brilho que vinha do casarão cortava no escuro os contornos das coisas afundadas no fundo da noite, que chegavam à superfície pintadas de cobre. Arbustos no gramado fechavam o lado sudeste; uma parede de folhagem onde começava a mata de pinheiros fechava o outro lado. Ao redor do fogo e em toda direção, não dava para saber quantos vultos pulavam. Eu nem tentei contar. Eles se espalhavam para todos os cantos, como as faíscas de uma pinha começando a queimar.

Apareceram carros estacionados na grama do jardim, perto do portão. Eu soltei o cinto e fechei o casaco, mas a mãe seguiu. Deixamos para trás a casa queimando alto com as pessoas, e a massa compacta dos pinheiros bloqueou completamente a luz, as formas e as vozes. Eu virei pra mãe, sem entender, e ela só disse “hoje a gente não vai parar”. Eu protestei. Falei que a gente precisava ir lá ver o que tinha acontecido.

***Yuri Amaury** nasceu em Curitiba, em 1991. É doutorando em estudos literários na UFPR e poeta, autor de *O corpo do trovão* (Kotter, 2022) e *Agáloco|transviscerações* (Urutau, 2020).

Uma parte do telhado desmoronou. Estouraram gritos em redor.

Ela, só "não". Olhando sempre pra frente. Eu sabia que ela estava lembrando de quando o pai quebrou a perna, no meio do campo. Ela foi procurar ajuda na estrada enquanto eu cuidava dele. Os Sorrentino estavam vindo de carro; aquela caminhonete quatro por quatro que eles tinham mandado trazer dos Estados Unidos no começo do ano. A mãe ficou acenando desesperada e gritando para eles virem ajudar. E eles não pararam, é claro.

Então eu falei pra ela pelo menos me deixar ir lá dar uma olhada, só pra ver o que tinha acontecido. Ela podia ficar no carro; mas só para eu ver. Também, tinha um negócio meio escondido atrás da casa que, de longe, parecia um helicóptero. Aí ela grunhiu e começou a fazer a volta. Já estava quase no fim da mata de pinheiros; a gente tinha passado bastante dos Sorrentino.

Ela embicou bem na frente do portão. "Quatro minutos. Não me faça ir te buscar." Eu ainda olhei pra ela um pouco, antes de descer, meio que esperando que ela fosse comigo. Mas ela nem desligou o carro, então eu fui mesmo assim, enfiando as botas na lama e nas poças da entrada, e ergui o ferrolho para passar. Tinha uns cinquenta metros até a porta da casa; um espaço cheio de carros que servia de estacionamento pras festas e um jardim quase inteiro alagado (com os bancos, o caramanchão, o coreto, a casinha de bonecas), e depois um terreno liso e aplainado, dividido ao meio pelo caminho que levava até os três degraus de pedra da porta.

E aí eu recebi em cheio o barulho dos berros e dos uivos deles, o corpo inteiro embrulhado em uma lixa por todos os lados. A desorientação tomou conta sem nem precisar entrar no meio deles. Veio a minha velha taquicardia, e ficou difícil andar em linha reta; os cantos dos olhos foram ficando turvos. Era um movimento de bicho do mato e de mariposas que eles estavam fazendo, mas não era — mesmo com toda a tontura morando na minha cabeça, eu conseguia ver isso —, não era obra do desespero aquilo.

Ninguém nem percebeu que eu cheguei ali. A guerra de lama concentrava todas as atenções de um grupo. Umas vinte pessoas, talvez; tinham cavado trincheiras bem na frente do casarão flamejante e atiravam pelotas de lama bem compactas uns nos outros. Algumas delas deviam ter pedras dentro, porque tinha gente com o nariz amassado, e cuspindo sangue. Esses eram os que mais riam e gritavam. Um barbudo enorme tirou a camisa, berrou e saiu correndo; acertaram um monte de bolas no peito e na cara dele, mas ele continuou sem escorregar e se jogou nos atiradores, pra dentro da valeta deles. Eu atravessei por trás de uma das trincheiras, onde eles tinham deixado as pás, e bem do lado de um moço que estava com as mãos inteiras vermelhas da lama da nossa terra, até os cotovelos. "Pega uma aí e corre lá." Sotaque de Curitiba. Falei que já vinha jogar.

Chegando na frente da fachada, dava para ver que ela ainda ia resistir por um tempo. No lado com os pinheiros, que era ladrilhado, tinha dança. Eles rodopiavam em casais, trocavam de par, faziam rodas e túneis; e saudavam o incêndio. Como quando as pessoas dançam em volta da fogueira na quermesse. Cantavam, também, se esgoelando de um jeito que doía de ouvir; mas cada um com uma música diferente. Aproveitei a saudação pra passar pro outro lado da propriedade.

O helicóptero estava pousado no pátio leste, bem no meio. Fui direto até o homem que estava sentado sozinho numa cadeira perto dele. Ele fez uma reverência, e eu fiz uma pergunta. "Oh, sim, meu anjo, tivemos um pequeno incidente. Mas 'cê pode ver que 'stá tudo sob controle" — tirou uma baforada do narguilé e indicou com a mão aberta um grupo que estava sentado quase colado no fogo. "Assando *marshmallows*; 'stá vendo os galhos ali, fincados no chão? E eles têm um sacão de três quilos de *marshmallow*. Tinha mais lá na despensa, mas sabe, né?" Risada rouca. "Pode me chamar Giorgio, aliás. *Enchanté*." Eu não quis me apresentar. Olhei pro lado, onde tinha um casal se agarrando numa namoradeira afastada. "Ela tem os *reels* mais curtidos de São Paulo. Ele? Ele tem o contato da melhor coca."

"Mas puxe aquela cadeira, anjo meu, não fique aí em pé na lama. É sujo. Claro que os bombeiros estão a caminho. Alguém deve ter chamado eles, com certeza. Acho que o Olavo, ali. Eu vi ele falando ao celular. Mas ele também podia estar falando c'outra pessoa. É aniversário dele hoje, aliás. Uia, olha lá!"

Uma parte do telhado desmoronou. Estouraram gritos em redor. "Oh, não, ninguém está preocupado. Todo mundo conseguiu escapar, não? O resto é problema das autoridades. Não, o senhor e a senhora Sorrentino não estão. Ficaram em Curitiba. Só as crianças vieram para a festa." Falseou uma risada infantil. Ele ainda não tinha falado como o incêndio começou.

"Não sei mesmo, anjo. Talvez acidente. Talvez tenha sido ideia de alguém. Pode ter começado de brincadeira, e aí… Mas não digo que tenha sido má ideia. Não é uma coisa linda? É mais deslumbrante que a fachada do Hilton. Não tem maneira melhor de terminar uma festa. E o Olavo é o primogênito, sabe?" Eu olhei em volta. O casal tinha levantado e ido pro outro lado da casa, onde não tinha ninguém. O pessoal dos *marshmallows* estava alimentando um ao outro direto na boca com os pedaços tostados que tiravam das pontas dos galhos.

"Um pouco de tudo, meu anjo, um pouco de tudo. Nem eu sei tudo que eles estavam passando na festa — e olha que eu trouxe metade do carregamento. Direto de Sampa. Mas com certeza muita coca e *speed*, e alguma anfetamina. Só coisa de qualidade, claro. Fora toda a vodca, licores, uísque e energético — muito energético. Se não, eles não iam 'star conseguindo fazer toda aquela guerra no pátio da frente. 'Cê viu, né? Uma beleza de trincheira. O time dos curitibocas contra o dos paulistanos… Europeus contra ianques. É, eles me chamaram pra ir lá, mas co'essas pernas curtas aqui só dá pra praticar o bom e velho tabagismo." Pra reforçar, sorveu uma longa tragada na biqueira metálica e deixou uma nuvem de fumaça se formar devagar em volta da sua cabeça.

Eu fiquei olhando a casa queimar. A essa altura, metade do telhado já tinha ruído. As violetas que ficavam nos vasos debaixo das janelas já tinham virado cinzas. Aí veio mais uma salva de gritos, e eu achei que alguma vidraça tivesse explodido sem eu ouvir; mas era a minha mãe que apareceu fazendo o contorno pelo lado do pessoal da dança e veio direto pra mim.

"Chega, Vera. Vamos, que as trutas estão esperando."

Eu olhei pro Giorgio, e ele deu de ombros. "Vai lá c'a tua mãe." Aí eu dei tchau pra ele, virei e fui indo de volta pra caminhonete, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. A mãe ia ao meu lado, quieta. Eu segurei o portão aberto para ela passar, e fechei com atenção antes de entrar e pôr o cinto de segurança.

Ela deu a partida e virou pra mim. Metade do rosto da cor daquele fogo que ainda ardia forte na nossa frente, metade mergulhada nas sombras. "Viu, né?" Eu fiz que sim com a cabeça. O estrondo de um lance de escadas desabando fez erguer-se um coro de risadas agudas e assovios.

Aqueles filhos da puta.



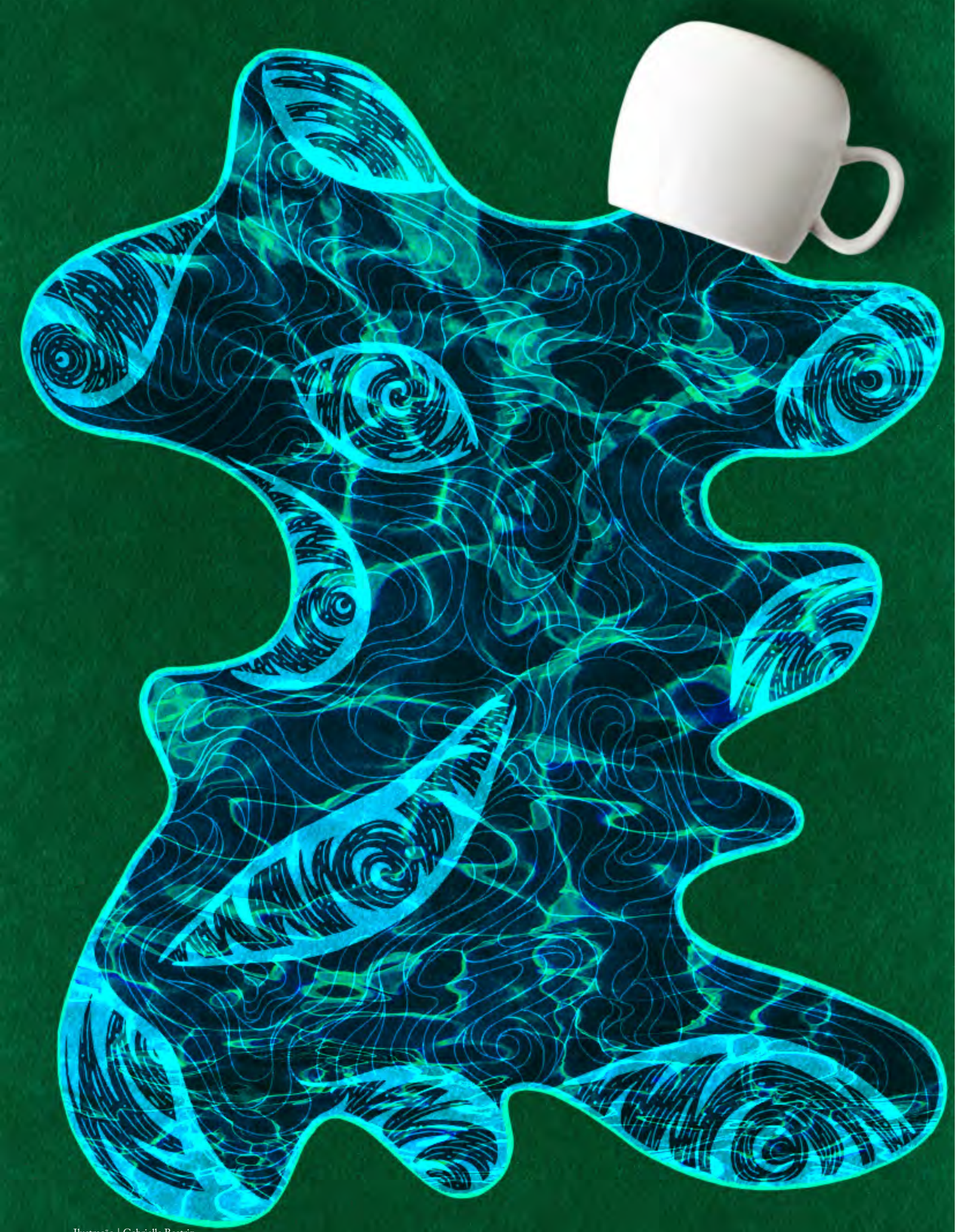


Ilustração | Gabrielle Beatriz

segundo lugar 2021 | conto

Em família

Abriu a porta de metal apontando a arma para o breu à frente. Ouviu passos apressados vindos em sua direção.
— por *Annalice Del Vecchio**

Quando André abriu a porta da casa onde passariam uma semana de férias, Anna imaginou-se puxando-o de volta, obrigando-o a recolocar as crianças e as malas no carro e a voltar imediatamente. Não fez isso, claro. Que ideia estranha para se ter após passar tanto tempo ansiando por um pouco de paz. Meneou com a cabeça desaprovando o próprio devaneio, provavelmente motivado pelo cansaço e as preocupações sempre crescentes. Era hora de relaxar, esvaziar a cabeça e usar mais o corpo, um tanto maltratado pelos muitos meses sem exercícios físicos e o excesso de trabalho doméstico.

O marido depositou as malas no chão. Os dois filhos continuaram atrás dela, amedrontados com a escuridão de dentro, mas ansiosos por conhecer logo todos os cômodos. Para tranquilizá-los, Anna acendeu de uma vez todas as luzes e, então, viu uma sala ampla, mobiliada com poltronas, sofás e até uma cadeira de balanço. Enquanto as crianças revezavam-se atirando-se nos diversos assentos e André inspecionava quartos e banheiros, Anna decidiu começar pela cozinha para verificar se tudo estava bem limpo ou se ela e o marido teriam que começar as férias higienizando louças e superfícies.

Abriu todos os armários verificando se havia ali tudo o que precisavam: copos, canecas, talheres, panelas. Frigideira, torradeira, liquidificador… Onde está a chaleira? Anna revistou novamente o armário de panelas, sem sucesso. Devem ter guardado em outro lugar, pensou, rodeando o espaço com os olhos. Encontrou-a em cima do fogão, pronta para ser usada. Um chá cairia bem. Pegou-a pela alça e percebeu que estava quente, como se tivesse sido usada recentemente.

— André, a chaleira está quente — Anna gritou. — Por que quem limpou a casa ferveria água?

— Para desengordurar a louça ou tomar um chá — especulou o marido.

— Deixaram a xícara pela metade em cima da mesa, vem ver — ela exclamou, pondo-se novamente no modo alerta a que estava habituada desde o início da pandemia, quando sair às ruas e conviver com estranhos, mesmo que só quando estritamente necessário, tornou-se motivo de grandes transtornos. André saiu apressado do quarto de casal para ver com os próprios olhos a xícara e a chaleira quentes.

— Que esquisito! — disse. Os dois entreolharam-se. Seu primeiro instinto foi, novamente, o de obrigá-lo a correr com as crianças para o carro e disparar pelo portão afora. Anna pensou que ter o mesmo desejo de fuga duas vezes em menos de cinco minutos só podia significar algo. Talvez ela devesse ouvir seus instintos. Ou se comportar de maneira sensata, pra variar, pelo menos na frente das crianças. Optou momentaneamente pela sensatez depois que o marido encerrou o caso afirmando que a xícara havia sido simplesmente esquecida por alguém que gostava de bebericar chá enquanto limpava.

Mais relaxados, abraçaram-se, tentando se sintonizar com os dias que teriam pela frente, livres de máscaras, álcool gel e contatos humanos. Trouxeram comida e outros itens que dispensariam idas ao mercado e à farmácia. Desfizeram as malas, conferiram se as toalhas e as roupas de cama estavam limpas e, então, decidiram iniciar, enfim, as férias. Abriram a grande porta de correr que dava para o terraço com redes, churrasqueira e uma mesa para refeições. As crianças já se balançavam nas redes, eles imaginavam qual seria a vista que teriam dali ao acordar na manhã seguinte, quando ouviram um grande estrondo vindo de cima, como se alguém tivesse esbarrado em algum móvel. Com as crianças em pânico, agarradas a suas pernas, Anna desejou não ter infringido o *lockdown* e permanecido em casa. Eles tinham um grande quintal, poderiam fazer churrascos e se balançar nas redes, tentando ignorar as "festas do corona" organizadas por um dos vizinhos do condomínio ao lado.

— O barulho parece ter vindo do ático — disse André.

— Pode ter sido um gato ou um gambá — disse Anna, bancando de novo a sensata.

— Entra no carro com as crianças e liga o motor. Vou olhar o ático e, se tiver alguém lá, saio correndo — disse o marido.

***Annalice Del Vecchio** é jornalista cultural, editora e produtora de conteúdo. É mestra e doutoranda em estudos literários pela Universidade Federal do Paraná.

Quer dizer que ele também acreditava que poderia haver alguém na casa. Um ladrão? Mas por que um ladrão se esconderia em vez de assaltá-los de uma vez, levando as malas, o carro, o dinheiro? Pelo tamanho do barulho, poderia haver mais de uma pessoa lá em cima, pensava Anna, enquanto tentava silenciar as crianças. E se fosse uma família desabrigada que invadiu a casa para se proteger do vírus e, à chegada deles, precisou correr ao ático? O marido frequentemente precisa expulsar famílias inteiras capazes de pular o enorme portão da casa deles na tentativa de se abrigar. Era triste vê-lo mirando o revólver na direção daquelas pessoas, obrigando homens, mulheres e crianças chorosas a dar meia-volta em direção à rua. Ela e o André envergonhavam-se desse gesto impiedoso feito diante dos próprios filhos, que aprendiam a serem desumanos, egoístas. Cogitaram abrigar uma família em uma barraca no quintal, mas o plano se desfez com a notícia da chegada de uma nova variante do coronavírus, bem mais letal do que as anteriores. Física e moralmente esgotados com as tentativas de invasão cada vez mais frequentes, decidiram contratar uma empresa de segurança para cuidar da casa e escaparam para a praia, com a ilusão de que poderiam voltar, pelo menos por alguns dias, a um tempo sem invasões, saques, medo.

Não, se houvesse realmente uma família no ático, ela pensou, haveria mais de uma caneca quente esquecida na cozinha. Melhor parar de divagar e ficar atenta aos sons de dentro da casa e às crianças, coitadas, que mal respiravam de tanto medo. Se pudesse decidir sozinha, fugiria sem olhar para trás assim que ouviram o barulho, como havia pressentido que deveriam fazer desde que chegaram.

André, no entanto, preferia acreditar que o que ouviram foi apenas o corre-corre de algum animal assustado com a presença deles. Na dúvida, sacou o revólver e subiu em silêncio a escada que dava para o ático. Quando alcançou o último degrau, respirou fundo e, então, abriu a porta de metal em um golpe rápido, apontando a arma para o breu à frente. Ouviu passos apressados vindos em sua direção. Às cegas, sem saber como agir, disparou contra o chão. Ouviu um gemido, em seguida, o silêncio.

Ao ouvir o estampido, Anna imediatamente deu partida no carro. As crianças gritavam: “Mais uma família, mamãe?”, atrapalhando seu esforço para tentar ouvir novos sons vindos de cima. Não, ela explicou, deve ter sido um bicho, talvez até um bandido, o pai de vocês já está correndo pra cá. Ela, no entanto, já não acreditava mais nessas possibilidades. Só esperava que o marido estivesse bem.

— Não atira — gritou uma criança. Por um momento, André achou que ouvia seu filho. Levou alguns segundos para entender que havia uma criança ali em cima. Levou as mãos trêmulas ao espaço perto da parede onde estaria o interruptor. As luzes acenderam-se, e ele viu, não uma família, como imaginava, mas pelo menos cinco ou seis. Alguns homens haviam se colocado à frente, formando uma barreira de proteção para o restante dos adultos encolhidos e agarrados aos bebês e crianças. Aos seus pés, um cachorro morto. André caiu de joelhos, largando a arma ao chão, e começou a soluçar, abraçado ao animal inerte. As famílias continuavam em silêncio, imóveis, os homens à frente encarando-o com persistência. Devagar, empurrou a arma para perto de um deles, erguendo as mãos ao alto. Então, levantou-se, balbuciando palavras pouco discerníveis, virou-se e desceu a escada em disparada. Com André no carro, Anna disparou em direção à rodovia. Só quando finalmente a alcançou, ousou olhar para o marido. Grandes lágrimas escorriam pelo rosto dele. Ao perceber que estava sendo observado, ele se recompôs, disse aos filhos que estava tudo bem, que havia se assustado com um gambá preso no ático e atirado, sem acertá-lo. Pegou na mão da mulher, esforçando-se para sorrir. Anna, então, confirmou sua certeza: tratava-se de uma família.

— Ponha a máscara, André, e abra a janela — disse. E, com os olhos firmes à frente, seguiu em direção à própria casa.



Ilustração | Gabrielle Beatriz

terceiro lugar 2021 | conto

Dúvida

O pescoço da senhora ia ficando arroxeado, e o rosto azulado, enquanto ela tentava gritar.
— por ***Rafaella Antunes****

A senhora tinha acabado de sair do banho e seu estômago já resmungava faminto o cheiro da torta salgada com que flertava. Enquanto secava os ouvidos e balançava a cabeleira molhada, ouviu uma comoção vinda do quarto. Era Bernardo, o jardineiro. Sujo de lama e cheirando a grama cortada, enchia os bolsos com as bijuterias baratas da gaveta superior esquerda da cômoda da senhora. Em outras ocasiões ela teria se gabado de quão verossímeis a joias reais eram suas bijuterias. Hoje não seria uma dessas ocasiões.

Mesmo que no fundo soubesse que o melhor procedimento a partir dali deveria ser se esconder e não intervir no ocorrido, uma nuvem de dúvida tomou conta da mente da senhora e ela indagou a Bernardo se era ele mesmo, mesmo já tendo certeza. “Bernardo?” Alucinado, ele a constatou ali de toalha e cabeleira molhada. Olhou para as próprias mãos recheadas de miçangas que jurava serem pedras caras. Soltou as pseudojoias e em poucos minutos segurava com as mãos o mais precioso dos pedestais. O pescoço da senhora ia ficando arroxeado, e o rosto azulado, enquanto ela tentava gritar.

> **“O sol, que estava com uma vontade imensa de explodir de novo. Então uma nuvem de dúvida tomou conta da mente da estrela e ele resolveu não explodir**

A outra senhora tinha acabado de calçar os sapatos não muito altos e um pouco desconfortáveis os quais ganhara da sobrinha no Natal passado. Recebera o presente junto com um comentário passivo-agressivo que dizia “encontrei esse sapatinho por um preço ótimo naquela loja para pessoas velhas na rua principal, pensei que você já poderia estar cansada de usar sapatos tão altos e coloridos já que não combinam mais com a sua idade”. A segunda senhora infelizmente cedeu à crítica e a partir daquele Natal abandonara seus tão queridos saltos que lhe deram muitos pretendentes e um par de joanetes.

Calçados os sapatos, traçados os cabelos, organizada a bolsa. Só faltava pegar o pote de plástico com o arroz à grega que fizera pra acompanhar a torta salgada. Saindo da casa, ouviu tentativas de gritos vindos da casa vizinha. Mesmo que no fundo soubesse que o melhor procedimento a partir dali deveria ser ligar para a polícia, uma nuvem de dúvida tomou conta da mente da senhora, que correu de encontro à amiga. Topou com Bernardo abrindo a porta da frente ainda com pupilas dilatadas. Correu o máximo que pôde, mas a porcaria dos sapatos desconfortáveis não lhe permitia. O último pensamento que passou por seu cérebro antes de ser esmagado por uma pedra basáltica do rio sobre o qual caíra foi uma lamentação de ter que morrer com aqueles saltinhos estúpidos.

A alguns metros dali, uma criança entrava no rio de basalto. Deixou os chinelos em uma pedra seca na lateral direita e abraçou a água. Cobriu o corpo todo até ficar só o nariz para fora e por baixo da água turva sentava uma perna perpendicularmente sobre a outra e fingia ser o homem mais forte do mundo. Deu tchau para a mãe que tão docemente acalentava com o olhar o corpo com frio do menino.

Como o homem mais forte do mundo, o menino resolveu que era forte o suficiente pra andar mais um pouquinho pro fundo. Sabia que deveria parar, mas uma nuvem de dúvida tomou conta da mente do menino: e se continuar mais um pouquinho? Andou até não dar pé e encontrou o inimigo. O redemoinho o engoliu e o menino não teve nem tempo de gritar por ajuda. A única coisa que avisou a mãe foram os respingos de água que molharam a pedra não mais seca. Avistando um braço que ainda se mantinha para fora da água como mastro de um navio afundando, correu para água e com uma força de mulher mais forte do mundo, recolheu o corpo quase afogado, mas ainda com vida do menino. Bernardo não morreu nesse dia porque tinha coisas ainda para resolver dali a vinte anos nessa vida, a alguns metros de onde estava.

O sangue da segunda senhora no rio começou a subir a montante. Era coeso e fazia todas as curvas como um volume com alma que se negava a morrer. Carregou folhas e pedras e insetos e por mais de 37,8 metros, tornou-se tão estreito quanto o agora riacho ao qual pertencia. O riacho, que começava na nascente. Na nascente do riacho: uma mão desavisada e toda melecada de manga de uma menina avoada enchia em cunhas o corpo ofegante: o corpo que não matou sua sede, que ficou com mais sede enquanto bebia além de água: sangue.

A menina de olhos fechados não viu enquanto sua mão avermelhava e não distinguiu o gosto de ferro que enchia sua boca. Só sentia cada vez mais dor, e mais sede. E quanto mais bebia água, sentia mais sede e mais dor. Pensava que deveria parar, mas uma nuvem de dúvida tomou conta da mente da menina. E ela continuou a beber mais dor, e sentiu mãos no pescoço, e sentiu desconforto nos pés, e sentiu um baque na cabeça, se sentiu puxada por um redemoinho, sentiu o desespero das senhoras, o medo do menino que se afogava e o terror da mãe que via o menino se afogar. Bebeu do passado, do presente e quem sabe do futuro. Sentiu-se melancólica e duvidou do sentimento, duvidou das dores que não eram delas, mas que estava vivendo através dela.

Sentiu os arrependimentos que morreram com as senhoras, e a culpa de não terem vivido enquanto podiam. Culpa tão grande que as impedia de ir embora, porque elas queriam mais alguns segundos, uns poucos minutos para sentir a brisa da vida, a calmaria da consciência, mesmo que para lamentar estarem vivas. Porque o lamento da morte é definitivo e ao mesmo tempo infinito, não é escuro, é um limbo leitoso sem brisa, sem calma, sem felicidade nem tristeza, é algo que não deveria ser. É o vazio da depressão e a bagunça da ansiedade. É a irresponsabilidade dos seres que nos deram uma palhinha da vida, mas não nos criaram para sermos eternos. Chutaram a bola do Big Bang e a deixaram rolar, ecoar para sempre e sem sentido.

A menina então aprendeu que é sempre melhor estar viva. E então todas as coisas pareceram muito pequenas para receberem atenção. Enquanto isso, o sol torava acima de sua cabeça enquanto lhe dizia: somos efeito da mesma explosão.

O sol, que estava com uma vontade imensa de explodir de novo. Então uma nuvem de dúvida tomou conta da mente da estrela e ele resolveu não explodir naquele dia e continuar a torar nos cocos de cabeças avoadas.

***Rafaella Antunes**, 27 anos. Curitibana passando calor no Rio de Janeiro. Bacharelado e mestrado em geologia pela UFPR.



Ilustração | Marina Mendonça

primeiro lugar 2022 | conto

Fumaça

Já não enxergo mais Eduardo. Não é só um box que nos separa, uma cortina invisível abre uma fenda entre nós.
— por ***Bárbara Martins Wieler****

O teto do quarto é invadido por uma bruma espessa que gira, em ciranda, como um algodão-doce que vai nascendo à medida que a cuba coletora transaciona pelas mãos do vendedor em frente ao circo. Os fiapos diáfanos vêm acompanhados de um perfume de almíscar e aquela atmosfera de névoa me acalenta, me envolvendo em um abraço cálido. Estou quase me dissolvendo, imiscuída àquela nuvem, quando uma gota fria escorre na minha paz: é a fumaça do chuveiro.

Aquela nebulosa espessa dedura Eduardo. Como se ele não soubesse. Afundo a cabeça no travesseiro e mordo as costas da mão. Não brigue, não por isso, não de novo. A irritação vem como um vômito, num jorro incontrolável, e quando dou por mim, estou escancarando a porta, invadindo o banho do meu marido. O perfume do sabonete me acolhe. Retomo o exercício de respiração — oito, expira, oito, inspira. É um aroma agradável, de limpeza e conforto. Eduardo tem bom gosto. Ele que escolheu. Eu teria jogado no carrinho o mais barato, com um cheiro tradicional de lavanda esmaecida ou rosa anêmica, qualquer barra vulgar que aliviasse os centavos da conta final, os olhos voltados para a calculadora, não para as firulas da embalagem.

Vejo os contornos do corpo do meu marido através do vidro embaçado. Continua um belo homem, o torso esculpido, as coxas firmes, os ombros em que me abriguei em tantas noites e nos quais acordei tantas manhãs permanecia convidativo. Ele canta algum sambinha bom num falsete divertido enquanto ensaboa os braços. Uma faísca percorre minha própria carne, ainda viva, ainda pulsante, um raio azulado de desejo, um frêmito que bamboleia minhas pernas e quase me arrasta, quase.

E se eu invadisse o box, ainda vestida, tomada por essa premência, uma fome que cega o juízo e apenas me manda, vai, vai, um vazio que só será preenchido por ele, com ele?

Ele me receberia, Eduardo é bicho dócil, me enlearia em um beijo e tudo se esfumaçaria, terminaríamos o banho trôpegos, exaustos, felizes, a abundância a nos encharcar, o sentimento revitalizado pela água curadora, a água é sagrada e leniente, a água cicatriza. Mas ser adulto é pensar que o sexo no chuveiro vai desperdiçar gás. E o gás está caro, um milímetro cúbico jorrado

> **“Eu tive a ilusão de que isto era tudo de que precisávamos: o desejo um pelo outro e o desejo de mudar o mundo.**

ao acaso, despejado em corpos naturalmente em borbulha, é criminoso, um luxo perdulário, impensável no nosso estado atual.

Sempre fomos um casal deslumbrante na cama. E no chuveiro também, época de solteiros, casa da praia da minha tia, as primas jogando tranca na sala, Eduardo e eu abafando nossa paixão no frio do azulejo, os lábios como ventosas, agarrados à parede, aquele verão foi inesquecível. Eu tive a ilusão de que isto era tudo de que precisávamos: o desejo um pelo outro e o desejo de mudar o mundo. Ainda desejo Eduardo, e me incomoda essa sensação escapulida do ventre, criança matreira fugindo embaixo da mesa para devorar o brigadeiro antes do parabéns, seria mais fácil não senti-la. Tento ignorá-la. Instintivamente, tampo meu sexo com as mãos em concha, como se pudesse sufocar a umidade na nascente, o mofo corroendo a carne. Meu moreno, ainda um menino, charmoso na época da faculdade, os cabelos longos como são os dos apaixonados, o olhar cremoso atrás do violão, as poesias desenhadas com as pontas dos dedos nas minhas costas, eu queria as estrelas e Eduardo fazia esse meu sonho brega parecer sofisticado, seríamos invencíveis em nossa megalomania, escreveríamos livros, participaríamos de saraus, abriríamos livrarias, editoras, abiscoitaríamos o Prêmio Nobel, um para cada um, bastaria acontecer.

Eu me sentia uma árvore ao seu lado, um ipê imenso, florido, abundante, as raízes fortes fincadas à terra, as pétalas roxas encantadoras, eu era o espírito da festa. O dia da poda foi o dia do fruto, as estações se inverteram e após a primavera chegou o outono. Quando o teste de gravidez deu positivo, naquele exato instan-

***Bárbara Martins Wieler**, sol em áries, é apaixonada por baunilha, cor-de-rosa e bebês. Define-se como “palavrista”, afinal, as palavras são seu ganha-pão e o alimento de sua alma. Formada em letras, mestre em literatura e doutoranda em linguística, é professora de redação, revisora, produtora de conteúdo, *ghostwriter* e ainda cria coragem para se apresentar como “escritora”, título com que sonha desde quando aprendeu a escrever, aos três anos. Já lançou um romance — *Raíssa* (InVerso, 2020) — e mantém o blog *Xarope de Baunilha*. Ter um conto escolhido no Concurso Luci Collin foi a realização de um sonho.

te em que outra linha azul se pintou na tira, eu guardei minha juventude na gaveta e dobrei os sonhos com delicadeza, veste para outra ocasião, a barriga não mais permitiria desfilá-los. Eduardo, não: rodopiou comigo pela casa, a roda de samba durou uma semana, o beija-flor orgulhoso da polinização. Esse fôlego permanece nele, tudo é motivo de comemorar, até as derrotas. Ultimamente, temos tido incontáveis chances de celebrar. Veja, se o negócio não deu certo não era para dar, se levamos calote é porque o nosso caráter é bom, e quando dou por mim, estou nua, mas não desmemoriada, o cansaço esvanecido pelo momento de um suspiro, não sei se viveria sem esse suspiro, mas o cansaço consome meus ossos e o sambinha me irrita.

A água cai, volumosa, o banheiro mergulhado na névoa, nessa pia de mármore claro comemoramos a mudança. Eduardo me ergueu pelo quadril e eu enlacei minhas pernas em volta dele para recebê-lo com uma alegria que me transbordava. Tudo dava certo, enfim. Foi contratado pelo melhor colégio da cidade, salário bacana, nossa casa própria com a entrada de um FGTS recolhido por mais de cinco anos com a minha carteira assinada naquela editora exploradora de jovens autores, como um dia quase fomos. Agora conseguiria bancar a prestação, bolsa de estudo para a pequena, um alívio nas minhas horas extras, poderia voltar a escrever. Não era grande o apartamento, mas na sacada cabia um varal, da janela eu apreciava um ocaso de baunilha e o chuveiro era a gás.

A fumaça densa precipita pela parede de pastilhas, gotas de almíscar escorrem em mim. E se eu invadisse o box, ainda vestida, tomada por essa raiva, uma angústia que cega o juízo e apenas me manda, vai, vai, um vazio que não é só culpa dele, mas do qual ele não assume a responsabilidade?

Eu apertaria a torneira, cessando o banho infinito, ou melhor, giraria a alça metálica para a esquerda, interrompendo de imediato a cachoeira morna e a substituindo pela realidade, a água gelada talvez o despertasse do torpor, Eduardo, acorda, chega de banho, chega de sonho, nosso apartamento será tomado pela Justiça, três meses de atraso, envelopes se acumulando embaixo da porta, o medo de sair de casa e ser abordada por algum oficial, a vergonha, o desespero, o que vamos fazer com a menina?, e você aí, bonitão, cara lavada, num banho de rei, usando o gás que não temos em um banheiro que nem será mais nosso, tenho tomado uma ducha de três minutos, sempre eu no sacrifício, meu livro engavetado, eu sabia que isso ia acontecer, eu sabia quando o vi entortar os lábios com aquela conversa besta de não se enquadrar no sistema. Eu tentei ser uma esposa agradável e torcer por um negócio natimorto, quem abre livraria no Brasil, Eduardo? Mas a proposta era fabulosa, e se eu não embarquei nela, fui arrastada pelos cabelos, era torcer para vingar, afinal, o emprego no colégio mandado às favas, eu já não aguentava mais aquela burguesia escrota, Eduardo nunca gostou de dar aulas lá, ok, ninguém gostaria, mas assim é o trabalho, não tem que gostar, é só fazer, no entanto, Eduardo ainda era movido à paixão, imiscível ao bom e velho capitalismo, e quando o amigo ofereceu aquela sociedade, ele pediu demissão sem nem me consultar e veio com a novidade como quem anuncia que comprou um terreno no paraíso. Tentei vibrar, tentei torcer, mas isso foi em agosto de 2019, e só tivemos tempo de usufruir da trabalheira, pinta parede, instala prateleira, contrata fornecedor, corre daqui, empréstimo de lá, o dinheiro do meu livro revertido na compra de estoque, e quando vimos, a pandemia. Uma livraria num país de Bolsonaro, em plena pandemia, foi uma receita saborosa de fracasso, o sonho dourado de uma vida não durou uma gestação, e Eduardo se eximiu, culpou a economia, a pandemia, o Bolsonaro, o golpe do amigão que pagava cerveja nas noitadas, e não tiro a razão dele, é claro que tudo jogou contra, mas não era presumível? Ele cantarola o sambinha e esfrega os cabelos, eu dei cabeçada desde então, buscando soluções, quebrando a ponta do lápis para a conta fechar, pegando frilas com um desespero que ele não manifestou desde então, entrou em outra escola, acha que está bom ter para onde ir duas manhãs por semana, antes não fosse, o valor da hora-aula mal paga a gasolina, o cartão de crédito já bloqueado, as humilhações diárias que se multiplicam, juntando os reais para ele gastar em sabonete, o ódio por não poder pagar um creme de cabelo mais decente, a menina reclamando que quer sucrilho, eu não quero ter que ligar para minha mãe de novo, o meu livro.

Já não enxergo mais Eduardo, nem o corpo moreno, nem os cabelos. O banheiro inteiramente tomado pelo vapor, a umidade entrando em meu pensamento e vertendo por mim, empoderando-me de uma visão cristalina, não é só um box que nos separa, uma cortina invisível abre uma fenda entre nós, o espelho baço, minha imagem não está ali, eu estou precipitada, diluída como algodão-doce no fim do espetáculo, o açúcar derretido, um palito sustenta minha matéria sublimada.

E se eu abrisse a porta, primeiro do banheiro, depois do quarto, depois do apartamento, e invadisse a rua, tomada por essa tristeza, uma fome que cega o juízo e apenas me manda, vai, vai, um vazio que me transborda, uma solidão? O turbilhão me turva, o gás esbanjado é um espeto de aço e perfura minhas células, banhando meus sentidos, Eduardo, eu digo com a voz fraca, Eduardo, eu o chamo, a fumaça me engole, o gás vai acabar, um jato frio, o fim do banho, a neblina insuportável, e se eu?

DICA DO EDITOR

Os gregos acreditavam em seus mitos?, de Paul Veyne (Editora Unesp): a resposta mais curta à pergunta do título é: sim e não. Para explicar esse aparente contrassenso, um dos maiores especialistas do mundo em Antiguidade, Paul Veyne, mostra, neste curtíssimo livro, de que maneira gregos e gregas entendiam os conceitos de "verdade", "história" e "mito" e como, a partir deles, teciam uma intimidade específica com os deuses — é que essas três ideias tinham muito mais a ver com tradição que com aquilo que entendemos contemporaneamente por prova material.



Ilustração | Marina Mendonça

segundo lugar 2022 | conto

Tonho Torto e Severo Sentado

(balada em prosa)

Eu, Tonho Torto, matei Severo Sentado pra roubar o seu chapéu.
Desde então, tenho fugido. — por ***Nícolas Wolaniuk****

Tonho Torto matou Severo Sentado para roubar seu chapéu, mas o chapéu não lhe serviu e Tonho Torto o vendeu por um punhado de moedas velhas. Já então a polícia o procurava, estampando seu rosto nos televisivos. Não teve tempo de se despedir das filhas. No meio da fuga, jogou as moedas no rio.

Correu tanto que deu num deserto. Exausto, sentou nas dunas, donde viu o Diabo. Quis vender a alma, mas não era Diabo, era Severo Sentado. Teve medo e correu tanto que deu numa cidade. Na primeira pousada que encontrou, Tonho Torto comeu pão e bebeu água. Em seguida, arranjou um quarto, onde pôde descansar o ombro, depondo a trouxa de roupas no chão. Depois tomou banho e dormiu. Mas não dormiu porque Severo Sentado se sentou ao pé da cama.

Novamente estava fugindo. Foi aprendiz de um padeiro até que, cansado de enrolar massa, se sentou para descansar, mas ao seu lado sentou Severo Sentado. Foi aprendiz de um ferreiro até que, cansado de fundir ferro, se sentou para descansar, mas ao seu lado sentou Severo Sentado. Foi aprendiz tecelão, mas não foi, porque ao se sentar para aprender ao seu lado sentou Severo Sentado.

De novo está fugindo. Abre o olho. Está num jogo de cartas. A mão é ruim, ele perde a aposta. Joga de novo, a mão é ruim de novo e de novo Tonho Torto perde. Depois ganha, porque a mão é ruim, mas ele escondeu o coringa na manga. Com o dinheiro, Tonho aluga um apartamento nos pampas, onde muda de nome e de bigode.

Durante todo este tempo, Tonho Torto ficou em pé e Severo Sentado não o incomodou. Mas já se contavam trinta anos longe de casa, durante os quais não se sentara nem uma única vez. Tonho Torto quis voltar, mas não voltou. Depois voltou, mas a mãe tinha morrido, o pai tinha morrido, uma filha era freira em Portugal e da outra não se sabia. A esposa estava velha e torta demais para reconhecê-lo, que estava velho e torto demais para ser reconhecido. Além do mais, ela casara com outro, que também se chamava Tonho, que também era torto. Foi então que os joelhos falharam e Tonho Torto desabou no chão. Sentou, abraçando os joelhos e quis chorar, mas não chorou, porque soube que, se chorasse, a mão gentil de Severo Sentado lhe estenderia um lenço.

Tonho Torto se arrependeu. Lembrava das filhas, depois lembrava da infância, depois lembrava da escola, depois lembrava de Maria Rita de Castro Silva, depois lembrava da Igreja, que há muito não frequentava. Entrou na capela onde lhe ensinaram o pai-nosso e as safadezas. Ajoelhou, comovido, murmurando as linhas da oração que ainda não esquecera. Levantou a cabeça e contemplou a cruz. Sua alma foi pura por um momento. Implorou por redenção. Disse no confessionário:

— Eu, Tonho Torto, matei Severo Sentado pra roubar o seu chapéu, que depois vendi. Desde então, tenho fugido. Desejei todas as mulheres que vi, principalmente as casadas, e roubei sempre que pude, ainda mais dos pobres. Trabalhei para construir minha casa, mas todas as casas que fiz pegaram fogo. Ontem quis vender a alma. Hoje estou aqui.

Mas, no confessionário, não era um padre que o escutava. Era Severo Sentado.

Embora cansado, Tonho Torto decidiu fugir e, embora as pernas lhe doessem, continuou fugindo. Deu a volta ao mundo correndo em linha reta de modo que foi tecelão, ferreiro e padeiro de novo, esteve na pousada e no deserto até que voltou para a cidade onde cometeu o assassinato. Exausto, sentou num banco, mas do seu lado sentou Severo Sentado. Mas não era Severo Sentado, era o Diabo. Mas não era o Diabo, era um policial. Não esperou que lhe falasse. Na sala do delegado disse:

— Eu, Tonho Torto, matei Severo Sentado pra roubar o seu chapéu, que depois vendi. Perdi tudo que tinha nos jogos de azar, depois recuperei, trapaceando. Atirei em pássaros sempre pra matar e roubei todas as galinhas que consegui comer. Uma vez enfiei um graveto no cu de um gato. Trabalhei para construir minha casa, mas todas as casas que fiz pegaram fogo. Ontem fugi. Hoje estou aqui.

E Tonho Torto contou tudo e a tudo ouviu o policial.

— Mas ainda não acabei. Tenho um pedido. Quero ser preso na menor cela que houver, onde não haja cama e onde não se possa deitar. Quero uma cela sem banco e sem banqueta, sem assento e sem encosto, sem estrado e sem estrame, sem escanho ou escabelo, sem poltrona ou canapé, sem divã e sem sofá, sem tarimba e sem cadeira. Uma cela tão estreita que o corpo só caiba na vertical.

> **“Deu a volta ao mundo correndo em linha reta de modo que foi tecelão, ferreiro e padeiro de novo, esteve na pousada e no deserto até que voltou para a cidade onde cometeu o assassinato.**

Mas o crime já era prescrito e Tonho Torto não podia ser preso. Além do que, ninguém na cidade se lembrava de nenhum Severo Sentado nunca. Nem estava certo o delegado se aquela história realmente tinha se dado naquela cidade. Nem estava certo o delegado que aquela história tinha realmente se dado em algum lugar. Na primeira vez, o delegado disse que não podia prendê-lo. No entanto, Tonho Torto era doido e velho e sua coluna entortada lembrava uma figueira triste. Pediu só mais uma vez.

Tonho Torto acabou alojado no armário de vassouras, tão apertado que só de virar o pescoço o nariz batia nos cabos. E o assassino de Severo Sentado, que fugira sem parar por trinta anos, por outros trinta ficou preso em pé. Para mim, o delegado me contou que mais de uma vez ouviu Tonho Torto, nas últimas semanas de vida, maldizendo: e nem me serviu o chapéu…

Morreu angulado como um cateto. Não sei se Severo Sentado voltou a incomodá-lo.

***Nícolas Wolaniuk** nasceu em 1999 em Curitiba. Atualmente é graduando em letras pela UFPR.

DICA DO EDITOR

A *ralé brasileira*, de Jessé Souza (Contracorrente): as populações superempobrecidas das grandes cidades, esmagadas por uma invisibilidade tanto social quanto institucional que as exclui do próprio direito à cidadania, ganharam a atenção do sociólogo Jessé Souza e de um grupo de outros pesquisadores que durante anos investigaram essas pessoas na sua humanidade: as mulheres (empregada doméstica, prostitua etc.) e os homens (crente, delinquente, trabalhador braçal etc.) nas particularidades de cada um. O estudo, já clássico da área, é ainda uma crítica à própria ciência social brasileira, que se mostrou conservadora e indiferente ao cerne de certos problemas do país.

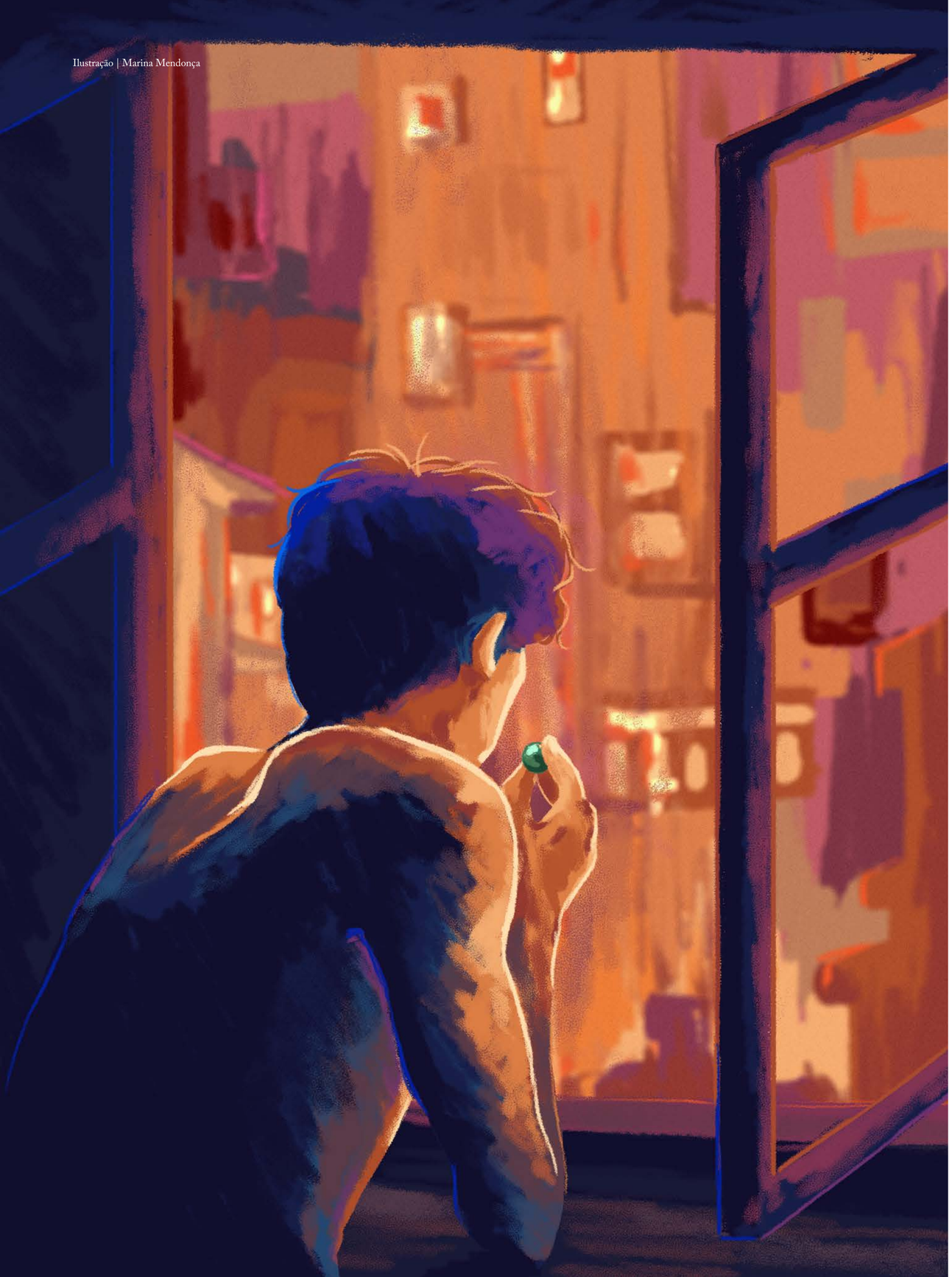


Ilustração | Marina Mendonça

terceiro lugar 2022 | conto

Ódio *construtivo*

Era mais uma noite festiva no deserto! — por ***Alexandre Rahman****

Sonhei com o Arthur Cravan. Eu tinha acabado de virar uma esquina em Montparnasse. Conhecemo-nos num canto da avenida. Fizemos alguns *rounds* de *sparring*. Ele me apresentou a Mina Loy. Apertamos as mãos. Perambulamos, nós três, nas ruas parisienses, nas ruas nova-iorquinas, nas ruas vienenses. Eu propus ao Monsieur Cravan que publicasse um poema de minha autoria, na *Maintenant*. Eu disse que ele mesmo poderia me dar um pseudônimo. "Me chame de senhor ou do que você quiser!", redarguiu ironicamente. Rimos à beça. Ato contínuo, calçamos as luvas e partimos para outro assalto.

Dia de quarta-feira. Acordei feliz porque fazia sol mas não havia mormaço, e eu podia enxergar bem sem os meus óculos escuros; cheguei a ponderar as vantagens de um jejum prolongado até a primeira parte da noite; pensei se deveria pintar o meu rosto, ou os meus lábios, ou se deveria me limitar a cobrir-me a testa, o nariz, e as bochechas com alguns miligramas de protetor solar fator cinquenta.

Era o mesmo caminho e o mesmo transporte público, para que eu chegasse à biblioteca municipal. Saí de casa apressado e saltei para dentro do ônibus, cheio de esperança, contando cada acontecimento e cada rosto encontrado como mensagens subtis de reconciliação. Quem sabe, eu a encontraria de novo, e teria a oportunidade derradeira de tocar a sua mão e lhe dizer toda a verdade… Era isso o que eu desejava. O meu sonho já não tinha mais nada a ver com os outros, ou com qualquer coisa que um desconhecido pudesse me revelar. De volta à cidade, eu me encontrava distante das pessoas que antes me acompanhavam em diferentes ocasiões. Quase todas elas, triviais, até mesmo quando eu as observava em retrospecto. Com o correr do tempo, fui naturalmente pegando o jeito de me esquecer das futilidades passadas. O que persistia na minha memória eram sombras repetidas, pequenos acontecimentos que mudavam de forma e se reconstituíam rapidamente como símbolos de desdém falacioso.

Grata surpresa: encontrei, na primeira estante da seção de literatura brasileira, detrás dos painéis de vidro que me aproximavam do jardim da biblioteca e das luzes da tarde, um volume completo da poesia e da prosa de Murilo Mendes. Detive-me nos poemas do abismo, em que não havia lamento, nem desejo manifesto. Senti-me livre de minhas míseras preocupações, durante alguns instantes, enquanto me arriscava a lidar com a introspecção de um poeta que poderia tornar-se ele mesmo um gesto ágil de rebeldia. Era o ato poético, soberanamente desarmônico, cuja realidade verbal firma-se numa dimensão particular em que a consciência do poeta busca alcançar a essência surreal da vida, do amor, daquilo que move os corações e transforma os dias em passagens de delírio pneumoasmático, cuja finalidade é uma cópula régia precedida por coros dançarinos.

Não encontrei o que procurava. O tempo consumia-se a si mesmo, e a minha juventude, face à morte, lutava contra as mentiras do mundo, contra as armas dos meus inimigos. Voltei ao apartamento. Notei que todas as luzes estavam apagadas. Era noite. Os jardins cultivados pelos vizinhos desconhecidos não haviam mudado. Eu percebia a arrumação simplória das flores entre cores amarelas, vermelhas, alaranjadas… via o fundo verde da natureza-viva

"Quem sabe, eu a encontraria de novo, e teria a oportunidade derradeira de tocar a sua mão e lhe dizer toda a verdade... Era isso o que eu desejava. O meu sonho já não tinha mais nada a ver com os outros, ou com qualquer coisa que um desconhecido pudesse me revelar.

***Alexandre Rahman**. 24 anos. Nasci em Juazeiro-Bahia. Vivi quase toda a minha vida no Nordeste. Vivi no Rio, também. Estou em Curitiba. Não sou um paladino da linguagem. Não acredito na literatura da pesada. Não exalto o abismo. Não disponho de método algum — nem para ler, nem para escrever.

e diminuta dos desejos alheios. Busquei no armário do meu quarto uma garrafa velha de vinho. Restava metade. A primeira parte fora consumida meses antes, o que me causara dores fortes no estômago, uma violência particular que em nada alterara o meu vício. Num único gole, encerrei o conteúdo envelhecido da garrafa, e acendi um cigarro, pois ainda não me sentia preparado para a continuidade da noite.

Terminei de ler os últimos capítulos de uma novela inglesa e fiz a primeira refeição do dia. Parei um instante, olhei para o assoalho de riscos ingentes carcomidos, lembrei-me e esqueci-me dos achaques sentimentais contra a prolixidade, lembrei-me do império dos eunucos, cujas leis e execuções continuavam a produzir incontáveis catástrofes. Perguntava-me a mim mesmo se eu era um dos sobreviventes do último massacre, ou…

Então, alguém bateu à porta do apartamento. Eu, por meu turno, não esperava por ninguém. Tampouco me anteciparam alguma visita. O interfone deixara de funcionar havia tanto tempo, e o orçamento dos condôminos ia ficando cada vez mais insignificante perto das dificuldades da pandemia e da decrepitude econômica do país. Eu não acreditava em nada disso. Uma regra infalível na biografia homuncular, ao longo dos séculos, é a de que a falta de dinheiro não implica mal de nenhuma espécie, a menos que se tenham pretensões de pequeno-burguês; a verdadeira pobreza é apenas uma dentre tantas implicações negativas da falta de criatividade. O homem que resume o seu pensamento a manuais introdutórios, e que se força a crer na castração dos sentimentos, esse sempre será miserável.

Descerrei a porta do apartamento. Era Newton, um dos membros da gangue; era, de todos, o mais velho; estava prestes a completar quarenta anos, e batia à minha porta, sem mais nem menos, à procura de um baseado e de quatro ou cinco minutos de conversa amena. Era o mesmo de sempre. Newton, com a sua fisionomia de morto-vivo, de quem não se decide entre vestir-se mal e andar à toa, descamisado, a qualquer horário, a despeito de sua típica e ridícula obesidade de homem de meia-idade. Os seus olhos não expressavam o seu desespero interior, porque o mundo causava-lhe uma preguiça de sólidas premissas. Era melhor fingir que tudo não ia tão mal assim. A conclusão da noite, para Newton, tinha qualquer coisa a ver comigo. Ou devia ter, pelo menos. Contudo, naquela noite, não pudemos evitar a digressão. Eu não tinha o que oferecer. Nem maconha, nem fumo, o vinho barato deixara de ser uma realidade comum… Tive de deixá-lo ir embora, um pouco menos drogado, mais do mesmo.

Lancei algumas bolas de gude ao chão, pois ficaria contente em ouvir o barulho das esferas de vidro batendo contra o piso de madeira. Era tarde da noite. Despi-me da minha camiseta, olhei-me no espelho vertical da sala de estar, e percebi que o meu corpo mantinha-se dimensionado em amável proporção. O meu nível de gordura corporal nunca fora tão insignificante. Orestes, Adonis, Páris…

Fui ao quarto. Tentei dormir. Do meu quarto no terceiro andar, situado a leste dos outros cômodos, pude escutar colérica altercação, entre um homem e uma mulher, na rua defronte; dois moradores de rua, que discutiam sobre questões familiares, consumo de drogas, e abuso sexual. No fundo, só queriam foder e se embebedar.

— Puta que pariu… Uma mulher dessa tem que apanhar… Dizendo que eu sou estuprador…

— É estuprador, sim!

— Rapaz… se eu tivesse um revólver aqui eu te dava uma pá de tiro!

— Ontem tu tava chupando a minha boceta!

— Saia da minha vida, urubu!

Era mais uma noite festiva no deserto! Essa cena risonha fez-me tão animado, que perdi o sono por completo. Saltei da cama e fui às pressas para a janela do quarto. Emoldurei-me entre os meus ombros e os meus cotovelos, e vi: o jovem-mendigo sacara do seu carrinho de supermercado, dentre incontáveis entulhos, um bastão de madeira, de formato retangular, com o qual desferiu fortes pauladas contra as costelas da desnutrida difamante. Ela chorou, rosnou, rangeu os dentes, precipitou-se para lá e para cá, entre gritos e novas acusações, mas ninguém a acudiu.

As almas sombrias daquela vizinhança sabiam do que uma mulher era capaz. Os bestinhas dormiam cedo. Apenas os malditos estavam despertos. E qual seria a vantagem do sofredor, do coitado infame, senão certa imunidade psicológica, aquele senso de aversão automática à moralidade do homem traído? Quem quiser que continue a ser corno. Melhor deixar o mundo correr…

Não demorou muito, e ela foi embora. Gritos e sussurros. O mendigo arrumou alguns bricabraques dentro do seu carrinho de supermercado, a noite corria devagar na cidade. O mendigo caminhou até a esquina, trocou algumas palavras com outra sombra espezinhada, ganhou de presente um cigarro e foi fumando tranquilamente.

DICA DO EDITOR

A fronteira, de David Cureses (Editora UFPR): nesta peça que ganhou o Prêmio Argentores de Drama em 1960, o dramaturgo argentino usa do mito de Medeia, a mãe que num ato desesperado mata os próprios filhos, para refletir sobre os sofrimentos infligidos às populações nativas das sociedades coloniais nas Américas. Por isso situa a trama nos pampas de seu país durante a chamada Conquista do Deserto, campanha militar que levou o Exército cristão a uma encarniçada luta contra os povos originários pela posse da terra. Nas figuras da indígena Bárbara e do Capitão Jasão Ahumada, o texto não deixa de lado discussões a respeito de gênero, raça e classe.

Venha conhecer o novo espaço da Livraria da Editora UFPR

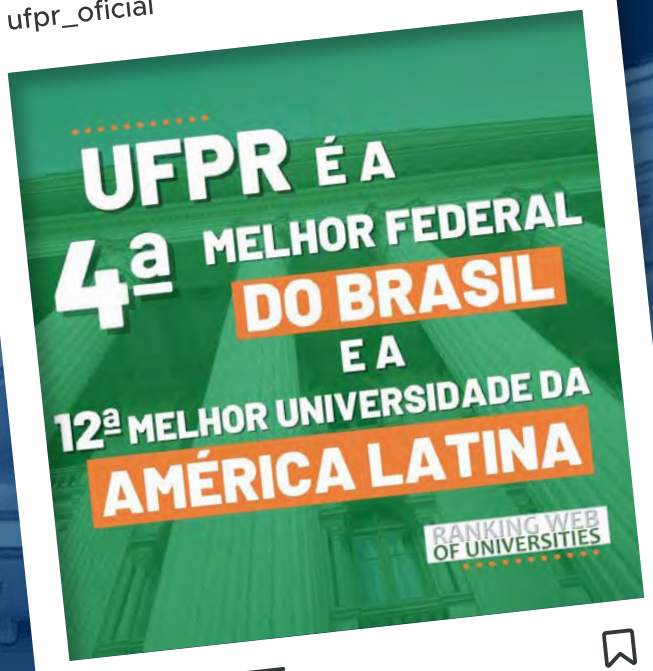


Endereço

Rua General Carneiro, 460
Edifício D. Pedro I

UFPR 110 anos

ufpr_oficial



ufpr_oficial



ufpr_oficial



ufpr_oficial



ufpr_oficial

